

MEMÓRIA DOS IRMÃOS MARISTAS



Consagrados a *Deus*

PARA A EDUCAÇÃO EVANGELIZADORA
DE CRIANÇAS E JOVENS

VOLUME 1



PROVÍNCIA MARISTA
BRASIL CENTRO-SUL

MEMÓRIA DOS IRMÃOS MARISTAS

Consagrados a *Deus*

PARA A EDUCAÇÃO EVANGELIZADORA
DE CRIANÇAS E JOVENS

VOLUME 1



PROVÍNCIA MARISTA
BRASIL CENTRO-SUL

Expediente

Organização: Ir. Roque Brugnara

Coleta de testemunhos e biografias e redação: Ir. Aloísio Khun

Revisão sintática: Ir. Virgílio Josué Balestro

Edição: Denilson Rossi

Iniciativa: Diretoria de Vida Consagrada

Apoio: Comunicação e Marketing da Província Marista Brasil

Centro-Sul

BRUGNARA, Roque

Consagrados a Deus: para a educação evangelizadora de crianças e jovens - 1

- Província Marista Brasil Centro-Sul, 2024

ISBN

B

I. Título: Consagrados a Deus: para a educação evangelizadora de crianças e jovens - 1

CDU 929 / CDD 992.2x

Sumário



06

Waldemar Bertholdi

1922 – 2003



13

Heitor Zattar

1928 – 2003



26

Florentino Adami

1919 – 2003



36

José Pereira Dias

1931 – 2003



45

Adelino Silvestro Dalpiva

1922 – 2004



55

Pedro Sartori Zanella

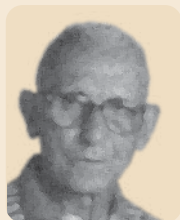
1913 – 2004



69

Geraldo Minuscoli

1928 – 2005



89

Alberto Smaniotto

1918 – 2004



99

André Nahirniak

1918 – 2004



116

Gildo Dematté

1916 – 2004



126

José Francisco Ruver

1919 – 2004



140

Dionísio Caresia

1925 – 2004



155

Lino Conte

1915 – 2005



167

Rudi João Neis

1931 – 2006

Introdução

Com os dados registrados neste livro, fazemos memória dos Irmãos Maristas que dedicaram suas vidas e gastaram seus anos na educação cristã de crianças e jovens.

Não pretendemos descrever imagens de santidade, “pintar o santo”, como se dizia; queremos mostrar dados de pessoas concretas para dizer que é possível construir uma vida santa ou gastar a vida pelo Reino de Deus, mesmo com os altos e baixos das características de cada personalidade. A santidade é uma longa construção que dura toda a vida. Se começar bem, na família, pode ter boa continuidade na vida consagrada a Deus.

Queremos mostrar que, em situações concretas, o grão de trigo, caído na terra, precisa morrer para gerar nova planta. Assim a pessoa humana, recebe a vida terrena mas precisa entregá-la a Deus para alcançar a eternidade; aliás, como fez Jesus.

Os primeiros cristãos, na espiritualidade do martírio (testemunho) não duvidavam em entregar a vida, pois desejavam morrer como Jesus para ressuscitar como ele. Agora a situação não é tão clara. Trata-se de entregar a vida dia após dia, na esperança de ressuscitar para a vida eterna feliz.

O final da vida, a morte, é sempre um ato de entrega irreversível. Mas ele pode ser precedido de uma doação consciente e contínua ao serviço do Senhor.

Neste livro as fotografias não foram colocadas em ordem cronológica. Vários Irmãos tinham poucas fotos e muitas sem data. Tentou-se atribuir uma data a partir dos elementos da foto e de outras informações. Elas são uma forma de mensagem, juntamente com o texto escrito.

Ressaltamos que este é apenas o primeiro volume de uma magnífica coleção intitulada “Projeto Biografias”. Neste projeto está previsto a publicação de várias obras nas quais o leitor vai ter acesso às biografias de outros irmãos maristas já falecidos. A respeito de cada um dos irmãos biografados, o leitor poderá conhecer um pouco sobre a família, formação, vocação, vida marista, trabalhos apostólicos, características pessoais e depoimento de coirmãos.

Coube-me organizar os textos já existentes preparados pelo Ir. Aloísio Kuhn com a ajuda de outros e ao Ir. Virgílio Josué Balestro a revisão sintática, a quem agradecemos.

Ir. Roque Brugnara – organizador



Waldemar Bertholdi

Ir. Walter André

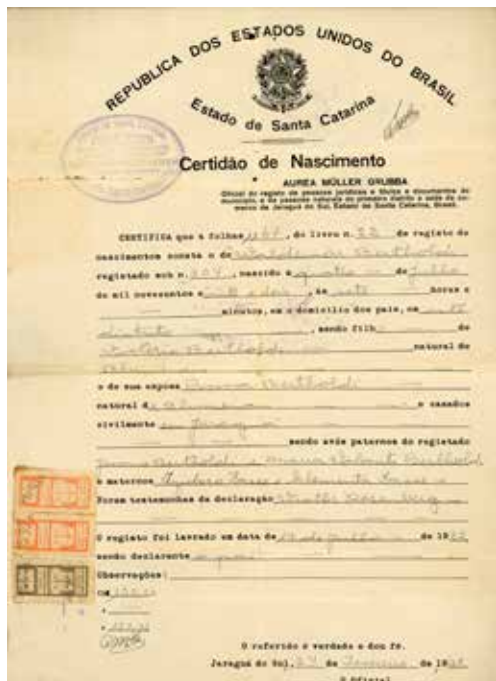
1922 – 2003

FAMÍLIA

O Ir. Waldemar Bertholdi nasceu em Jaraguá do Sul, o quarto filho na família de 9, sendo 4 homens e 5 mulheres, filhos de Victorio Bertholdi e Anna Bertholdi,

agricultores, nascido em 4 de julho de 1922. Faleceu na Residência Marista de Curitiba, no dia 13 de fevereiro de 2003 de Trombose Mesentérica e insuficiência cardíaca global. Foi o primeiro Irmão falecido na Província Marista Brasil Centro-Sul, depois de constituída em 22 de julho de 2002, fruto da junção das antigas Províncias de São Paulo e de Santa Catarina. Foi sepultado no Jazigo Marista, no Cemitério Água Verde, em Curitiba.

Seus parentes mais próximos residem em cidades do vale do Itajaí, mais especificamente, em Blumenau e Rio do Sul. O Ir. Waldemar tinha o mano Orestes (*1919 †2000) também Irmão Marista, falecido em São José dos Pinhais.



VIDA CRISTÃ E MARISTA

A iniciação à vida cristã, do Ir. Waldemar, aconteceu em sua terra natal mesmo, conforme descrito abaixo:

13/08/1922 Batismo: Paróquia São Sebastião, Jaraguá do Sul, SC

07/09/1927 Crisma: Paróquia São Sebastião, Jaraguá do Sul, SC

Com apenas 13 anos de idade, Waldemar Bertholdi, teve a oportunidade de conhecer e ingressar na vida marista, onde desenvolveu toda uma trajetória:

17/04/1935 Entrada no Juvenato em Curitiba, PR, levado pelo Ir. Exuperância

22/12/1937 Entrada no Postulado, em Mendes, RJ

20/12/1938 Entrada no Noviciado, em Mendes

1940 e 1941 Escolasticado, curso Normal, em Mendes, RJ

Como estudante, Waldemar Bertholdi saiu-se muito bem. Basta ver a médias finais nos diversos anos do Ensino Fundamental (Ginásio, na época).

Admissão: 8,5 / 1ª série: 7,7 / 3ª série: 6,5 / 4ª série: 8,4 / 5ª série: 8,9

Nesses anos estudou: Português, Latim, Francês, Inglês, História Universal, História do Brasil, Geografia, Matemática, Ciências, Física, Química, História Natural e Desenho.

Após o Noviciado, seguiram-se os anos de profissão temporária dos votos religiosos, emitidos nas seguintes datas:

20/12/1939 1ª profissão

20/12/1940 2ª profissão

20/12/1941 3ª profissão

20/12/1942 4ª profissão

20/12/1943 5ª profissão

20/12/1944 6ª profissão

20/12/1945 Profissão perpétua em Mendes, RJ

TRABALHO APOSTÓLICO

Salientamos que os trabalhos apostólicos do Ir. Waldemar se deram, em grande parte, na área da educação, seja como professor, diretor substituto. O Ir. Waldemar nunca aceitou ser nomeado diretor do colégio. Ocupou, sim, essa função nas ausências do diretor, como diretor substituto. Outras funções por ele desenvolvidas:

02/01/1942 a 31/12/1943

Juvenato Marcelino Champagnat, Curitiba, professor

02/01/1944 a 30/06/1945

Colégio Marista Santa Maria, professor

02/07/1945 a 31/12/1954

Colégio Nossa Senhora do Carmo, professor

02/01/1955 a 31/12/1958

Colégio Marista Colatina, professor

02/01/1959 a 31/12/1959

Colégio Marista de Ribeirão Preto, professor, diretor

20/02/1960 a 20/07/1960

St. Paul Trois Chateaux, França, 2º Noviciado



Colatina 1955

1. Ir. Ambrósio Bernardi
2. Waldemar Bertholdi
3. Carlos Wielganczuk

4. Germiro Bertoli
5. Paulo Gonçalves
6. Mariano Civinski

7. Zeferino Falchetto
8. Paulo Egídio
9. Joseph Claudien

02/08/1960 a 31/12/1960

Colégio Champagnat de Franca, regente

02/01/1961 a 31/12/1961

Colégio Santista, Santos, professor

02/01/1962 a 31/12/1968

Colégio Champagnat de Franca, professor

02/01/1969 a 30/06/1970

Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, professor regente

02/07/1970 a 31/12/1970

Juvenato Marista Passo Fundo, RS, curso agrícola

02/01/1971 a 31/12/1979

Colégio Marista de Cascavel, professor supervisor

02/01/1980 a 2001

Colégio Marista de Ribeirão Preto, supervisor

Em sua carteira de trabalho consta um contrato com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade Católica do Paraná, de 01/09/1972 a 07/01/1973.

Entre 2002 a 13 de fevereiro de 2003, o Ir. Waldemar ficou na casa de repouso, em São José do Pinhais.



1946 aproximadamente



1967

FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

No tocante à formação acadêmica e profissional, Ir. Waldemar, procurou atualizar-se fazendo diversos cursos.

- **Curso de Matemática e Física**, concluído em 1946, em Curitiba, PR, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade do Paraná.
- **Curso de Orientação Educacional**, Universidade de Santos, SP, em 1961 (duração de um ano), com aproveitamento superior a 80%. (duração de 1 ano).
- **Inglês**, na União Cultural Brasil, Estados Unidos.

O Ir. Waldemar participou de encontros e seminários de atualização:

- **1949** Seminário de verão para professores de Inglês (30 dias)
- **1951** Curso de aperfeiçoamento pela União Cultural Brasil, Estados Unidos (1 mês)
- **1969** Curso de dinâmica de grupo ministrado pelo CELAM (1 semana)
- **1971** Curso de Artes Práticas com habilitação em Técnicas Agrícolas (Universidade de Passo Fundo)
- **1970** Curso de Pastoral Catequética (240 horas), Província Marista de S. Paulo
- **1972** Seminário de Técnicas Modernas para ensino da língua Inglesa (30 horas), Centro de Cultura Anglo Americana
- **1974** Participação no Congresso Brasileiro de Orientação Educacional (20 horas), Porto Alegre, RS
- **1974** Participação no Curso de Aperfeiçoamento para docentes de 1ª a 8ª série (40 horas), Cascavel, PR
- **1979** Participação no Seminário de Orientadores Educacionais do Paraná (40 horas)

Não encontramos referências sobre o serviço militar, mas o Ir. Waldemar tinha o Certificado de Reservista. Na foto aparece com farda. A data de expedição é de 25/08/1941. Lugar de residência: Ribeirão Preto. Lugar de apresentação em

caso de mobilização: Colatina. Tudo leva a pensar que a emissão desse documento aconteceu enquanto ele fazia o escolasticado em Mendes. Portanto, não prestou um serviço militar efetivo.

Um comunicado do INSS, de 1/10/1980 diz que foram deferidos e averbados os períodos 20/12/1939 a 31/08/1972 e de 03/01/1973 a 30/09/1979.

Não foi identificada a data da sua aposentadoria.

A homenagem de 60 anos de vida Consagrada. Aconteceu no final do retiro de 1998; o discurso de homenagem foi proferido pelo Ir. Cláudio Girardi.



CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

Numa rápida autobiografia deixada no arquivo o Ir. Waldemar diz que passou a maior parte da vida como regente ou encarregado dos esportes. Reconhece-se como um apaixonado pela natureza, pelas crianças e pelos animais. Sente-se bem em cuidar de folhagens e a trabalhar na terra.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Uma correspondência feita a partir de Ribeirão Preto pelo Ir. Lauro Darós (06/08/2001) refere ao Provincial, Ir. Carlos Wielganczuk, o estado de saúde do Ir. Waldemar, bem como alguns comportamentos estranhos decorrentes da memória bastante afetada e Síndrome de Pânico.

Outra correspondência do funcionário João Batista (21/08/2001) relata seu estado de saúde: insuficiência cardíaca, hiperplasia da próstata, edemas nos pés e pernas, insônia e medo. Disse ainda que não aceitava deslocar-se para Curitiba para tratamento de saúde.

Infelizmente não foram encontrados os anais do Lar São José, correspondentes a esse período. Informações orais dão conta que o Ir. Waldemar veio por um curto período a São José dos Pinhais, para tratamento, mas retornou a Ribeirão Preto.

Mais tarde veio definitivamente a São José dos Pinhais onde faleceu, em 2003 segundo informações, de problemas cardíacos. Não encontramos nada escrito a esse respeito.

DEPOIMENTOS DE COIRMÃOS

Merece destaque os depoimentos dos irmãos Dario Bortolini e Estevão Müller a respeito do jeito de viver, educar e evangelizar do Ir. Waldemar.

“

Dario comenta que o Ir. Waldemar Bertholdi foi um excelente educador e que as crianças eram seus prediletos. Ele defendia-as de tal modo que, no lugar do estacionamento, fez um campinho para as crianças jogarem. O Waldemar gostava de organizar os jogos escolares com muitos times (Santos, Palmeiras, São Paulo, Corinthians...).

Segundo Ir. Dario, apesar da sua liderança entre professores e alunos, o Ir. Waldemar nunca aceitou ser diretor.

”



Ir. Dario Bortolini

“

O Ir. Müller afirma que conviveu com ele em Ribeirão Preto, na virada do século, e acrescenta: “o Ir. Waldemar Bertholdi foi um irmão simples, piedoso; pessoa correta, não buscava a sua promoção no que realizava. Tinha compaixão para com as pessoas – gostava de ajudar os mais pobres. Tinha uma ótima convivência para com os irmãos e colaboradores. Repetia a expressão: ‘muita falação, pouca rezação’ em relação às pessoas prolixas quando faziam sermão comprido, orações prolongadas, ...rsrsrs”.

”



Ir. Estevão Müller



Heitor Zattar

1928 – 2003

FAMÍLIA E FORMAÇÃO

Heitor Zattar nasceu em Joaçaba, no dia 10 de fevereiro de 1928. Seu pai: João Zattar Mudre, marceneiro, faleceu em 17 de dezembro de 1976. Sua mãe: Ana Stocco Zattar, faleceu em 7 de março de 1980.

A família do Ir. Heitor residia no bairro além do Colégio Frei Rogério, em Joaçaba (hoje bairro Santa Teresa). Seu pai fabricou os primeiros bancos escolares para o Colégio. Eram bancos de madeira de pinheiro, para dois alunos, com um tinteiro no centro superior.



Família do Ir. Heitor: pais, manas, cunhado e netos (1947) logo após do Ir. Orlando receber a batina (entrada no Noviciado).



Heitor e seu mano Orlando com uniforme do Colégio Frei Rogério, em 1945.



Heitor na inauguração do Colégio Frei Rogério (11/04/1943, era o maior dos alunos).

Foi batizado na Paróquia Santa Terezinha, Joaçaba, SC, em abril de 1928 e crismado no dia 18 de dezembro de 1932.

Na época em que o Colégio estava sendo construído (1941 e 1942), Heitor era jovem e entrou para a Escola Apostólica Santa Teresinha (nome dado ao primeiro juvenato) aberto em meados de 1941 com a chegada do Ir. João Inácio, que veio para acompanhar a construção e iniciar a obra marista em Joaçaba. O Ir. João Inácio também lecionava no curso preparatório para o Ginásio.

Seus familiares posteriormente se transferiram para Veranópolis. O pai trabalhou na Marsul (fábrica de móveis da antiga Província de Caxias do Sul) e a mãe trabalhou no Recanto Medianeira. Depois foram para Ponta Grossa. A mana Terezinha, saiu do convento e foi trabalhar com a mãe no Recanto Medianeira.



1944, Ir. Heitor e Ir. Orlando (os dois maiores) na Formatura do Juvenato militar (Tiro de Guerra), que na época era feito no Ginásio Frei Rogério. Dom Daniel Hostin, bispo de Lajes, foi o patrono.



Juvenato em Porto Alegre, Instituto Champagnat, 1945.

Findado o tempo na Escola Apostólica Santa Teresinha (1941 a 1944) Heitor continuou sua formação em Porto Alegre e Veranópolis.

Eis algumas datas que confirmam a trajetória das etapas de formação do Ir. Heitor:

- **01/07/1946** Entrada no postulado, Porto Alegre
- **23/01/1947** Entrada no Noviciado, Veranópolis, RS
- **24/01/1948** 1ª profissão
- **20/01/1953** Profissão perpétua, Veranópolis, RS
- **30/12/1999** Voto de estabilidade, Jaraguá do Sul, SC

VIDA MARISTA E TRABALHO APOSTÓLICO

O Ir. Heitor era muito dado aos trabalhos manuais, especialmente à marcenaria. Não fez estudos, além da Escola Normal Superior que lhe deu o título de professor. Sua trajetória foi marcada pela simplicidade de vida e pela bondade no relacionamento com as pessoas.



1948, Cozinheiro em Veranópolis.



Grupo de alunos
do Apostolado da
Oração, Canela, RS.

Trabalhou em vários colégios, como os demais Irmãos, em seu tempo, ora como cozinheiro, ora como professor, e outras funções a saber:

25/01/1948 a 31/12/1950

Escola São Luiz e Divino Mestre, Veranópolis, cozinheiro

01/01/1951 a 31/12/1953

Colégio Champagnat, Porto Alegre, cozinheiro

01/01/1954 a 31/12/1955

Colégio São Francisco, Vacaria, professor

01/01/1956 a 31/12/1957

Escola São Luiz e Divino Mestre, Veranópolis, professor

01/01/1958 a 31/12/1961

Escola Maria Imaculada, Canela, professor

01/01/1962 a 31/12/1962

Ginásio São João Batista, Montenegro, professor

01/01/1963 a 31/12/1965

Ginásio São Tiago, Farroupilha, professor

01/01/1966 a 31/12/1966

Instituto de Educação Rural, Ibiaçá, professor

01/01/1967 a 31/12/1967

Colégio São Luís, Jaraguá do Sul, professor

01/01/1968 a 31/12/1968

Colégio Aurora, Caçador, professor

01/01/1969 a 30/06/1969

San Lorenzo de el Escorial, Espanha, 2º Noviciado

01/07/1969 a 31/12/1971

Colégio Aurora, Caçador, superior

01/01/1972 a 31/12/1975

Colégio Aurora, Caçador, professor

01/01/1975 a 31/12/1979

Colégio Aurora, Caçador, ecônomo

01/01/1980 a 31/12/1985

Colégio Marista, Criciúma, professor

01/01/1986 a 31/12/1987

Juvenato Marista, Jaraguá do Sul, trabalhos manuais

01/01/1988 a 31/12/1993

Residência Marista, Ji-Paraná, RO, pastoral

01/01/1994 a 24/04/2003

Lar São José (Florianópolis, SC), repouso



24/06/1956

A família, em Veranópolis, por ocasião do aniversário do pai, João (Luizinho, Orlando, Heitor, pais e manas).

Na década de 1960, nos colégios maristas, havia vários movimentos de igreja: um deles era o Apostolado da Oração. O Ir. Heitor foi animador de um desses grupos de alunos, em Canela, RS.

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

O organizador deste livro teve a oportunidade de conviver com o Ir. Heitor no Colégio Aurora, na cidade de Caçador, SC, no primeiro semestre de 1973. Na época ele lecionava Técnicas Industriais, encarregando-se da oficina que fora instalada para essa finalidade. Na ocasião dedicava-se também a fazer manutenções rápidas na estrutura do Colégio.

Uma diversão possível na época era caçar (1960, Canela). O Ir. Heitor não fugiu a esse costume.

Nas relações com as pessoas era espirituoso e brincalhão. No Pó XII sempre estava rodeado de alunos. Outra característica de sua personalidade era não se opor às ideias do interlocutor, manifestando seguidamente seu consentimento ao que se falava.



ESPIRITUALIDADE

O Ir. Heitor cultivava uma espiritualidade simples que não ia além das orações normalmente feitas na comunidade dos Irmãos.

Ao morrer, deixou alguns livros de piedade popular. Pelo estado de conservação não parecem ter sido muito usados.



Livros de piedade.
Um deles em francês
e outro em latim.

DEPOIMENTOS DE COIRMÃOS

Nobres são os depoimentos, dos irmãos Pedro Wolter e Adilson Suhr, acerca da vida do Ir. Heitor.

“

Convivi com ele no Colégio Marista de Criciúma. Mano mais novo do Ir. Orlando Zattar, sempre alegre, simples e prático, bom cozinheiro, excelente professor de Técnicas Industriais. De fácil convivência na comunidade, sempre rodeado pelos alunos.

O Ir. Adilson Suhr, superior da casa dos Irmãos Idosos, em Florianópolis, deu assistência ao Ir. Heitor por ocasião de sua hospitalização.

Testemunhou aos demais Irmãos que, mesmo estando hospitalizado, com um tumor maligno numa das pernas, costumava encantar as enfermeiras e os médicos com suas brincadeiras. Isso foi tão marcante que vários deles compareceram ao seu velório.



Ir. Pedro João Wolter

”

“

Conheci do Ir. Heitor em 1968, no Abrigo de Menores, Florianópolis, quando esperava a liberação dos passaportes, juntamente com o Ir. Orlando.

Era um Irmão carismático, de fácil comunicação e relacionamento com os internos. Durante os recreios da terceira turma (médios), sempre havia um grupo de adolescentes ao redor deles, divertindo-se com as piadas, brincadeiras, belas histórias e desafios:

Vou fazer um risco no chão e duvido que vocês consigam, correndo, pular por cima.

Fazia a afirmação com seriedade. Os que aceitavam o desafio, a partir de certa distância, corriam e não conseguiam pular. Paravam próximos ao risco. Divertia-se muito e deixava os internos de “boca aberta”. Até hoje não sei que técnica usava.

Marcou-me muito pois era afável, acolhedor, respeitoso e percebia-se que era um Irmão de oração. Tinha devoção a São José e a S. Marcelino Champagnat.

Durante muitos anos minha convivência com ele foi apenas durante os retiros e assembleias provinciais. Sempre muito alegre e divertido, de boa conversa, muitas piadas. Tinha momentos de conversa séria, era testemunha de fidelidade, vida de oração, devoção marial, devoção a São José e ao Fundador.

Não recordo ter ouvido críticas por parte dele, reclamações ou ataques a Irmãos e superiores.

Durante 8 anos (1982 a 1989), fui regente de internos no Colégio Paranaense. Também era responsável pelo atendimento dos Irmãos que iam a Curitiba para consultas médicas, exames diversos, cirurgias, internações etc. Todos os anos, após o retiro, o Ir. Heitor tinha alguma cirurgia agendada. O Ir. Orlando também se submetia a alguma cirurgia. Na época, causava estranheza a necessidade de submeter-se a cirurgias, anualmente. Somente em 2000, quando assumi o Lar São José, em Florianópolis, passei a entender: já vinha convivendo, desde 1980, com um câncer, tipo sarcoma.

Marcante também foi quando os médicos afirmaram, devido a gravidade da doença, que o Heitor teria poucos meses de vida. Encaminhado para uma médica oncologista, que já o acompanhava, solicitou outros exames em clínicas especializadas.

Após os exames, os médicos vieram à sala de espera e perguntaram: “Quem é o filho do Sr. Heitor Zattar?” Eu me apresentava como filho. Perguntaram: “Quantos anos tem o seu pai?” Ao comunicar a idade afirmaram: “jovem, mas infelizmente, o tempo de vida é de apenas cinco meses.”

Em seguida, retornamos à oncologista que analisou os exames e nos orientou sobre a doença, preservando o Ir. Heitor, e programando sessões de quimioterapia. Finalizada a consulta, solicitei ao Irmão que aguardasse na sala de espera afirmando que era a minha vez de me submeter a uma consulta. A sós com a médica, comentei a afirmação dos médicos acima mencionada, e solicitei maiores esclarecimentos. Disse-me que o sarcoma detectado, oficialmente em 1999, tinha evoluído para melaloma e que era muito agressivo e rápido e que os médicos haviam informado corretamente que a expectativa de vida era em torno de cinco meses. Entretanto, segun-

do ela, o alto astral do paciente poderia ajudar muito na possibilidade de aumentar a expectativa de vida. Diante do que me foi exposto, disse-lhe: “então deixa comigo, pois sei como agir para deixá-lo sempre em alto astral, apesar de possíveis dificuldades que possam surgir.” Resumindo: da expectativa de vida de apenas cinco meses, viveu três anos e quatro meses.

Seguem alguns dados importantes em relação a sua sobrevivência.

1º) Sempre que eu ia ao supermercado, levava-o comigo e, durante o deslocamento, só falávamos “bobagens”, piadas com muitos risos.

2º) Na casa, sempre lhe dei muita atenção: abraçava-o, beijava na testa; dava muitos estímulos positivos, fazia muitas brincadeiras e gozações com ele e com os demais Irmãos, num ambiente sadio, alegre e orante, que contribuíram muito para o alto astral e os demais Irmãos sempre agiram muito positivamente com ele.

3º) Os funcionários da casa (eram três), mais a D. Claudete, foram orientados para mantê-lo sempre em alto astral.

4º) Após um período de tranquilidade, foi constatado que um tumor na perna direita, um pouco acima do calcanhar. Era metástase do melaloma. Por um procedimento cirúrgico, foi retirada a parte afetada e preenchido com cimento ósseo. Durante algumas semanas permaneceu em repouso, na cama, apenas podendo deslocar-se para o banheiro com a ajuda de duas cuidadoras contratadas especialmente para atendê-lo nas 24 horas do dia.

Após a liberação do médico para caminhar, mas sem grande esforço, diariamente eu o levava numa cadeira de rodas, via calçadas, até a gruta de Nossa Senhora, próxima a Av. Beira Mar, em frente a Casa das Irmãs da Divina Providência. Permanecíamos durante 30 minutos e rezávamos o terço juntos. Quando ele estava melhor, de tarde, ia até essa gruta para rezar. Essa rotina havia sido interrompida com a cirurgia na perna.

Ao menos duas vezes por semana, após a oração na gruta, eu o levava com a cadeira de rodas, para visitar as Irmãs internadas. Portanto, diariamente eu proporcionava a ele a possibilidade de fazer aquele trajeto, via calçadas, aquilo que ele fazia caminhando. A ida era por uma rua e a volta por outra.

5º) Durante os três anos e quatro meses em que conviveu mais intensamente com a doença, pois havia metástase no fígado, no pâncreas e nas partes moles do corpo, ele foi internado várias vezes, sempre no Hospital

de Caridade. Em todas elas, foi sempre um paciente muito tranquilo, respeitoso, acolhedor, brincalhão com a equipe de enfermagem; sempre tinha palavras de incentivo e conforto para todos os que cuidavam dele. Nunca reclamou de nada e de ninguém. Fazia questão de afirmar que era Irmão Marista e explicava o que era um Irmão Marista. Catequizava e evangelizava por meio do exemplo, da resignação e da aceitação serena da sua doença e dos sofrimentos.

Algumas profissionais aproveitavam momentos rápidos de folga para rezar com ele. Na penúltima internação no Hospital, ele estava numa ala próxima ao centro cirúrgico e a equipe de enfermagem daquele setor não o conhecia. Ficou em torno de doze dias. Foi marcante a forma afetiva com que a equipe de enfermagem se despediu dele no dia da alta: todos emocionados e sorridentes.

Cinco dias após a alta, a enfermeira chefe do plantão ligou para a residência a fim de obter informações dele. Queria saber como estava, se estava tudo bem com ele. No final da conversa afirmou: *Irmão, nunca tivemos um paciente como o Ir. Heitor. Sempre sorridente, tranquilo, sereno, não reclamava absolutamente de nada, mesmo se estivesse sentindo dores, e quantas vezes não conseguíamos “pegar” a veia e tínhamos que tentar algumas vezes. Ele nunca reclamou ou reagiu de forma agressiva. Ele foi para nós um exemplo de vida.*

6º) No dia 24 de dezembro de 2002 ele participou durante alguns minutos com a comunidade, da ceia de Natal. Foi levado para o quarto e acomodado na cama. Às 21h fui ao quarto para ministrar uma medicação sólida. Desejei uma boa noite e bom descanso e saí.

Após dez minutos, repentinamente, do nada, intuí que estaria acontecendo algo com o Irmão. Cheguei no quarto e percebi que estava com dificuldade de respirar. Tentei leva-lo para a Emergência do Hospital Universitário, que fica em frente, mas não foi acolhido. Segui direto para o Hospital de Caridade a “pleno vapor” com luzes altas e buzina. No Hospital foi prontamente atendido e internado.

7º) Permaneceu internado até seu falecimento. Gradativamente o quadro clínico foi piorando. Além da equipe de enfermagem do Hospital, tinha acompanhamento terceirizado durante as 24 horas. Durante os dois meses que ficou internado e apesar da piora do quadro clínico, ele se manteve

sempre tranquilo, sereno, acolhedor, sorridente, carinhoso e afetuoso com todos. Nunca reclamou de nada, mesmo nos momentos de dor mais intensa.

Alguns dias antes do falecimento, a Sra. Claudete estava comigo no quarto. Percebemos que ele queria comunicar alguma coisa para nós, mas tinha dificuldade para falar. A Sra. Claudete disse que iríamos fazer algumas perguntas e quando fosse o que nos quer comunicar, que pisque os olhos. Ele gesticulou levemente a cabeça e começamos a fazer perguntas. “Irmão, o senhor quer ver a sua irmã Terezinha?” Ele piscou duas vezes os olhos. Imediatamente entrei em contato com a irmã dele que morava em Ponta Grossa, e conversei com ela e com o esposo.

Ela tinha problemas de saúde. Após alguns minutos de conversa consegui convencê-los a vir a Florianópolis. No dia seguinte fui buscá-los. Chegamos no final da tarde e fomos diretamente ao Hospital. Ficaram alguns minutos com ele. Foi impressionante a alegria dele quando viu sua irmã, o cunhado e a sobrinha. No dia seguinte, 24 de abril de 2003, eles ficaram com ele no Hospital, durante algumas horas na parte da manhã e na parte da tarde. No final da tarde levei-os ao Lar São José.

Às 21h10min o Ir. Heitor faleceu. Após o sepultamento do Irmão, os familiares permaneceram durante cinco dias em Florianópolis e retornaram a Ponta Grossa comigo. O Ir. Orlando, durante os anos de 2001 a 2003, visitava o Ir. Heitor ao menos duas vezes por mês. No mês de abril, permaneceu em Florianópolis durante todo o mês.

Com a médica oncologista que acompanhou o Ir. Heitor durante três anos e quatro meses, alguns dias após o falecimento, nos reunimos para conversar sobre ele. Na ocasião disse-me: *Se tivéssemos todo o histórico do Ir. Heitor (exames de imagem com os respectivos laudos) desde a década de 1980, teríamos material suficiente para publicar um artigo a respeito do Ir. Heitor em uma ou mais revistas científicas de nível mundial. Considerando a gravidade da situação do Irmão e os anos que viveu; é um caso raro, tratando-se de câncer melaloma.*



Ir. Adilson Suhr

”

OUTROS ACONTECIMENTOS

Em 1997, foi a vez do Ir. Heitor celebrar 50 anos de vida religiosa, em Caçador, SC. Seus pais já não estiveram, mas sim suas manas e cunhados.



Ir. Nilo Tonet, Ir. Heitor, mãe, Ir. Orlando, Marlene e esposo Emiliano Pinho na festa dos 50 anos de vida religiosa.



Em 1999, no dia 30 de dezembro, junto com outros Irmãos da Província, o Ir. Heitor emitiu o voto de estabilidade, em Jaraguá do Sul.

O final de nossa vida é o tempo da esperança, da passagem deste mundo para a eternidade. O Ir. Heitor usufruiu o merecido descanso a partir de 1994, no Lar São José, em Florianópolis, junto com outros coirmãos da mesma época.

O Ir. Heitor faleceu em Florianópolis, no Hospital de Caridade, onde era atendido por causa dos problemas de saúde. Depois de uma vida bem vivida, foi vítima de um tumor maligno, que o levou à morte no dia 24/04/2003. Foi sepultado no jazigo particular dos Irmãos Maristas, em Jaraguá do Sul, SC.

Uma de suas características pessoais era a organização. No final da vida, deixou todas as fotografias organizadas, com datas e informações no verso, para fa-

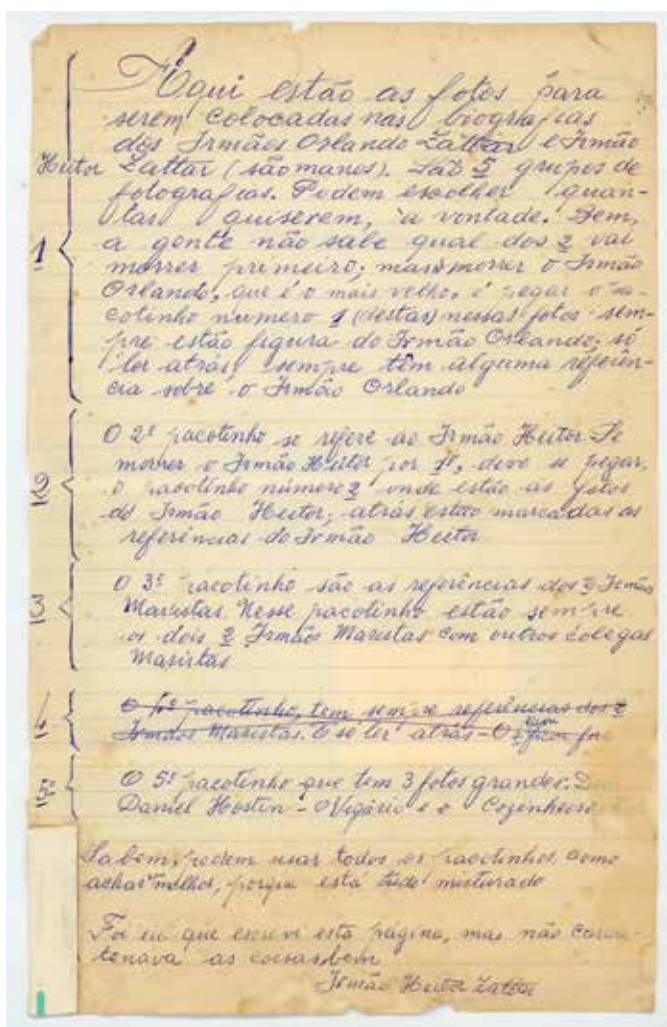


Lar São José, Florianópolis: Irmãos Albino Modesto Moreto, Heitor Zattar, Pedro Sartori Zanella e José Rigo.

cilitar o trabalho de quem fosse indicado para compor este livro. Infelizmente nem todas puderam ser usadas, mas se encontram no arquivo da Casa Provincial.

Um detalhe interessante: os Irmãos Heitor e Orlando costumavam fazer a visita de família juntos. Certa vez, ao se deslocar de ônibus para Curitiba, uma parada brusca do coletivo o arremessou contra os bancos: quebrou uma costela e ficou alguns dias na Comunidade do Colégio Paranaense para se recuperar.

Possuidor de uma linda caligrafia, deixou-nos muitas fotografias classificadas como mostra a folha que segue. Todas estão no arquivo da Casa Provincial, mesmo as que não foram usadas.





Florentino Adami

1919 – 2003

Esta biografia é muito limitada. A razão é simples. No arquivo da Casa Provincial havia pouca coisa útil para compor uma biografia: apenas duas fotografias, poucos documentos pessoais, correspondência muito limitada.

FAMÍLIA E FORMAÇÃO

O Ir. Florentino nasceu em Nova Trento, SC, no dia 17 de março de 1919, filho de Luiz Adami e de Angélica Cadore Adami. Entre os 14 filhos gerados pelos seus pais, sete optaram pela Vida Religiosa Consagrada: 4 homens e 3 mulheres. Entrou no juvenato Marcelino Champagnat, em Curitiba, PR, em 1929. Seguiu para o postulado em Mendes, RJ, em 1935. Fez o Noviciado em 1936 e, no final desse mesmo ano, no dia 21, fez sua primeira profissão religiosa. Também em Mendes fez o escolasticado, durante os anos de 1937 e 1938.

Emitiu os votos perpétuos em Franca, SP, no dia 21 de dezembro de 1941 e o voto de estabilidade em Mendes, no dia 21 de dezembro de 1960.

Faleceu em 27 de junho de 2003, em Curitiba. Foi sepultado no jazigo dos Irmãos Maristas, no Cemitério Água Verde.

VIDA MARISTA E TRABALHO APOSTÓLICO

Longa é a lista de lugares por onde o Ir. Florentino experimentou a vida marista e o período em que ele desenvolveu seu trabalho apostólico. Segue a seguir:



1930 a 1940	Franca, SP, Colégio Champagnat
1941	Ribeirão Preto, SP, Colégio N. S. Aparecida
1942 e 1943	Poços de Caldas, MG, Colégio Poços de Caldas
1944 a 1957	Rio de Janeiro, RJ, Colégio São José
1958 e 1959	Vila Velha, ES, Colégio N. S. da Penha
1959 a 1961	Ribeirão Preto, SP, Colégio N. S. Aparecida
1962 a 1966	Ponta Grossa, PR, Colégio Pio XII
1967 e 1968	França, Paris (Estudos)
1969	São Paulo, SP, Colégio Arquidiocesano
1970 a 1973	São Paulo, SP, Colégio N. S. da Glória
1974	São Paulo, SP, Colégio Arquidiocesano
1975 a 1977	São Paulo, SP, Casa Provincial
1978 a 1985	Curitiba, PR, Colégio Santa Maria
1986 e 1987	Santos, SP, Colégio Santista
1988 e 1989	Ponta Grossa, PR, Colégio Pio XII
1990 a 2000	Curitiba, PR, Colégio Marista Santa Maria
2001 a 2003	S. José dos Pinhais, PR, Residência Marista S. José

ESTUDOS E INTERESSE INTELECTUAL

Na pasta havia uma porção de apostilas enviadas pela Província e fotocópias de textos, em geral versando sobre filosofia e Psicologia. Alguns textos eram em alemão e outros em francês. Mas não temos a certeza se dominava a língua alemã.

Há um grande conjunto de certificados e diplomas. Às vezes há vários certificados oriundos do mesmo curso, emitidos com datas diferentes. Parece que correspondem a disciplinas do mesmo curso. De qualquer modo, mostram a dedicação na atualização de seus estudos e de sua formação intelectual:

- 
- 10/12/1932 Instituto Santa Maria, Curitiba, exame de admissão
 - 14/12/1933 Instituto Santa Maria, Curitiba, exame de 1ª série
 - 01/02/1935 Instituto Santa Maria, Curitiba, exame de 2ª série
 - 06/12/1935 Gymnasio São José, Mendes, exame de 3ª série
 - 07/12/1937 Gymnasio São José, Mendes, exame de 4ª série
 - 28/02/1941 Certificado de registro de professor (curso primário)
 - 06/06/1941 Escola Normal Secundária, Mendes, diploma de normalista
 - 11/12/1941 Registro de professor (curso primário: fundamental e complementar)
 - 19/04/1945 Universidade do Ar, certificado do curso de História Geral
 - 19/04/1945 Universidade do Ar, certificado do curso de História das Américas
 - 19/04/1945 Universidade do Ar, Certificado do Curso de História do Brasil
 - 08/06/1948 Certificado de habilitação em Inglês, História Geral e História do Brasil
 - 31/03/1948 Fundação Getúlio Vargas, Certificado de conclusão do Curso de Psicoterapia Menor
 - 12/1958 Participação do Curso de Letargia
 - 07/01/1960 Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, São Leopoldo, Curso: Didática Aplicada
 - 23/01/1960 Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, São Leopoldo, Curso: Psicologia da Personalidade
 - 24/01/1960 Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, São Leopoldo, Curso: Dinâmica de Grupo
 - 27/01/1960 Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, São Leopoldo, Curso: Arte da Entrevista

- 
- 27/01/1960** Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, São Leopoldo, Curso: Psicologia Evolutiva
 - 27/01/1960** Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, São Leopoldo, Curso: Orientação Educacional
 - 27/01/1960** Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, São Leopoldo, Curso: Psicopedagogia do Sexo
 - 27/01/1960** Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, São Leopoldo, Curso: Psicologia das Relações Humanas
 - 27/01/1960** Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, São Leopoldo, Curso: Psicologia Religiosa
 - 05/01/1962** Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Viamão, RS, Transformação Social Contemporânea
 - 11/01/1962** Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Viamão, RS, Ritmo de Urbanização na América Latina
 - 15/01/1962** Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Viamão, RS, Psicologia Diferencial
 - 19/01/1962** Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Viamão, RS, Psicopatologia da Personalidade
 - 20/01/1962** Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Viamão, RS, Fenômenos Psicológicos do Conhecimento
 - 24/01/1962** Episcopado da Província Eclesiástica de Porto Alegre, Curso de Direção Espiritual
 - 23/07/1971** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Renovação das Escolas em face da Reforma
 - 27/02/1973** Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, São Paulo, Planejadores Educacionais

- 1982** Em Curitiba, Colégio Santa Maria, assinava certificados de Conclusão do Curso “Preparação dos Filhos para a Primeira Eucaristia
- 19/03/1963** Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, Conclusão do Curso de Formação e Liderança Social
- 29/08/1970** Ministério da Educação, Inspectoria Seccional de São Paulo, Certificado de Frequência no Curso: Educação Moral e Cívica
- 16/07/1971** Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional, Curso de Dinâmica de Grupo e Criatividade Comunitária
- 06/05/1973** Centro de Estudos do Desenvolvimento, Curso: Problemas do Desenvolvimento Brasileiro;
- 02/02/1974** Centro de Estudos do Desenvolvimento, Curso: Formação Política
- 19/11/1979** Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Prefeitura Municipal de Curitiba, Participação na Ila Maratona Municipalista
- 09/07/1987** IV Jornada Latino-americana de Educação, Centro Anhembi, SP, Certificado de Participação



Retiro em Itaici com o Superior Geral. Ir. Florentino está no primeiro plano, no lado direito da foto.

CURIOSIDADES

A respeito do Ir. Florentino, notório também são as curiosidades apresentadas pelo Ir. Rafael Mendes dos Santos, descritas nos parágrafos que seguem.

Do seu e do nosso tempo anterior, quando fomos juvenistas, vivia-se sempre no juvenato. Nunca tínhamos férias em casa. Somente íamos para a casa dos familiares depois dos votos perpétuos. Quando foi visitar sua família, o encantou, em estar em sua Nova Trento, SC. Ao chegar, como já era domingo, foi na igreja, de batina e mais, de crucifixo no peito e orando devotamente. Nem viu nada e ninguém da família. Depois, conversando com algumas pessoas, procurando alguém conhecido, mas com certeza não conhecia mais ninguém, depois de anos; com a alegria deve ser algo, não padre mas um marista Irmão, aí, então perguntou a uma senhora: “por acaso, foi à mãe do filho Florentino?” “Sim, é claro que fui!”

Na nossa comunidade ele contou aos Irmãos, na refeição. Parece ter sido uma das “mentiras”!

Em 1964, os Irmãos Clemente Juliato e Rafael Mendes dos Santos, foram para Ponta Grossa, no então novo Colégio Pio XII, para frequentar a universidade estadual de Ponta Grossa.

O Ir. Florentino Adami ali estava, diretor do Colégio e nosso superior de comunidade. Foi o primeiro colégio. Já estava nosso superior durante três anos e ali ficamos nossos 4 anos. Alegria, muita espiritualidade, muito companheiros e atendimentos na religiosidade, na educação e entusiasmo nas dificuldades.

Muitas vezes estivemos juntos com o superior e com os companheiros em caçadas nos campos, de tatus e perdizes, pescarias etc.

Agradáveis passeios; de Cascavel até pelas regiões de Foz de Iguaçu, das Cas-

catas de Guaíra até Maringá. Aventureiros de lugares novos e sem pontes do rio do Paraná. Tivemos parada com o carro Rural Willys num lugar de mato, de nada e ninguém. Ficamos parados toda a noite, nem gente, nem cão, no mato grande. O Ir. Clemente foi de voltar para a



Comunidade de
Ponta Grossa.

cidade e voltou depois de ter achado um mecânico que arrumou o carro Rural. Verdadeiramente foi um passeio sem igual. Vimos que o verdadeiro superior foi fantástico.

Ir. Florentino, antes de Ponta Grossa, estivera no Rio de Janeiro, no Colégio São José (internato). Além da escola, teve mais outras coisas, por exemplo, com alguns amigos militares do Rio. Muitos amigos grandes como uns generais e...

Ao ir para Ponta Grossa continuou amigo dos seus grandes amigos. Ajudaram em muitas coisas do novo colégio (1962), por exemplo, os militares vieram ajudar no campo, retirar o mato e as árvores para preparar dois novos campos de futsal. Estavam ali também os militares na casa grande.

Quase em frente ao local onde ocorriam as aulas, antes das férias, em 10 dias, nos edificaram uma quadra de futsal, basquete e vôlei.

Nas férias seguintes, em julho, nossa comunidade, todos os Irmãos, construímos uma quadra cimentada, ao lado daquela feita pelos militares. E depois fomos passear alguns dias. Que alegria e entusiasmo juntos!

Caso importante foi que o Ir. Florentino, preparou um grupo forte de militares e outros leigos, e até de jagunços de um fazendeiro aí perto; foram preparando um golpe contrário aos comunistas que estavam se preparando no Brasil. Nós pensávamos que o Irmão preparava umas catequeses do bispo. Durante esse tempo a Igreja estava preparando orações e terços pedindo a todo o povo do Brasil que nos livrasse do comunismo. Na verdade estavam preparando alguma reação que aconteceu no dia 31 de março em 1964, por parte dos militares. Nós, em Ponta Grossa, no dia de 31, cedo, como as escolas já estavam em aulas; o Irmão e eu estávamos na casa, ele disse bem aberto aos Irmãos, que fossem com o rádio e disse assim: “alô, alô, já nasceu a criança!”. Aí logo veio. Ele tirou a batina, pegou um revólver e se foi pra não sei onde. Claro, alguns que precisavam de proteção, as irmãs do hospital, outras casas de bispo e escolas. Rápido veio tanta gente. Vários presos em vários ônibus foram a Curitiba. Aí se iniciou a intervenção militar e o governo dos militares.

Foi o que o Ir. Florentino fez que nos entusiasmou. Algumas boas “mentiras”, certamente. Sempre houve alegria e bom entusiasmo.

CARACTERÍSTICA PESSOAIS

O texto que segue, de autoria desconhecida, traz algumas situações nas quais se constata determinadas características muito pessoais e singulares ao Ir. Florentino.

Homem de grande coração e maior imaginação. Nascido em Nova Trento, SC. Como Irmão já formado trabalhou muitos anos no Rio de Janeiro, onde desenvolveu a imaginação inventando capítulos e mais capítulos de histórias que ele contava aos alunos internos que não saíam aos domingos. E isso por anos! Por um lado admiramos o belo exemplo de dedicação aos alunos e por outro lamentamos tenha desenvolvido tanto a imaginação que não a conseguia dominar, o que lhe ocasionou mais de um dissabor.

Esta fantasia da mocidade o acompanhou por toda a vida. Mas inventava tantas que, depois de certo tempo, os mais ladinos já sabiam por onde as coisas iam.

Contava, por exemplo, que por ocasião da preparação da Revolução de 1964, teria tomado parte ativa na preparação da mesma, convidado por militares de sua confiança, com os quais se reunia num lugar secreto. Nada confirmou isso tudo que pode ter sido apenas mera imaginação. Aliás contam os que com ele viviam, que demonstrava muito medo que algo acontecesse a ele, aos Irmãos e ao colégio, nessa época.

Mandado a Paris para um curso de reciclagem, dizia ter frequentado a Sorbonne. Ora essa, gênio como ele, só podia estudar na Sorbonne, não é verdade! Talvez tenha visto a Sorbonne por fora.

Fora desses e outros disparates, era pessoa boníssima, muito atenta a todos. Alguns dos seus manos estiveram trabalhando, como Irmãos Jesuítas, em Roma, em secretarias do Vaticano. Gostava de citar estes manos que lhe davam maior prestígio, assim julgava.

Residindo no Lar São José, em São José dos Pinhais, PR- ali passou o tempo escrevendo orações a diversos santos e um livro de súplicas aos céus. Deixou uns tantos cadernos com estas suas reflexões. "Estando em São José, para um período de recuperação, em 2011, eu tive oportunidade de dar uma olhada nos tais cadernos. As orações retratam um pouco a imaginação que sempre mostrou. Nos últimos anos da vida vinha profetizando em que dia morreria. Quando dizia o mês e nada acontecia, desculpava-se dizendo: "eu não disse de que ano. Quando falava em ano, dizia: "Eu não disse em que mês estamos, e apenas estamos no início do mês."

Mas, voltemos ao grandemente positivo deste homem. Era piedoso, regular, caridoso e de grande coração. Quando Diretor em Ponta Grossa, havia dois Irmãos da comunidade que faziam faculdade à noite e voltavam tarde. Pois ele esperava-os sempre, lhes esquentava a comida e lhes fazia companhia enquanto jantavam. Os dois Irmãos ainda mencionam este fato, com reconhecimento.

Em determinado momento da vida, tentou ser poeta. Está guardado um caderno como uma poesia iniciada e não concluída sobre os papas. Dedicava uma estrofe para cada um.

DEPOIMENTOS DE COIRMÃOS

Para enriquecer ainda mais a presente biografia, destaca-se o depoimento do Ir. Dario Bortolini.

“

Oriundo de uma família numerosa, humilde, mas muito religiosa, o Ir. Florentino Adami – em Religião, Fulgêncio Bono – ainda criança seguiu o chamado à vida religiosa acompanhando seus, aos menos, sete irmãos e irmãs Religiosas e Religiosos – entre sacerdotes, freiras e ele, Irmão Marista. Nasceu em Nova Trento, SC, um celeiro de Vocações Religiosas.

Convivi com o Ir. Florentino na comunidade do Colégio Nossa Senhora da Glória, em São Paulo. Sempre foi um coirmão piedoso e fiel à sua vocação e missão. Era um assíduo estudioso das Escrituras, da história da Igreja e da vida dos santos. Como Superior da Comunidade era atento e prestativo. Era divertido e gostava de passeios e de um bom vinho, partilhado à mesa.

Possuidor de um temperamento ameno, prestava-se a brincadeiras jogosas. Tinha uma memória e uma imaginação invejáveis. Valendo-se dessas qualidades, permitia-se, de vez em quando, atribuir-se “estórias mirabolantes” sobre seus familiares, seus bens, fortunas e suas peripécias...nacionais e internacionais... quase tudo fruto de sua fértil imaginação! Quem não o conhecia, ficava maravilhado com sua pessoa tão dotada!

Foi professor e diretor em diversos colégios da Província. Como docente não se saía mal. Era excelente no acompanhamento dos alunos nas entradas, saídas e recreios. Fielmente, plantava-se num lugar estratégico e, com seu olhar vigilante, aliado ao seu porte físico avantajado, eliminava qualquer tentativa de bagunça ou desrespeito. Seus co-Irmãos e ex-alunos o recordamos... com sorriso e... com admiração!



Ir. Dario Bortolini

”



José Pereira Dias

1931 – 2003

FAMÍLIA E FORMAÇÃO

O Ir. José Pereira Dias nasceu na Fazenda Santa Maria, em Franca, aos 15 de janeiro de 1931, hoje município de Ribeirão Corrente, filho de Benedicto Pereira Dias e de Maria Alexandrina Dias, fez Noviciado em Itapejara D'Oeste e permaneceu naquela comunidade até o final da vida, atuando na pastoral da paróquia e na escola Ir. Isidoro Dumont.

Faleceu na Policlínica de Pato Branco, PR, às 23 horas do dia 15 de novembro de 2003, vítima de pneumonia, com 72 anos de idade e 8 anos de Vida Religiosa.

Durante o dia 16 foi feito velório em Itapejara D'Oeste. Ele era conhecido e benquisto lá pois assinaram a lista de presença 120 pessoas, inclusive do bispo de Palmas e Francisco Beltrão, Dom Luís. Durante a noite foi transportado para Curitiba e o sepultamento foi feito no Jazigo Marista do Cemitério Água Verde, na manhã seguinte.

MATERIAL DO ARQUIVO

Nenhuma fotografia da infância e da família foi encontrada, só algumas de suas atividades depois de entrar no Instituto dos Irmãos Maristas.

Tinha 4 cadernos com algumas páginas de anotações (de um deles só arrancava folhas) e um caderno de caligrafia com algumas páginas preenchidas. Isso confirma sua dedicação em aprender e exercitar-se para ser melhor.



1997, Centenário da
chegada ao Brasil,
Mendes, RJ

A maioria das anotações eram feitas em folhas e folhetos avulsos. Em geral anotava endereços e telefones de pessoas.

Tinha 3 agendas: de 1992, 1993 e 2001, mas pouco usadas como agenda. Eram como cadernos em que fazia anotações em cursos que participava. Anotou palavras novas, para ele, e seu significado, algo parecido com um dicionário pessoal.

VIDA MARISTA E TRABALHO APOSTÓLICO

O Ir. José Pereira Dias foi uma vocação adulta. Depois de resolvidas as questões decorrentes do falecimento da mãe, manifestou seu desejo ao bispo Dom Diógenes Silva Matthes. Este escreveu ao Irmão Provincial que, por sua vez, entrou em contato com o Ir. Alfredo Moretti que trabalhava no Centro Social Pau d'Alho, perto de Ribeirão Preto, para fazer-lhe uma visita.

Houve alguns outros Irmãos que tiveram oportunidade de conhecer e conversar com o José.

A idade avançada poderia suscitar interrogações quanto às motivações para solicitar entrada numa congregação religiosa. Porém, após os primeiros contatos as dúvidas se amainaram e o processo de discernimento e de acolhida do candidato prosseguiram.

Para embasar a decisão, sugeriu-se fazer uma experiência comunitária numa de nossas comunidades.

Assim que foi aceito e, a partir de 2 de janeiro de 1994, em Campinas, foi dando passos no itinerário de formação marista, na comunidade dos Irmãos idosos, acompanhado pelo Ir. Afonso Levis. As limitações intelectuais eram compensadas



25/08/1996, Primeiros votos
em Itapejara D'Oeste.



15/12/2001, Profissão Perpétua, Campinas,
com os familiares e o Ir. Afonso Levis.

algum apoio às pessoas que vinham rezar, visitava doentes e levava a comunhão. Em seu material havia uma coleção de livretos iguais sobre adoração ao Santíssimo com orientação de deixar no mesmo lugar em que foi encontrado. Também tinha um conjunto de folhas plastificado de orações. Pelo que parece, eram deixadas a disposição dos fiéis que vinham rezar.

Pelo que consta nunca foi professor. Não tinha condições para isso, mas foi coordenador dos ministros de culto de uma comunidade em Itapejara D'Oeste. Entre seus pertences havia uma escala dos ministros. Também foi encontrada uma folha com orientações de manutenção da veste litúrgica dos ministros, do modo de vestir-se para o culto, postura e atuação durante o culto.

Um dos poucos bens que conservou até o final foi seu violino. Tocava de ouvido, não havia partituras entre seus objetos pessoais. Ele o utilizava nos cultos e na catequese. Esse violino ficou alguns anos no depósito da Casa Provincial, depois foi cedido ao Colégio Marista Frei Rogério, em Joaçaba, SC.

com atitudes fraternas, doação e serviço aos Irmãos e aos paroquianos. Particular atenção era dada à espiritualidade. Os momentos de oração pessoal, contemplação e adoração ao Santíssimo, levar a comunhão aos doentes... faziam parte de sua vida cotidiana.

Fez Noviciado especial, junto à comunidade de Itapejara D'Oeste, em 1995, pois tinha 64 anos, e lá permaneceu dedicando-se a diversas atividades pastorais, sobretudo à catequese e animação de grupos de oração nas famílias.

Antes de entrar no Instituto Marista, José Pereira Dias dedicou longos anos, como leigo, à Diocese de Franca, SP, na função de vigia da catedral, uma espécie de sacristão que dava

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

Fisicamente, o Ir. José era pequeno, sobretudo magro: altura de 1,65m e peso de 43kg. Irmãos que conviveram com ele disseram que também comia pouco.

Era uma pessoa muito simples. Recebeu fraca instrução, escrevia mal, com letra ruim, até difícil de entender. As anotações que fazia continham muitos erros de grafia, eram quase ilegível. Mal conseguia escrever alguma coisa que os outros falavam nos cursos.

Deve ter se interessado por aprender a conjugar os verbos, pois encontramos em seu material folhas com a conjugação de verbos em todos os tempos e modos: ser, estar, ter, haver, amar, dever, partir, por. Tais tabelas parecem ter sido copiadas de algum livro pois têm grafia perfeita. Também encontramos anotações sobre o uso da pontuação de interrogação e exclamação.

Na certidão de óbito consta que não deixou herança. Entretanto, informações orais do Ir. Hugo Depiné dão conta de que doou a um ministro da Eucaristia certa quantia em dinheiro, originário de sua herança, para comprar um terreno com a finalidade de construir uma capela na Vila Fênix, hoje Capela São Paulo, onde prestava assistência. Ele desejava que tal fato ficasse desconhecido de todos, mas devido a acusações vindas do povo, o tal ministro se sentiu obrigado a revelar o fato ao pároco da época.

O CATEQUISTA

Ele foi um dos catequistas de Crisma. Encontramos em seu material várias anotações sobre o conteúdo da catequese, possivelmente anotados em cursos, em folhas avulsas. Encontramos uma folha com o que segue:

Tudo o que em mim era trevas, agora é luz e sal da terra. Passou tudo o que era velho, você tem que ser luz junto a crianças, jovens e adultos.

Se você não assumir sua Crisma e o Espírito Santo que recebeu, o seu coração vai ter tristeza, angústia e solidão.

Sua espiritualidade pessoal parece ter sido muito simples e fiel ao mesmo tempo, seja nas orações da comunidade, seja na sua relação pessoal com o mundo espiritual. Guardava consigo muitos cartões com orações, todos com sinais de muito uso.

Pelo que parece lia pouco. Não tinha biblioteca pessoal ou livros de cabeceira. Escrevia em papéis avulsos alguns versículos bíblicos que o interessavam, tais como: Mt 5,48; Lc 6,36 e 1Pd 1,15-16.

Sempre em papéis avulsos anotava outras coisas, por exemplo:

O mundo está cheio de ilusões. Quem a tudo se apega, viverá com grandes preocupações.

Para Deus, hoje, não tens tempo. Amanhã poderá ser muito tarde.

Coisa importante para nós: obediência, vivência do amor, caridade em tudo, de uns para com outros.

A voz do mundo e a voz de Deus. Qual a minha escolha? Minha vida vale pelo que sou, não pelo que eu apareço.

Outros papéis avulsos contêm anotações de cursos que fez.

Não dispense a bíblia na catequese. Ensine seus catequizandos a conhecer Jesus e Maria. Maria é a estrela da evangelização, ela é a mãe da sabedoria. Nas suas dificuldades recorra a ela. Coloque-a ao lado de você, quando estiver no lar, quando estiver dando catequese.

Invoque muito o Espírito Santo, não fale aos catequizandos aquilo de que você tem dúvida. Precisa ter discernimento. Cada catequista tem de ser luz para seus catequizandos.

Em outro cartão havia frases, pelo que parece, como recordação pessoal:

Se os olhos enxergam, mas o coração não ama, todo o teu ser está nas trevas.

O amigo que te ama, para receber algo em troca, já é teu inimigo.

Toda a beleza está no amor: amar é esquecer de si.

Ame as 24 horas do dia, todos os dias da sua vida.

Quando você não acolhe um amigo, você não é amigo, você não tem amigos.

Faça de você um belo jardim de amor. Todos os que o encontrarem se encantarão com você.

Em outra folha, com anotações sobre a catequese de Crisma, parece ter objetivo de ser ditada aos catequizandos:

Feliz o crismando que leva a sério a sua catequese, que aprendeu, que está preparado para receber o Espírito Santo e ser guiado por ele, ser fortalecido por ele, que caminha com sua luz, que em tudo é conduzido por ele.

Vai ter vida nova, deixando para trás tudo o que era velho. Poderá dar testemunho da sua vida abençoada. Para uma pessoa crismada tudo tem de ser luz e alegria.

Mas infeliz de você que perdeu seu tempo na catequese, que quer este sacramento sem estar preparado, mas continua sendo a mesma pessoa na qual nada mudou.

Se você queimar esta folha ou jogar no lixo, vai faltar de respeito para com o Espírito Santo.

Esta folha é para cada dia de sua vida.

Em duas outras folhas avulsas colecionava 40 perguntas que podia fazer aos catequizandos para saber se estavam preparados pelo conhecimento.

O Ir. José era uma pessoa colaborativa na Igreja. Foi assim que participou de um Cursilho de Crisandade e depois ajudou em outro.



59º Cursilho Masculino Adulto, Diocese de Palmas e Fco Beltrão. De 10 a 13/05/2001, São Jorge D'Oeste, PR. Na foto o Ir. José está na segunda fileira, na direita.



15/12/2001, Profissão
Perpétua, Campinas,
acompanhado dos familiares.



Confidenciou-me ele que, sempre que viajava para Franca para algum compromisso, ao passar em frente ao Colégio Champagnat, pensava: “se eu pudesse algum dia estudar ou melhor, ser um Irmão Marista... que felicidade seria!” Mas os tempos passaram e o José foi ficando em casa, cuidando de pessoas, especialmente dos pais e do pequeno patrimônio da família.

Cultivava a alegria “arranhando” melodias no violino que conseguira. Esse hábito ele o conservou até a morte. Muito piedoso, aproximou-se da igreja e, durante muitos anos, prestou seus serviços na catedral de Franca.

Ao falecerem os seus pais, sendo solteiro, escreveu ao Ir. Alfredo Moretti, que trabalhava na obra social Pau d’Alho, em Ribeirão Preto, revelando o velho sonho de vir a ser Irmão Marista. O Ir. Alfredo enviou a carta para o Provincial.

A impressão foi muito boa: o José é um senhor piedoso, comedido, sem vícios e de uma vida cristã exemplar.

De posse dessas informações, eu mesmo viajei até Franca para entrevistar o futuro candidato. Marcamos o encontro na Catedral, onde ele prestava serviços de atendimento, orientação e vigilância. Foi muito bom encontrar o José, um verdadeiro “santo”, na boca do povo. Em seguida, fui conversar com o bispo diocesano, Dom Diógenes da Silva Matthes que me forneceu as melhores referências sobre o candidato.

Com tais informações, o Conselho Provincial propôs que José Pereira fizesse um estágio vocacional numa das comunidades da Província de São Paulo. Pelas características da cidade e da comunidade marista, foi proposta a comunidade de Itapejara D’Oeste, no sudoeste do Paraná.

Sem tardar, o José Pereira, então com mais de 63 anos, para lá se dirigiu e foi muito bem acolhido pelos Irmãos da comunidade marista. Durante o ano de 1994 fez o seu estágio e, em 1994 e 1995, sob a orientação do Ir. Gilberto Rodrigues Rocha, fez o Noviciado canônico, professando no final do mesmo ano.

Conforme determinação do Ir. Superior Geral, ele devia cumprir, três anos de profissão temporária. Assim foi e, no final desse tempo, solicitou e foi admitido à profissão perpétua, em dezembro de 2001.

Por determinação do então Provincial, Ir. Carlos Wielganczuk, ele permaneceu na comunidade religiosa de Itapejara. D'Oeste. Lá exerceu o seu apostolado dando catequese às crianças, visitando os doentes e as famílias mais pobres, participando de grupos de oração e animando as liturgias, com o seu violino.

Era muito módico no se alimentar. Os Irmãos da comunidade o instigavam a se alimentar mais abundantemente. Ele, porém, sempre respondia, “Já comi o suficiente”. O queijo, porém, era o seu manjar predileto e o seu alimento. Mas, a saúde foi se debilitando. No ano de 2001 foi preciso transferi-lo para a Residência São José, em São José dos Pinhais, para recuperar a saúde. Infelizmente, apesar dos desvelos recebidos, o organismo não resistiu e veio a falecer no dia 4 de junho de 2003, aos 72 anos de idade.

Morreu como viveu: pobre, humilde e perseverante, deixando um exemplo vivo de homem e de religioso. Está sepultado no Cemitério Água Verde, em Curitiba. Que descanse em paz, o nosso violinista autodidata Ir. José Pereira Dias, da Franca do “Imperador e do capim mimoso”!



Ir. Dario Bortolini

”

“

Conheci o Ir. José quando ingressou, aos 64 anos, no Instituto Marista e ali fez seu Noviciado especial. O contato com ele foi bastante curto devido à minha transferência para outra comunidade, mas foi o tempo suficiente para ver nele um homem de Deus, humilde, simples, franco, de uma profunda e prolongada oração, dedicado às coisas da comunidade paroquial. Era muito zeloso no trabalho pastoral de visita aos doentes, necessitados de atenção, de afeto e do pão espiritual.



Ir. Zeferino Zandonadi

”

“

Durante o período em que estive em Itapejara D'Oeste, o Ir. José Pereira Dias exerceu as funções de ministro Extraordinário da Eucaristia, catequista, sacristão e visita aos doentes. Ele procurava visitar os pobres, levando-lhes cestas básicas e donativos, adquiridos com os proventos da sua aposentadoria.

Nas celebrações da paróquia ajudava na música com seu violino. Tocava violino nas celebrações paroquiais e pelos depoimentos de paroquianos, tocava maravilhosamente bem.

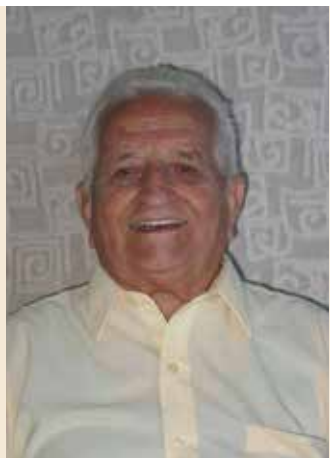
Tinha profunda devoção ao S.^{mo} Sacramento. Nas quintas-feiras, às 15h, animava um grupo de oração de aproximadamente 15 pessoas e falava da importância da oração e da adoração.

Após a morte, o grupo deu continuidade ao pedido do Irmão. Segue até hoje e, mesmo com chuva, frio... o grupo não esmoreceu. Também é do conhecimento da comunidade e, de modo geral, dos moradores do Bairro Fênix, que a Capela (cujo padroeiro é São Paulo) foi construída com parte da herança que ele doou (através de um dos ministros daquele bairro).

”



Ir. Hugo Depiné



Adelino Silvestro Dalpiva

Ir. Silvério Bento

1922 – 2004

FAMÍLIA E FORMAÇÃO

Adelino Silvestro Dalpiva nasceu no município de Veranópolis, RS, no dia 17 de junho de 1922 e faleceu em Florianópolis, no dia 3 de janeiro de 2004. Foi sepultado no Cemitério particular dos Irmãos maristas, em Jaraguá do Sul, SC. Foi batizado na paróquia São Luís Gonzaga, em Veranópolis, no dia 3 de setembro de 1922 e crismado na mesma paróquia, no dia 4 de outubro de 1924.

Seus pais, Bortolo Dalpiva e Cezira Andregghetti Dalpiva, nascidos em Veranópolis, eram descendentes de italianos, profundamente religiosos e trabalhavam na agricultura familiar. Nesse ambiente familiar e religioso a vocação de Adelino germinou e aos poucos foi se desenvolvendo.

Entrou no juvenato na mesma cidade em 1936. Fez o Postulado em Veranópolis, em 1941. Ingressou no Noviciado de Veranópolis, em 22 de janeiro de 1942 e emitiu seus primeiros votos no dia 23 de janeiro de 1943.

Em 21 de janeiro de 1948 fez a Profissão Perpétua, em Veranópolis, RS.



Não falava dos seus familiares, mas contava algumas histórias da Escola de Artes e Ofícios, de Santa Maria, RS, onde trabalhou. Não deixou fotos de familiares identificadas com datas e pessoas, apenas algumas fotos pessoais e de sobrinhos, mas sem a devida identificação.

VIDA MARISTA E TRABALHO APOSTÓLICO

A respeito da caminhada na vida marista e do trabalho apostólico desenvolvimento pelo Ir. Adelino, segue abaixo algumas datas mais relevantes.

- **1943 e 1944** Porto Alegre, escolasticado
- **1945 a 1954** Escola Industrial Hugo Taylor (Escola de Artes e Ofícios), Santa Maria, RS, professor
- **1955** Esta data está em branco na ficha de cadastro. Parece que neste ano esteve em Uruguaiana
- **1956 a 1959** Colégio Medianeira, Erechim, RS, professor
- **1960 a 1964** Abrigo de Menores, Florianópolis, SC, professor e vigilante de turma
- **1965 a 1974** Juvenato e Colégio São Bento, São Bento do Sul, SC, professor e ecônomo
- **1975 a 1985** Colégio São Luís, Jaraguá do Sul, professor e ecônomo
- **1986 a 1992** Colégio Paranaense, Curitiba, serviços gerais
- **1993 a 2003** Lar São José, Florianópolis, SC, trabalhos manuais e repouso



Incêndio que destruiu a Escola de Artes e Ofícios em Santa Maria, RS, 1954.



Natal de 1979, Comunidade de Jaraguá do Sul. Irmãos: Adelino S. Dalpiva, Frederico Unterberger, João José Sagin, Roque Brugnara, Leão Magno (Olindo Funk), Guilherme Bertassi e Evilázio Tambosi.

Nos anos em que estive no Colégio Paranaense já tinha problemas de circulação sanguínea (ferida que não sarava) e ingestão frequente de vinho.

Faleceu em Florianópolis, no dia 3 de janeiro de 2004, vitimado por insuficiência renal e carcinoma hepático, no Hospital de Caridade, em Florianópolis. Foi sepultado no cemitério Particular dos Irmãos Maristas, em Jaraguá do Sul, SC.

FORMAÇÃO PERMANENTE

Ir. Adelino, para ampliar e atualizar seus conhecimentos, fez diversos cursos. Alguns deles são apresentados na sequência.

12/1944

Certificado de Normalista, Escola Normal Superior de Porto Alegre, Seminário Maior dos Irmãos Maristas

26/02/1965

Curso de formação de professores de Artes Industriais, Curitiba

01/03 a 16/04/1966

Certificado de conclusão do Curso de Complementação para professores de Artes Industriais, Curitiba

05/1968

Curso de Psicologia do Adolescente, Prefeitura Municipal de São Bento do Sul

21/01/1970

Curso de atualização Catequética, Províncias Maristas de Santa Maria e Santa Catarina (336 horas)

Pelo que consta na sua correspondência, foi-lhe oferecido a oportunidade de fazer o segundo Noviciado, mas ele abriu mão dessa oferta.

Na época, o segundo Noviciado, era feito em Campinas e os grupos que lá fizeram não tiveram oportunidade de fazer uma viagem para a Europa, nem fazer a “Route Champagnat”. Por isso, foi oferecido a um grupo de Irmãos a uma viagem dentro do Brasil (S. Paulo, Rio, Belo Horizonte, Brasília e Curitiba) e o Ir. Dalpiva ficou encarregado de organizá-la.



CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

O Ir. Adelino Dalpiva tinha algumas características pessoais bem evidentes, tal como uma imensa paciência, belo senso de humor, simplicidade e alegria. Sempre de bom humor, jamais se queixava, mesmo quando a dor era intensa.

Além da Escola Normal, fez também o curso que o habilitou para lecionar Técnicas Industriais. Gostava muito dessa atividade.

Brincalhão e sorridente nas horas de descontração, era, no entanto sério e bondoso com os alunos e mantinha uma disciplina invejável na oficina de Artes Industriais, disciplina que lecionou muitos anos de sua vida.

Tinha uma caligrafia impecável. Deixou um caderno (agenda) cheio de anotações, além de um bloco com frases enumeradas (muitas frases são do Evangelho) com identificação inicial: Brusque, 16/11/1988. Essa data corresponde a uma assembleia da então Província de Santa Catarina.

ESPIRITUALIDADE

De espiritualidade tradicional, contentava-se com as orações do terço, do ofício e com a missa diária, nas quais nunca faltava.

DEPOIMENTOS DE COIRMÃOS

“

O Ir. Dalpiva, como era conhecido, deixou em minha mente uma lembrança agradável. Convivi com ele nos meus dois primeiros anos de comunidade apostólica, em São Bento do Sul, em 1971 e 1972. Ele era o mais idoso da

comunidade. Baixote, gordinho, fala mansa e bem-humorado. Era excelente professor de Artes Industriais. Levava a turma com seriedade, sem gritaria. A oficina onde dava aulas, estava sempre limpa e impecavelmente arrumada. Ai, se encontrasse uma ferramenta fora do local marcado. Aliás, ser professor de Artes Industriais foi minha primeira missão. E o Ir. Dalpiva foi meu mestre pois como Irmão jovem, sem nenhuma experiência prática no manejo de turmas, perguntava a ele como fazer. Ele explicava e dava dicas importantes.

O Ir. Dalpiva dirigia o caminhão F600 da comunidade. A pedido do Ir. Provincial da época, deu-me aulas de volante dando voltas pelo campo de futebol ensinando-me a dirigir. Ele era ótimo motorista. Muito calmo e sempre atento. Acho que fui bom aluno naqueles idos de 1971.

Homem bem humorado, contava piadinhas meio sem graça, mas ríamos assim mesmo. Uma anedota para demonstrar o que afirmo: Certa vez, a cozinheira dos Irmãos engravidou sem ser casada. Correu no “chão de fábrica” a notícia de que o filho era do Ir. Dalpiva. Bem-humorado como só ele, saiu-se com essa numa reunião de professores: “Quero avisar a todos que se o filho da fulana nascer de óculos, é meu, mas se nascer sem, pode ser de um de vocês” e tirou os óculos mostrando-os para a turma. Todos riram e a fofoca terminou em seguida.

Como religioso não era dos mais fervorosos. Rezava com a comunidade, mas era avesso as partilhas durante a oração. Preferia o ofício divino. Em alguns momentos tinha suas manhas e fazia algumas críticas a pessoas que lhe eram desafetas. Não gostava de ler coisas espirituais. Era dedicado ao trabalho e pouco ligava aos livros em geral.

Destaco três características do Ir. Dalpiva:

Serviçal: nunca negou um serviço a ninguém, mesmo que resmungasse em algum momento. Uma vez, levou um casal de gente pobre de Jaraguá a Pomerode (30 km), às duas horas da madrugada, pois havia morrido a mãe do esposo e não havia ônibus para eles irem até lá. Pediu-me para acompanhá-lo para não dormir e senti sua voz embargada quando falou comigo.

Ordeiro: era professor de Artes Industriais, exímio professor, diga-se de passagem, e a oficina estava sempre limpa e impecável. Todas as ferramentas no seu lugar. Como ecônomo tinha o gabinete sempre limpo e arrumado. Os carros de que cuidava, sempre limpos.

Senso de humor: sempre tinha uma historinha para contar.

Além disso inventava pequenas sacanagens para as pessoas e depois ria às pampas. Quatro exemplos.

1. Certa vez, numa pescaria, fez os Irmãos empurrarem o caminhão por meia hora para que “pegasse no tranco”. E nada de o caminhão funcionar. Quando os Irmãos estavam exaustos e querendo desanimar, pediu um último esforço e então ligou a chave e o caminhão roncou. Um dos Irmãos então perguntou o que ele havia feito. Ele respondeu com presteza: “liguei a chave!” A turma quis bater nele e só não o fez por respeito.

2. Em outra oportunidade, ao arrumar os aperitivos do almoço para os professores, trocou o queijo de alguns quitutes no palito por cubinhos de aipim cru. Quando alguém pegava e colocava na boca ficava rindo pelos cantos, até que alguém descobriu e todos rimos juntos.

3. Num coquetel com autoridades e o bispo, na cidade de São Bento do Sul, fez dois copos de caipirinha: um normal, com cachaça, limão e gelo. Outro somente com água, limão e gelo. Passou os copos aos convidados que foram tomando, sem dizer nada. Depois da festa, rimos muito na comunidade, comentando as caretas feitas pelos convidados ao tomarem água e limão, pensando ser caipirinha fraca.

4. Nossa comunidade não tinha carro pequeno. Havia um, mas não funcionava. Somente um caminhão funcionava. Num domingo de tarde, Dalpiva convidou toda a comunidade a dar uma volta de carro. Topamos a parada, felizes. Imaginamos que havia conseguido um carro emprestado de algum amigo. Nada disso. Encostou o caminhão num barranco e empurramos o carro velho em cima do caminhão. Depois, ele foi dirigindo e a comunidade sentada dentro do carro, andamos a tarde toda pelas estradas de São Bento do Sul, admirando a paisagem do alto.

Por essas e outras histórias, o Ir. Dalpiva era um bom companheiro, desses que mais tarde o Superior Geral chamaria: “Maravilhoso companheiro”.



Ir. Joaquim Sperandio

”

“

Irmão alegre, simples, prático, exímio professor de Técnicas Industriais, muito querido pelos alunos e suas famílias, de fácil convivência em comunidade. Carinhosamente chamado pelos Irmãos de “tampinha”, torcedor corintiano. Convivi com ele no Internato, hoje Colégio Marista Paranaense, em Curitiba.



Ir. João Pedro Wolter

”

“

Convivi com ele no Juvenato, em São Bento do Sul, SC. Era o provedor da comunidade formada por oito Irmãos e 75 juvenistas. Sempre muito atento a tudo, orientava as equipes de trabalho que tinham a incumbência de lavar a louça, as panelas, a limpeza do fogão, tirar leite etc.

Como professor, destacava-se nas Técnicas Agrícolas e Industriais; posteriormente, atuou também em Jaraguá do Sul. Para isso dispunha de ferramentas num setor privilegiado do barracão que ficava atrás da cozinha e refeitório dos Irmãos e juvenistas. Era atencioso e zeloso por tudo o que realizava e, como o aprendizado concreto dos alunos.



Ir. Hugo Depiné

”

“

Estive com o Ir. Dalpiva em três comunidades: No juvenato de São Bento do Sul, em 1966, no Colégio São Luís, em Jaraguá do Sul, de 1975 a 1982, e no Colégio Paranaense, em Curitiba, nos anos 1990 a 1992.

Em São Bento do Sul era um dos motoristas, pois a serviço do juvenato, havia dois caminhões (um Ford e um Chevrolet), um velho Ford que chamávamos X 15 e uma caminhonete velha, Dodge, que viera do Abrigo de Menores. Certa vez me convidou para ir com ele a Jaraguá do Sul, com o caminhão Ford. Voltamos carregados de banana. (Nunca comemos tanta banana!)

O Ir. Dalpiva era muito discreto: como ecônomo, em Jaraguá do Sul, andava sempre com sua pasta; cada mês pagava os funcionários com dinheiro para ter motivo de contato pessoal com cada um. Motorista calmo, jamais teve um acidente.

Em Jaraguá do Sul dava aulas de Técnicas Industriais. Mantinha a oficina sempre limpa e em ordem. Tinha uma ascendência impecável sobre os alunos. Falava pouco, dava orientações claras e precisas aos alunos e obtinha obediência exemplar.

Em Curitiba, no Colégio Paranaense, não tinha trabalho definido e mostrou um pouco de dificuldade em se ocupar. Supervisionava a cozinha e fazia algum trabalho quando necessário, sobretudo aos domingos, aquecendo o jantar. Ao que parece, as dificuldades pessoais o levaram a tomar vinho além do costumeiro, escondido, pois na mesa, tomava vinho misturado com água. Isso parece ter contribuído para os problemas circulatórios que teve (ferida numa perna) e o câncer no fígado, no final da vida.

Na comunidade estava sempre tranquilo. Participava regularmente de tudo, falava pouco. Ocupava-se numa pequena oficina instalada no subsolo, ao lado da garagem. Era muito engenhoso em fazer cataventos com atrativos, como bonecos que se movimentavam com o rodar do equipamento.

Por ocasião do falecimento do Ir. Leão Magno (11/01/1982), em Jaraguá do Sul, coincidiu de estar o Ir. Dalpiva acompanhando o Ir. Leão no hospital. Assim ele pode assistir os últimos momentos do coirmão. Alguns dias depois, em casa, deixou escapar um depoimento: “se morrer é como morreu o Ir. Leão, eu também quero morrer: ele começou a sorrir e se foi...”

”



Ir. Roque Brugnara

“

Após o término do escolasticado, Adelino, percorreu uma longa caminhada de vida dedicada a seus coirmãos e às crianças e jovens. Depois que deixou o magistério esteve ainda no Colégio Paranaense de Curitiba, PR nos anos de 1986 a 1992, e nos anos de 1993 a 2004, no Lar São José, de Florianópolis, SC, onde ainda fazia trabalhos de oficina, marcenaria e de serviços gerais. Durante muitos anos exerceu também a função de ecônomo nas comunidades maristas onde viveu.

”



Ir. Tercílio Sevegnani

“Ir. Adelino especializou-se em Técnicas Industriais e era dotado de um dom todo particular em trabalhar com madeira, fazer esculturas e brinquedos” (Ir. Avelino Spada). Seus cata-ventos e casinhas, para abrigo e alimentação de pássaros, foram espalhados pela Província e em casas de muitas pessoas amigas e conhecidas.

Por causa destas habilidades foi professor de Técnicas Industriais durante muito tempo e tinha muito jeito de lidar com as crianças e adolescentes. “Conseguia encantar as crianças.” (Ir. Avelino)

Com os alunos era ao mesmo tempo sério, exigente e bondoso e mantinha uma disciplina natural invejável.

Ir. Adelino tinha algumas características pessoais bem evidentes: era humilde e tinha um estilo de vida muito simples. Demonstrava grande paciência e acentuado senso de humor e alegria. “Era dotado de um gênio muito feliz, sabia brincar e alegrar as pessoas, ajudava a manter um ambiente agradável e descontraído. Entre os Irmãos, por ser baixinho, era carinhosamente conhecido como “tampinha”. Suas relações eram simples e cordiais. Estava sempre sorridente e de bom humor, nunca se queixava, mesmo quando a dor era intensa, nos últimos anos de vida” (Ir. Avelino). Conseguiu até o fim manter a serenidade, a paz e a harmonia que sempre o caracterizaram.

Eis um fato pitoresco, para exemplificar o seu estilo alegre e brincalhão: quando estava na comunidade de Jaraguá do Sul, convivia com um Irmão mais idoso do que ele, Ir. Leão Magno, (Olindo Funk) que gostava de tomar cerveja aos domingos mas para ele a única cerveja que prestava era a “Serramalte”. Num domingo, não

havendo cerveja Serramalte em casa, junto com um coirmão descolou a identificação da Serramalte e a colou numa garrafa da Antártica. Na hora da refeição o Ir. Leão encheu um copo da suposta Serramalte e, após tomá-la, exclamou solenemente: “esta sim é cerveja...” A gargalhada entre os Irmãos foi geral.

Nos últimos dias de sua vida, já enfermo e hospitalizado, manteve-se sereno, irradiando muita paz e harmonia.



Grupo de Irmãos que fez um passeio pelo Brasil.



Pedro Sartori Zanella

Ir. Januário

1913 – 2004

O Ir. Pedro S. Zanella chegou a 90 anos de idade e 72 de Vida Religiosa. Entrou no Juvenato de Porto Alegre, em 1927. Fez o Postulado em Porto Alegre, em 1930. Ingressou no Noviciado de Porto Alegre, em 1931 e emitiu seus primeiros votos no dia 21 de janeiro de 1932. Em 21 de janeiro de 1937 fez a Profissão Perpétua, em Porto Alegre, RS.

Na família era tratado como “Pedrinho”, mesmo depois de idoso, pelos sobrinhos.

FAMÍLIA

Último de oito filhos, sendo uma mana religiosa das Irmãs de São José. Nasceu em 27 de dezembro de 1913, em Rio Grande. Não chegou a conhecer o pai, que fazia a função de inspetor da malha férrea federal no Rio Grande do Sul, devido ao seu falecimento causado por um derrame cerebral, antes que completasse um ano.

O que conheceu de seu pai, refere-se a uma carta testamento que deixou para a família com várias recomendações a seus filhos mais velhos e muitas referências a sua esposa que podem ser comparadas a algumas expressões do Cântico dos Cânticos, tamanho o carinho e o amor que revela à sua esposa. A Pedro, praticamente nada dirige, pois era ainda um bebê e pouco o conhecia.

No verso de uma fotografia dos seus pais, o próprio Ir. Pedro deixou escrito:

Meu querido e amado pai, Élio, faleceu no dia 05/12/1914 e eu, Pedro, nasci no dia 27/12/1913.



Pais do Ir. Pedro



Menino Pedro S. Zanella

Minha mãe, Graziellina Sartori Zanella, faleceu no dia 04/02/1922. Contava eu com 9 anos de idade. Meu pai deixou uma bela carta datada aos 12 dias de outubro de 1913.

Eis a carta/testamento (transcrita o mais fiel possível ao original):

Em nome de Deus

Eu, Élio Zanella, nascido em Trieste (Áustria) o dia 22 maio 1873, cazado legalmente e religiosamente com Da Graziellina Sartori, achando-me um tanto doente e querendo deixar, apesar de pouco possuir, as minhas últimas vontades, mando, declaro e peço sejam observadas estas minhas vontades.

O que possuo vai aqui explicado:

I Apolice de seguro de vida da Companhia Cruzeiro do Sul de Rio de Janeiro efetuada em 31 Março de 1909 e no valor de R 5.000.000

Outra apolice de seguro de vida da Companhia Garantia do Amazonia de Belem (Pará) efetuada em 25 de Junho de 1913 e no valor de R 5.000.000.

Outra que tenho direito da Associação Amparo Mutuo dos empregados da Estrada de Ferro (Viação Férrea Rio Grande do Sul) de R 800.000.

Dinheiro que tinha depositado na mesma Estrada de Ferro (Viação Férrea do Rio Grande do Sul) para fiança na importancia aproximada até hoje de R 1.600.000

Total Rs 12\$400.000

Conforme está declarado nas aplicações e informe de direito estes doze contos e poucos cem mil reis devem serem entregues a minha sincera e leal esposa Graziellina Sartori Zanella afim sirvam instruir e educar os meus filhos e seu sustento.

Desejo porém que a minha morte ella empregue logo uns cinco mil contos de reis para compra de uma casa no Rio Grande afim ella morar e o restante sirva,

conforme disse, para sustento d'ella e dos filhos e educação dos mesmos.

Recomendo a ella receber os bons conselhos que... (palavras não legíveis por causa do papel danificado) peço ao meu bom amigo e cunhado Sr. Luiz Fruet dispensar-lhe.

Quero que meu relógio e corrente de ouro sejam entregue ao meu filho Vittorio recomendando a elle não vendel-os em tempo algum, e isso para lembrança do pai delle. A elle tambem reccomendo nunca deixar auxiliar sua mae, minha virtuosa esposa como nunca abandonar as suas irmãs, que precisarão as vezes de conselhos que elle como unico homem tem por obrigação a dar-lhe.

Casando, solteiro, tendo alguma cousa ou não nunca deve esquecer a sua mãe que foi uma exemplar minha companha mulher do pai d'elle e que aqui lhe faz este pedido.

Pelo que agora ainda criança eu conheço o coração bondoso, julgo que elle não deixará de cumprir este meu desejo, julgando-o como uma ordem do seu pai.

Desejo e ordeno que os meus funerais sejam os mais simples não quero grinaldas e peço que a minha sepultura seja no chão, que a lapide seja das mais simples, pois ela deverá servir para minha esposa e mesmo filhos a lembrança de onde estou enterrado.

Julgo n'esse mundo não ter feito mal a ninguem, porém si (palavras indecifráveis por dano do papel) o fiz peço perdão.

A ti minha alma, a ti minha exemplar companheira, a ti minha caríssima esposa, minha querida Nena, que sempre soubeste me consolar nos meus tristes momentos, a ti que com dedicado amor sempre soubeste me tratar, a ti esposa



Família, alguns anos depois da morte do pai.

fiel, recomendo-te os nossos filhos, recomendo-te a educação d'elles e lembrar-se sempre deste pobre seu pai que ainda moço, quando julgava poder-os amparar com os seus conselhos com seu carinho deixa de existir.

A todos os meus parentes o meu ultimo adeus.

Élio Zenella

No final, o Ir. Pedro acrescentou:

Esta carta foi redigida antes do meu nascimento, ocorrido aos 27 de dezembro do ano de 1913, o caçula da família, Pedro Zanella, o oitavo filho.

A carta foi escrita em Pelotas, quando ele era chefe da Estação da Viação Férrea do Rio Grande do Sul, aos 12 dias de Outubro de 1913.

Observa-se nesta carta, além da grafia antiga da língua portuguesa, influência da língua italiana que Élio certamente sabia.

Outra constatação, a mãe tinha apenas 17 anos quando casou-se, em 1900 e quando o marido faleceu (1914) tinha 30 anos.

VOCAÇÃO

A principal motivação vocacional do jovem Pedro foi querer ser como os Irmãos que conheceu no Colégio, seus professores.

O Ir. Pedro, em sua autobiografia, já mencionada, assim fala de sua vocação:

Não podemos penetrar no mistério da vontade de Deus., mas devemos pedir a graça de aceitá-la. Entendo que a minha vocação a vida de Irmão Marista originou-se a em um ambiente onde a graça da vocação caiu em terra boa. Nessa terra boa, a semente medrou. A terra boa foi o meio no qual vivi no Colégio São Francisco.

Essa “terra boa” era o testemunho dos Irmãos Maristas com os quais eu, menino, adolescente, simpatizava a tal ponto que dizia com os meus botões: pretendo ser como eles. E eles eram dedicados, zelosos na catequese e ensino religioso a seus alunos etc. Tudo isso foi uma “segunda natureza” que se criou em mim. Eles foram os promotores da minha vocação. Agora entendo um pouco mais do axioma teológico: “A graça supõe a natureza e a aperfeiçoar”. Resta-me agradecer e, para isso, rezar o Magnificat da Boa Mãe.

Eis como se deu a minha entrada no juvenato do Instituto Champagnat dos Irmãos Maristas de Porto Alegre.

O Ir. Aidant foi visitar meus tios, tia Clotilde, irmã da minha mãe, e tio Luiz Fruet, meus tutores, pois estava na orfandade. A família Fruet, dez filhos, meus primos irmãos, era muito religiosa.

Com o consentimento de todos, e com minha decisão já formada, fiz minhas despedidas às minhas irmãs e ao Ir. Victor, a todos os parentes e amigos, e no mês de fevereiro de 1927, com 14 anos de idade (não lembro o dia), acompanhando-me o Ir. Aidant, embarquei no vapor Itapuca, da Cia de Navegação Costeira. “Marinheiro” de primeira viagem, sem enjoo algum, navegando pela Lagoa dos Patos, aportei em Porto Alegre, bem descansado e, sempre na companhia do Ir. Aidant, dei entrada no Instituto Champagnat, dos Irmãos Maristas, no bairro Partenon, onde estavam estabelecidos o Juvenato, o Postulado, o Noviciado e o escolasticado. Deo gratias!

FORMAÇÃO MARISTA

Entrou no Juvenato de Porto Alegre, em 1927. Fez o Postulado em Porto Alegre, em 1930. Ingressou no Noviciado de Porto Alegre, em 21 de janeiro de 1931 e emitiu seus primeiros votos no dia 21 de janeiro de 1932. Em 21 de janeiro de 1937 fez a Profissão Perpétua, em Porto Alegre, RS. Emitiu voto de estabilidade em dezembro de 1950, em Santa Maria, RS.

Em sua autobiografia, Ir. Pedro descreve mais detalhadamente como se deu o processo de sua formação marista:

Quando entrei no juvenato, em 1927, o meu enxoval ficou marcado com o número 41, tudo bem em ordem. O número servia apenas para colocar ordem nas coisas, não nas pessoas. Eu continuava a ser o juvenista Pedro. Até dei com o meu nome num folheto que então se publicava na França, Le Petit juvéniste. De certo, o Ir. João Rafael, diretor do Colégio São Francisco, havia mandado para a referida publicação a notícia da minha entrada no Juvenato. Que maravilha!

Minha permanência no Juvenato durou três anos: 1927, 1928 e 1929. Em 1930 e 1931, fiz o Postulado e o Novícia do. Foram formadores do meu grupo de noviços: Ir. Paulino, mestre dos noviços e Ir. Eusébio, vice mestre e Guilherme Sehnem, professor de Inglês e, esporadicamente, proferia palestras de formação.

No dia 21 de janeiro de 1931, realizou-se, durante a celebração da Santa Missa, a ceri-



1937, profissão perpétua

mônia de tomada de hábito, dia da comemoração da festa de Santa Inês. Foram meus padrinhos os Ir. João Rafael e Paulo da Cruz, que havia sido meu professor no terceiro ano do primário no Colégio São Francisco.

Ao findar o tirocínio do Noviciado, fui admitido pelo parecer do Irmão Provincial, Adriano, e seus conselheiros, a pronunciar os três votos de religião: castidade, pobreza e obediência. Ato feito voluntaria e livremente, no 21 de janeiro de 1932, festa de Santa Inês. Antecedeu ao pronunciamento da Primeira Profissão, um retiro de 7 dias. Nesse mesmo dia, conclusão do santo retiro, o Ir. Adriano, Provincial, deu o placement aos Irmãos. Eu fui indicado para integrar a comunidade da Escola de Artes e Ofícios de Santa Maria, cujo diretor era o Ir. Tomás de Vilanova.

FORMAÇÃO PERMANENTE

No arquivo da Casa Provincial encontramos poucos certificados de cursos feitos durante a vida e cadernos com anotações diversas, levando-nos a concluir que o Ir. Pedro foi mais autodidata do que um frequentador de cursos. Todos os cadernos estão sem datas:

- Um caderno com capa do Ginásio N. Sra. do Rosário, com anotações de Filosofia com um recorte de jornal de um artigo do reconhecido autor Gustavo Corsão;
- Um caderno com anotações e verbos e palavras em italiano;
- Um caderno com anotações de Francês;
- Dois cadernos com anotações de alemão;
- Dois cadernos com anotações de cursos internos feitos em Mendes, RJ. (um deles parece ter sido de um retiro).
- 8 folhas avulsas, escritas em ambas as faces, com o título “Noções de Lógica”. Parece ter sido um estudo que fez para ensinar.

Encontramos também um Diploma de Benemérito emitido pela Confederação Brasileira de Ex-alunos Maristas, com data de 23 de setembro de 1995, juntamente com uma cartinha sem data do Ir. Avelino A. Parisotto.



VIDA MARISTA E TRABALHO APOSTÓLICO

Para ilustrar a riquíssima trajetória do Ir. Pedro na vida marista bem como seu trabalho apostólico, segue algumas importantes informações:

1932 a 1936	Escola Industrial Hugo Taylor, Santa Maria, RS, professor/vigilante
1937 a 1945	Colégio N. S. do Rosário, Porto Alegre, RS, professor/vigilante, a partir de 1940, estudante de Direito
1946 a 1948	Colégio Santo Ângelo, Santo Ângelo, RS, diretor
1949 a 1950	Colégio Paranaense, Curitiba, PR, diretor
1951	Colégio Santa Maria, Santa Maria, RS, diretor
1952 a 08/1960	Passo Fundo, RS, Superior Provincial durante 3 períodos, na antiga Província de Santa Catarina
1961 a 1962	Colégio Cristo Rei, Getúlio Vargas, RS, diretor
1962 a 1964	Escolasticado, Santa Maria, RS, formador
1965 a 1966	Colégio Aurora, Caçador, SC, diretor
1967, 1969 a 1972	Colégio Marista, Joinville, SC, diretor
1968	Estudos em Lovaina, Bélgica
1972	Escola Técnica da SATC, Criciúma, SC, professor (2º sem.)
1973 a 1976	Colégio Marista Aurora, Caçador, SC, diretor e professor universitário
1977	Residência Marista, Joinville, SC, professor universitário
1978 e 1979	Residência Marista, Joinville, SC, superior
1980 a 1982	Colégio Marista Aurora, Caçador, SC, diretor
1982	Florianópolis, SC, Superior Provincial interino (2º sem.)
1983	Escola Técnica da SATC, Criciúma, SC, superior

- **1984 e 1985** Casa do Estudante Marista, Florianópolis, auxiliar de formação
- **1986 a 1988** Centro de Formação Champagnat (escolasticado), Florianópolis, SC, ecônomo
- **1989** Residência Provincial, Florianópolis, SC, administração
- **1990 a 2004** Lar São José, Florianópolis, SC, repouso

Além disso foi Conselheiro Provincial nos períodos de 1964 a 1971 e de 1978 a 1988, na nova Província de Santa Catarina.

Também foi Vice Provincial de 1964 a 1969 e de 1981 a 1982. E, Provincial interino, após a morte do Ir. Walmir Orsi, no segundo semestre de 1982.

Trabalhou como Secretário da UCE entre 1987 a 1994.

Obs.: um convite de formatura da Faculdade de Educação de Joinville, turma de 1976 a 1979, cita o Ir. Pedro S. Zanella, como diretor executivo, na lista dos homenageados.

Foram preservadas três placas metálicas de homenagem:

- De 1964, concedida por Luiz Damati, de Rio Grande, seu condiscípulo;
- Em 1976, por parte dos formandos em Pedagogia, de Caçador, SC.
- Em 1978, homenagem do Colégio Aurora, por ocasião da comemoração do cinquentenário, por ter sido diretor nos anos 1865 e 1866.



1952, Passo Fundo, Provincial

O Ir. Pedro faleceu em Florianópolis, internado no Hospital de Caridade, vítima de insuficiência respiratória, broncopneumonia e insuficiência cardíaca congestiva. Foi sepultado no cemitério particular dos Irmãos Maristas, em Jaraguá do Sul, SC.

Ainda sobre a vida marista e os trabalhos apostólicos desenvolvidos pelo Ir. Pedro Zanella, segue um trecho retirado da autobiografia, acima citada:

Com a idade de 18 anos iniciei o magistério na Escola de Artes e Ofícios de Santa Maria, RS, onde comecei a alfabetizar meninos do Curso Infantil. Sucessivamente fui assumindo o 3º Curso e o 4º Curso ou o Admissão e depois o 1º ano Ginásial. Pedagogicamente

orientava-me pelo Guide des Écoles dos Irmãos Maristas, sem me descuidar da própria formação permanente, estimulado pelo Ir. Tomaz de Vilanova e pelo substituto na direção da Escola, Ir. João Rafael.

Durante cinco anos, de 1932 a 1937, permaneci na Escola de Artes e Ofícios, mantida pela Cooperativa dos Empregados

da Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Foram anos de apostolado, especialmente na catequese e ensino religioso que partilhava com os filhos dos funcionários ou operários da Viação Férrea.

Vários Irmãos que, então ou depois, atuaram nessa escola, eram unânimes no elogio à qualidade do ensino e à motivação dos alunos, geralmente oriundos de famílias simples, residentes ao longo da via férrea. Os Irmãos, por vários anos, desenvolveram outras iniciativas em favor das famílias ligadas à ferrovia, na região de Santa Maria. A dedicação do Ir. Estanislau, ao longo do trajeto ferroviário, providenciou para que cada família tivesse uma cabra a fim de garantir o leite para as crianças. Adquirir ou manter uma vaca era impossível para essa população. Esse programa valeu ao Irmão, muito estimado, o mesmo venerado, o nome popular de “Padre das cabras”.

Na citada Escola, tomei contato com a Associação dos Vicentinos, então presidida pelo Sr. Roberto Romano, mestre da seção de escultura, e participava das reuniões da Sociedade de Caridade vicentina. Acompanhava-me até a sede da Associação o Ir. Jorge Celestino, espanhol que, qual virtuose no piano, executava peças musicais, e isso tornava as reuniões ainda mais alegres.

Após cinco anos na Escola de Artes e Ofícios, o Irmão Provincial Desiré Alphonse, posteriormente Assistente Geral, designou-me para o Colégio Nossa Senhora do Rosário, em Porto Alegre, para uma comunidade formada por 50 a 60 Irmãos.

No Rosário fiz os anos de pré-jurídico, ao mesmo tempo lecionando Latim e Português. Permaneci no Colégio Rosário de 1937 a 1946, nove anos.



1944, colação de grau

Em dezembro de 1939, em obediência e atenção à solicitação do Provincial Ir. Afonso, prestei junto ao Ir. Moacir Caetano Empinoti, exame vestibular para ingresso na Faculdade de Direito, da Universidade Federal de Porto Alegre. Data da conclusão do curso: 26/12/1944.

ESPIRITUALIDADE

Algumas fotocópias de anotações pessoais, mostram como rezava diariamente, ao ir deitar-se. Uma parte dessas orações ainda em latim.

Fazia orações espontâneas, agradecia pela mãe Graziellina, pelo amor que teve para com os filhos, a fidelidade para com seu pai e pedia sua intercessão. Agradecia a convivência com os coirmãos e com os que o marcaram com seus bons exemplos de vida.

Nas orações, mostrava-se cheio de felicidade por pertencer à família religiosa de Maria. Seu único pesar: “não ser santo”. Por isso pedia a graça de santificar-se. Pedia sobretudo a humildade. Como Salomão, pedia um coração que soubesse perceber a verdade e discernir entre o bem e o mal, que sua liberdade estivesse a serviço da vida e da esperança.



1951, em Roma

Rezava pedindo a coerência e a fidelidade à vontade de Deus, a capacidade de perdoar, a firmeza nos conflitos e a capacidade de ser agente de evangelização junto aos jovens.

Os seus livros de oração, especialmente Liturgia das Horas, continham inúmeros folhetos de oração, alguns com menos manuseio, usados como marcadores de página. Entre eles duas bênçãos do papa João Paulo II, uma delas relativa aos 60 anos de Vida Religiosa, celebrados em 30 de maio de 1981.

Os demais folhetos continham orações em latim, francês e português, com diversas idades e sinais de uso. Havia folhetos vocacionais, orações a alguns santos de devoção e a Nossa Senhora.

“

Já em 1932, no Juvenato de Porto Alegre, ouvi falar neste nome. Aconteceu desta maneira: os juvenistas lavavam os talheres no corredor que dava para o pátio do Noviciado. Certo dia, o Ir. Eusébio veio falar com o grupinho que desempenhava a mencionada função. Ao chegar perto de mim, perguntou-me o nome. Respondi: Aristides Zanella. Ao ouvir este sobrenome ficou curioso e indagou se conhecia ou era parente do Ir. Pedro Zanella, que era da cidade de Rio Grande. Informei negativamente. De minha parte, vinha do Paiol Grande que depois teve diversos topônimos: Boa Vista do Erechim, José Bonifácio, Erechim (escrito com variadas grafias, algumas até ridículas). No Juvenato havia um santo Irmão que brincava com meu sobrenome se era Janela, Flanela etc. Na época, não sabia a proveniência. Hoje, responderia que provém de uma série de metaplasmos sofridos pelo nome Ionnem que deu Zuane, Zuanel, Zanella, Zanotto e talvez zebu.

Oito anos mais tarde os dois Zanella, estaríamos juntos no colégio Rosário. Ele era prefeito dos maiores, lecionava nas séries mais adiantadas e cursava Direito na Universidade do Rio Grande do Sul. Era delgado e não ostentava boa saúde. Falava-se que tinha estômago caído.

Aconteceu um fato de que ele ainda se lembrava ao dirigir-me uma saudação por ocasião de minhas bodas de ouro na Congregação. Era costume os prefeitos levarem os internos ao futebol, ao cinema e até ao circo. Para este evento, os auxiliares fomos também. Parece que o Diretor não gostou muito de nossa atitude. No domingo, ao distribuir as passagens de bonde para alguma saída, perguntou-me se também tinha ido ao circo. Respondi afirmativamente, pois queria ver os elefantes. Disse-me que para isso bastava pegar um livro e não havia necessidade de ir ao circo. Fiz-lhe observar que meu desejo era ver os elefantes dos dois lados...



Por volta de 1982, Florianópolis, Casa Provincial.

Passaram-se os anos. Houve a divisão da Província e o Ir. Pedro Zanella foi nomeado Superior da que então se denominou Província de Santa Catarina, com sede em Passo Fundo. Passei três anos junto com ele. É verdade ele tinha de viajar e atender aos deveres do encargo. Era muito discreto, prudente e zeloso, muito preocupado com o bom andamento do setor da Congregação que lhe cabia orientar. Por vezes, raras porém, parecia bastante preocupado com algum problema que surgisse. De meu ponto de vista foi excelente superior e conduziu bem a Província que, posteriormente, dividiu-se em duas.

Passei outro período com o Ir. Pedro Zanella, quando já estava recolhido no Lar São José, em Florianópolis. As forças lhe iam sumindo e suportava com bastante resignação os males que o acometiam. Em síntese: viveu vida muito além do que se esperava e foi religioso exemplar em tudo, até no modo elegante e muito humorista, ao encarar a trivialidade que a existência apresenta.

Ir. Aristides Zanella

”

“

O que o Ir. Pedro escreveu: cuidava dos internos maiores no Colégio Rosário de 1943 a 1945. Os alunos na maioria cursavam o clássico e o científico (hoje Ensino Médio). Ele também acompanhava os congregados marianos (associação de jovens) do Rosário. A todos impressionava com sua simpatia. Tinha muito fácil relacionamento com todos. Conheci-o quando era escolástico no Champagnat (1950-1951), quando o Ir. Januário foi nomeado Provincial, ele demonstrava muita preocupação por não ter sido, na vida, nem mesmo conselheiro provincial. Em Rio Grande, quando ele vinha visitar seus parentes, geralmente nas férias, passava algum tempo com os Irmãos da comunidade. Sempre tive dele a impressão de bom religioso. Ele foi a primeira vocação marista do Colégio.

Ir. Dorvalino Tolotti



16/04/2001, retornando
ao Colégio S. Francisco.

”

“

Quando realizamos, em Florianópolis, um Encontro dos Irmãos das duas Províncias que iriam se fundir (SP e SC), durante uma celebração, no momento do abraço da Paz, o Ir. Pedro Sartori Zanella me disse: “Ir. Dario, agora somos da mesma Província, que alegria!” e nos abraçamos.

Ir. Dario Bortolini

”

“

Recordar o Ir. Pedro Zanella é quase um dever de gratidão. Em novembro de 1951, eu era juvenista no Instituto Champagnat, Porto Alegre. No final desse ano, chegou a notícia de que a Província do Brasil Meridional fora dividida em duas, dando origem à Província de Santa Catarina, com sede em Passo Fundo, no Colégio Conceição. Abrangia o Estado de Santa Catarina, o Internato Paranaense, em Curitiba, e as Dioceses do oeste do Rio Grande do Sul. A outra parte do Rio Grande do Sul, Dioceses de P. Alegre, Caxias do Sul, Vacaria e Pelotas, com sede em Porto Alegre, passou a constituir a Província do Brasil Meridional. Essa divisão foi autorizada pela Santa Sé, no dia 2 de outubro de 1951. Os Provinciais foram eleitos em 16 de novembro: Ir. Paul-Norbert (anteriormente vice do Ir. Vendelino) para a Província do Brasil Meridional, e o Ir. Januário (Pedro S. Zanella) para a Prov. de Santa Catarina.



Por volta de 1970.

Nessa época havia 568 formandos e 516 Irmãos religiosos, dirigindo 37 escolas com 18.244 alunos, na Província do Brasil Meridional, razão da mencionada divisão. A partir dessa divisão, recebíamos a visita de dois Provinciais, cada um cuidando de seus formandos. Desde essa época comecei a apreciar e a admirar o Ir. Januário. Era muito inteligente, perspicaz e, com frequência, recorria a uma fina ironia. Era formado em Línguas Clássicas e em Direito. Manejava a língua portuguesa com perfeição e elegância. Improvisava uma palestra com muita facilidade. Como fora diretor de Colégios, talvez lhe faltasse familiaridade com os temas da formação. Nas entrevistas era sucinto, mas animador. Em 1 de dezembro de 1951, assumiu oficialmente

o Provincialato até 31 de agosto de 1960, quando foi substituído pelo Ir. Guido Gabriel*, mano do Ir. Firmino Schneider.

Na minha percepção, o Ir. Pedro S. Zanella tinha grande facilidade de relacionar-se, era envolvente e, normalmente, conseguia o que pretendesse. Essa capacidade tornava-o agradável negociador. Era estimado e apreciado pelos Irmãos e pela sociedade. Não penso que fosse um administrador como entendemos hoje. Mas exercia boa liderança. Oriundo de ambiente urbano, cidade de Rio Grande, estranhava modos de fazer e de falar dos formandos e mesmo de Irmãos; de fato, muitos mantiveram pela vida afora, os modos de ser herdados das famílias do interior. Mesmo assim, não perdia a elegância.

Tinha presença de espírito, o que lhe valeu um quase permanente encargo de fazer pequenos discursos de ocasião: final de retiros, de encontros, festividades e aniversários. Sendo leitor assíduo, ornava suas intervenções com citações de variados autores. Atuou por muitos anos no Conselho Provincial, onde era conciliador e bastante discreto. Foi secretário do Conselho e hábil sintetizador dos temas tratados. Bom religioso, não perdia a oportunidade para evocar temáticas religiosas e convidar ao espírito de fé.

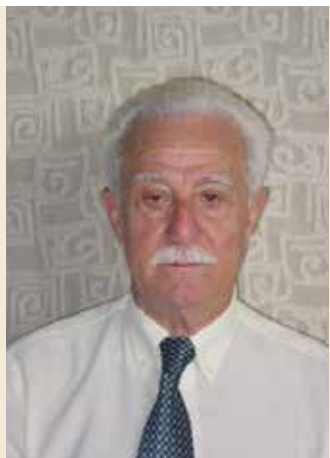
Quando já mais idoso, tornou-se grande apreciador do jogo de canastra, vindo a ser bastante hábil, suscitando alegria e comentários pitorescos. Lia com satisfação e perseverança os jornais disponíveis na comunidade. Acompanhava as notícias, a evolução da política e da economia. Manteve relativa boa saúde até o fim e não me lembro de queixas que tenha feito, devido aos limites que a idade impunha.

Lembro-me de uma afirmação que fez em conversa: Eu queimei minha vida em favor da comunidade; poderia ter me especializado em alguma área de estudos, mas preferi estar a serviço da Província, onde fosse necessário. Não são palavras textuais, mas elas traduzem o sentido que ele queria dar. Realmente, com a boa inteligência que tinha poderia ter dado outra orientação à sua vida religiosa. Preferiu o serviço e um exigente apagar-se para aspectos que a sociedade muito valoriza. No todo, considero o Ir. Pedro Zanella uma vocação marista privilegiada, muito assumida, vivida em constante fidelidade e realizada na doação generosa e alegre.

Ir. Aloísio Kuhn



*O Ir. Guido Gabriel faleceu como Provincial, em 1º de novembro de 1961, em acidente aéreo no aeroporto de Guararapes, Recife, com o Ir. Anísio Fabris, Provincial do Brasil Meridional, ao retornarem de Roma, da Conferência de Provinciais, no primeiro ano de seus mandatos.



Geraldo Minuscoli

1928 – 2005

FAMÍLIA

Primeiro filho do primeiro casamento de Ernesto Minuscoli com Estella Vaccari, nasceu em vila Santa Teresa, naquele tempo Município de Bento Gonçalves, aos 20 de janeiro de 1928.

Entrou no Juvenato em Porto Alegre, RS, em 1943 e no postulado em 1947. Fez o Noviciado em Veranópolis, RS, em 1948. Durante os anos de 1949 e 1950 fez o Escolasticado, em Porto Alegre. Sua primeira profissão religiosa foi em 22 de fevereiro de 1949 e a profissão perpétua em 4 de janeiro de 1954 em Porto Alegre, RS. Fez seu voto de estabilidade em Curitiba, PR, em 31 de dezembro de 1999.

Em janeiro de 1978 fez o CEMAR, em Teresópolis. Tive a oportunidade de conhecê-lo, sobretudo por causa das longas caminhadas. O CEMAR proporcionava tempo livre nas quartas de tarde e domingos. O Ir. Geraldo fazia parte do grupo dos montanhistas: cada quarta e cada domingo, munidos de água e pão, subíamos uma montanha da redondeza. A melhor aventura foi subir a Pedra do Sino, durante a noite, para ver o sol nascer pela manhã.

Apesar do frio da noite, tomamos um banho de cascata pela meia-noite. Ao chegar no cimo, o frio era tanto que nem casacos, nem deitar-nos encostados uns aos outros resolvia o problema. Alguns batiam os dentes por causa do frio. Foi preciso caminhar até o sol nascer!

Ele contava muitas histórias da África e também mostrava ao grupo muitas fotografias (slides) do tempo em que era caçador. Depois ele se converteu em conservacionista.

Cultivava intenso relacionamento com os amigos. Tratava-os muito bem, fazia visitas... eram tantos que não mantinha correspondência pessoal: fazia cartas circulares e mandava para todos, parentes e amigos, relatando o que vivera desde a última. Às vezes era depois de um ano ou depois de alguns meses.

Ele fazia muitos contatos telefônicos com os amigos. Por isso se dizia que, onde ele estava, a conta telefônica era alta!

Reencontrei-o em Curitiba, no Vivemar. Era entusiasta desse trabalho com os leigos e participava sempre que podia.



1937, Escola pública Dr. Parobé, Vila Dr. Parobé.

VOCAÇÃO

Entre os pertences do Ir. Geraldo, encontrou-se uma folha com o título “Minha Vocação”, escrita em Florianópolis no dia 22 de julho de 2004, transcrita abaixo:

Em meado de 1938, apareceu em nosso povoado, Doutor Parobé, um “estranho” personagem, vestido à moda de padre, com uma batina preta.

Era o Ir. Estêvão José, lassalista, recrutador de jovens candidatos à vida religiosa. Explicou-nos uma série de coisas. No final de tudo, um grupinho demonstrou interesse. Entre eles estava eu, é claro.

No ano seguinte recebemos outra visita do nosso personagem. Seria para acompanhá-lo a Canoas, RS, onde se localiza o juvenato ou casa de formação dos jovens aspirantes.

Neste curto espaço de tempo, adoeceu mamãe. A vida mudou. Era eu o mais velho de cinco crianças. A mais nova tinha um ano e pouco e eu mal completava onze anos. Por isso, passei a ajudar mamãe doente e, depois, substituí-la, quando

foi hospitalizada. Éramos quatro rapazes e uma menina, a segunda em idade dentro do grupo.

Acabados os estudos primários, passei a ser colaborador da Prof.a para ajudar os mais fracos. Até que, um dia, papai decidiu internar-me no Ginásio Imaculada Conceição, dos Irmãos Maristas, da cidade de Guaporé, RS. Queria ser perito contador, e para isso, iniciei o curso comercial. Logo, logo, a minha atenção se voltou para os Maristas, aqueles “homens vestidos de preto” e que eram tão simpáticos. Confiavam em nós. Davam-nos tarefas de responsabilidade. Levavam-nos a passear, a jogar futebol com eles, Admirei-me. Nunca os vi reclamarem. Nem a falta, cometida por acaso, os impacientava! Era bonito de se ver esta união, esta camaradagem, melhor diria, esta fraternidade!

Sua alegria de viver, seu modo de ser, seu espírito esportivo e fraterno me encantaram de vez...

Como estes “caras” jogam bem! Não discutem. Nem brigam entre si, exclamávamos nós, os internos. Essas boas atitudes nos impressionavam, marcando-nos mesmo, positivamente. Um ajudava e amenizava outro!

Havia no Conceição a Cruzada Eucarística e o Ir. Gervásio era o seu responsável. Convidam-nos a participar. Um bom grupo aceitou. Aprendemos a rezar, a fazer pequenos sacrifícios e a socorrer o outro... Era um meio para nos estimular ao bom comportamento, estudos sérios e à educação dada pelo Conceição.

Visava-se, com isso, além da boa educação, fazermos a escolha certa de nossa vocação. E tudo frutificou bem...

Um dia fui convidado a “ser como um deles”. Deveria ir a capital, Porto Alegre, para estudar e forma-me. Gostei da ideia. Iria refletir sobre ela. Falaria com papai.



1942, Colégio
Conceição, Guaporé.



1943, Juvenato Champagnat, Porto Alegre, RS.

Uma vez informado das minhas intenções, pelo menos no início, fez restrições. Pôs-me a par da situação:

– Quem vai me ajudar na serraria? Quem vai tomar conta dos meus irmãos? Perguntou-me ele preocupado. No entanto pensa bem nisso, meu filho. Não te proíbo nem te mando seguir esse caminho. Cuida para não voltares amanhã chorando, dizendo que não te aconselhei. Meu filho, se fores, procura ser fiel. Não desanimes! E nem pensa em voltar atrás!

Decidi ir a Porto Alegre. Fui. Lutei. No entanto, a vida me serviu. Apesar de todas as tempestades, sou Marista desde 1948 e peço a Deus prosseguir firme na minha vocação, a exemplo de S. Marcelino.



1945, o pai Ernesto mudou de profissão. Ficou madeireiro. Geraldo em pé, junto a porta do caminhão.

VIDA MARISTA E TRABALHO APOSTÓLICO

Dado à profunda vivência Marista e ao seu extenso e profícuo trabalho apostólico, segue uma vasta lista de informações significativas sobre o Ir. Geraldo:

02/01/1951 a 31/12/1952

Colégio São Francisco, Rio Grande, RS, continuou o escolasticado

02/01/1953 a 31/12/1959

Colégio N. S. do Rosário, Porto Alegre, professor

02/01/1960 a 31/12/1961

Colégio Marista Champagnat (Porto Alegre), professor

02/01/1962 a 31/12/1963

Colégio São Jacó, Novo Hamburgo, professor

02/01/1964 a 30/06/1964

Colégio Marista Champagnat, Porto Alegre, professor

24/01/1965 a 31/12/1975

Moçambique, várias atividades

02/01/1976 a 31/12/1979

Comunidade Santo Tomás de Aquino (PUCRS), várias atividades

02/01/1980 a 31/12/1980

Colégio São Luís, Santa Cruz do Sul, professor



1964, com alunos do Colégio São Jacó, Novo Hamburgo, RS.



Descendo no porto de Rotterdam, viagem de estudos.

02/01/1981 a 31/12/1981

Colégio N. S. Aparecida, Bento Gonçalves, professor

02/01/1982 a 31/12/1986

Comunidade Santo Tomás de Aquino, PUCRS, várias atividades

02/01/1987 a 31/12/1992

Pontifícia Universidade Católica RS, vice-reitor

02/01/1993 a 31/12/1996

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, bolsas rotativas

02/01/1997 a 31/12/1998

Residência Universitária Marista, Curitiba, ecônomo

02/01/1999 a 31/12/2002

Colégio Marista Santa Maria, Curitiba, ecônomo

01/02/2003 a 02/09/2005

Comunidade Marista de Cascavel, várias atividades

ASPECTOS PESSOAIS

Nas questões de saúde encontramos anotações de medidas de pressão sanguínea bem como recomendações para alimentação de diabéticos feitas pela “Clínica Integrada & Gestão de Recursos Humanos” de Cascavel.

No arquivo há ainda vários cadernos de anotações pessoais sobre bíblia e espiritualidade feitas provavelmente em palestras e cursos, entre eles dois cadernos do XXXI CERNE, em Belo Horizonte (de 5/5 a 26/06/1986).

É de autoria do Ir. Geraldo uma publicação na revista Veritas, da PUCRS, ANO V, n. 3 e 4, 1960, p. 358 a 368, com o título: “Pesquisa da glicose nas uvas”.

Outra dele é uma publicação na revista Veritas, da PUCRS, ANO X, n. 1, 1965, p. 49 a 74, com o título: “Levantamento Estatístico da produção de glicose nas uvas”.

Há uma coleção de livretos de piadas, certamente comprados.





1971, Festa do Chopp em Passo Fundo,
com manas Orlene e Odila.



1984, Caxias, formatura
da mana Ana Beatriz.

Encontramos um belo diário com o título “Agora sou africano” com 40 textos relatando sua viagem do Brasil a Moçambique e as várias visitas que fez neste percurso.

Um opúsculo de 111 páginas, separata do Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique, descreve a **Situação do Ensino Brasileiro Actual**.

Por fim, uma publicação chamada Portugal Marista, número 35, página 203 relata o seguinte:

No dia 6 de março zarpou por sua vez outro trabalhador infatigável destas paragens enfeitadas e inolvidáveis. Desta vez foi o Ir. Geraldo que só de nome usa o apelido de Minuscoli, pois que nem de físico, e nem de espírito ele o é. Todos conhecemos a magnífica obra material realizada por ele em Moçambique. Muitas obras e construções são devidas ao seu dinamismo e a sua invejável atividade. Sempre desejava desenvolver uma tão vasta e variada movimentação como ele. Trabalhava e fazia trabalhar ao seu redor. Ninguém podia ficar parado a olhar, era severo para com ele mesmo e para com os outros. E sempre queria ter as suas contas em ordem. Todas as incompreensões eram superadas pelo bom e fraternal convívio na Comunidade. Quando o Ir. Geraldo saía de casa, nós bebíamos um whisky. Era uma maneira peculiar de lembrarmos o mano. Na volta tínhamos sempre uma pequena lembrança, uma camisa, um sabonete, um perfume etc. Nunca esquecia ninguém. Na verdade vivemos aqui no saudoso Colégio Pio XII bastantes anos de agradável e querida vida comunitária. Foi muito jocundo e bom viver nesta comunidade que se está desintegrando aos poucos.

Num dos cadernos onde anotava seus cursos, sobre o método T.P.A. na parte de Personalidade e Relações Humanas (por causa dos diversos palestrantes, pare-

cem anotações feitas durante o CEMAR, em Teresópolis). Esta parte foi ministrada pelo Ir. Carlos W. O Ir. Geraldo fez a análise de si, ao responder a pergunta feitas pelos assessor: “Quais os três acontecimentos mais marcantes em minha vida?” Ele respondeu: horror a hospital, morte da mãe e ser despojado de tudo.

Relativo ao segundo acontecimento (morte da mãe, Estella Vaccari, aos 12 anos), ele escreveu:

Não sabia porque ela iria morrer e nunca mais voltar a ver-nos! Ela era a minha confidente, amiga e conselheira... Como filho mais velho já era o apoio dela e um confidente, até...

Observação: sua mãe faleceu em 10 de maio de 1940 quando Geraldo tinha apenas 12 anos. O pai casou-se novamente, com Helena Magnanti, e teve com ela outros 8 filhos.

O terceiro fato importante foi ser despojado de tudo. Assim escreve:

Em 15/08/1975, ao receber ordem de abandonar o Colégio com todos os pertences, exceto roupa de uso pessoal, cama, cadeira, mesa, tive a sensação mais maravilhosa de minha vida: nada ter, exceto fé em Deus, amizade dos amigos, coragem pessoal. Senti-me como que a caminhar sobre um fio, sobre a terra, a grande altura, sempre na iminência de cair.

Mais adiante, ao tratar dos sofrimentos e perturbações, escreveu:

Tenho receio de não obter sucesso e (não) dar cabo de minha missão. Receio de não desempenhar bem meu cargo e de não ser útil aos alunos, como educador. Receio ser mal sucedido nos meus relacionamentos com os que me cercam. Temo falar por duvidar do que afirmo, talvez não seja totalmente certo ou interessante. Temo abordar certos assuntos por falta de mais conhecimentos, desconhecer muito do que deveria saber.

Salvo por ter perdido prematuramente a minha mãe, não ter podido retribuir ao papai um pouco do muito que me deu (em termos materiais, não consegui),



Caxias, festa de 15 anos
da sobrinha Caroline.



1997, diplomado Secretário
em Santo Domingo.

sofro por não ser alegre e expansivo como queria ser. Sofro por (não) ser tão hábil quanto quisera, por ser e arriscar mais a vida...

Enfim, quisera ser harmonia, equilíbrio, ser gente com calor e vida harmoniosa, para arriscar a vida...

Temo abrir meu interior, não quero que vejam meus fracassos, minhas fraquezas. Sofro a sós a amargura das minhas quedas, que oculto por receio. Custa-me interiorizar-me a fim de me conhecer. Em meu interior, custa-me entrar. Tento fugir à análise pessoal.

Qual é a origem?

O sofrer, para mim, provém do querer ser uma coisa e praticar outra, isto é, da falta de nível na relação entre ideal e vida, entre o querer e o ser. Quero isso (aspiração), sou aquilo (fracasso).

Minhas limitações me fazem sofrer muito.

(Mais detalhes, nos cadernos guardados no arquivo).

Lendo mais adiante, percebe-se que buscar relação com as pessoas era uma das formas de reagir ou de fugir do sofrimento pessoal.

Depois de ver essas características pessoais, podemos entender o conteúdo de um bilhete que ele levava consigo por ocasião de sua morte e que também encontrei com os documentos pessoais. Esse bilhete recordava situações positivas e negativas de sua vida marista:

- 1) Prefeito de internatos;
- 2) Ajudante de esportes;
- 3) Fascículo sobre valência;
- 4) Tese sobre uvas e terras;
- 5) Bolsa para Paris (Centre Catholique);
- 6) Convite para Londres;
- 7) Convite para Somália;
- 8) Ano sabático: visitar Moçambique;
- 9) Desligado da PUCPR, esquecido;
- 10) Idem com a Espiritualidade Marista;
- 11) Idem para o MChFM;
- 12) Nem sequer respondem as cartas...
- 13) Nem ligam às nossas sugestões...
- 14) Mudado de lugar, sem avisar antes...



1998, PURPR, formatura.

Numa folha de rascunho, escrita à mão, sem data, compatível com o período em que esteve em Cascavel, relacionou outras decepções. Uma, em especial, cha-

mou nossa atenção: decisão de desligar-se da APC. A última frase dessa folha diz que mais de 90% do seu entusiasmo desapareceu.

Efetivamente foi encontrada uma correspondência em que solicitava o desligamento, datada de 11/04/2005 bem como a resposta do Presidente com data de 15/06/2005.

Em outra folha avulsa, recolhida entre seus pertences, relaciona alguns dos seus coirmãos da Província do RS. Para cada um dizia expressamente que perdoava de coração por ter lhe feito isso ou aquilo. Na verdade, o Ir. Geraldo tinha comportamentos um pouco estranhos que não eram bem vistos pelos demais, tal como o grande apreço pelos amigos (nas fotos dos amigos alguns desses comportamentos podem ser verificados). Talvez algumas atitudes diferentes tenham sido a causa da resistência por parte de alguns coirmãos de Província e causa de alguns dos seus dissabores.

Pelo que parece o Ir. Geraldo teve dificuldades de assimilar alguns acontecimentos que, na sua ótica, eram adversos.

Um dos seus trabalhos foi sobre a Bolsa Rotativa na PUCRS e depois na PU-CPR, dentro de uma visão mais geral de Crédito Educativo. Esse assunto lhe rendeu oportunidades de muitas viagens internacionais para participar de congressos e seminários sobre o tema. Ele tinha uma pasta onde recolhia materiais que tratavam desse assunto e uma folha trazia a relação de viagens. Pelo número de cartões de milhagem de empresas aéreas que possuía, pode-se dizer que apreciava as viagens internacionais.

O ESCRITOR

Nos pertences pessoais do Ir. Geraldo encontramos três versões do mesmo tema, num fascículo, em parte encadernado:

- A Dignidade da Pessoa Humana (1995), 29 páginas, encadernado;
- A Dignidade da Pessoa Humana (1996), 19 páginas, em folhas soltas e uma versão em espanhol: La Dignidad de la Persona Humana, 21 páginas. Junto há uma correspondência do Hno. Joaquín Borba Glez que fala sobre o tema e lhe faz sugestões após ter lido o trabalho.
- A Dignidade da Pessoa Humana (2001), 86 páginas
Pelo que parece esse trabalho nunca foi publicado.

Além desses há outros escritos rápidos de uma ou duas páginas, em folhas soltas, não publicados. Como discorrem sobre temas diversos, limitamo-nos a uma estatística, segundo o ano ou o mês, pois não consta o dia em que foram escritos:

em 1968 - 3; 1976 - 1; 1987 - 2; 1990 - 1; 1993 - 1; 1994 - 4; 1995 - 1; 1996 - 5; 1998 - 2; 1999 - 4; 2002 - 10; 2003 - 10.

Em 2002 e 2003 escreveu 41 episódios familiares, ou melhor, recordações familiares.

Em 2004: junho - 2; agosto - 1; setembro - 20; outubro - 17; novembro - 2; dezembro - 3.

Em 2005: janeiro - 13; fevereiro - 21; março - 12; abril - 1; maio - 5.

Alguns desses escritos não tinham data e foram ignorados.

Podemos constatar que não houve regularidade na produção de tais textos. Mais parecem frutos de uns rompantes em alguns momentos de sua vida.

Além desses escritos o Ir. Geraldo guardou toda a sua correspondência, com os amigos, por meio de cartas extensas que mandava a todos relatando o que tinha vivido num determinado período, parecido com circular, às vezes de um ano, outras vezes de alguns meses. Outras foram dirigidas ao Provincial de cada época, ao Ecônomo ou para outras pessoas, por motivos administrativos. Em geral guardava mais de uma cópia, especialmente quando enviava a mesma carta para mais de uma pessoa. Fazia a multiplicação de acordo com tecnologia disponível no lugar onde estava: mimeógrafo de álcool, fotocópia ou FAX. Guardou também muitas das cartas e fotografias recebidas, de amigos e das autoridades maristas, às vezes com as autorizações que solicitava.

As fotografias estavam todas identificadas, com o nome das pessoas e, muitas vezes, o local e a data.



2003, Cascavel, com os alunos pequenos.

CRÉDITO EDUCATIVO

Em meio às suas correspondências, encontrou-se um texto que fala das bolsas rotativas. É, ao mesmo tempo, um relato e uma avaliação, escrita em abril de 1991.

A Reitoria da PUCRS esteve sempre voltada para as necessidades dos seus alunos mais carentes, mais desprovidos de recursos financeiros, mas dotados de excelentes qualidades humanas, prometendo serem homens de valor no “dia de amanhã”. Para atender a cada um deles, sobretudo os mais necessitados, a PUCRS estabeleceu a Bolsa Rotativa de Estudos, sistema de crédito educativo próprio e destinado aos seus alunos, agindo com recursos próprios e partindo para uma

futura ajuda das Empresas, já que formar um bom profissional é enriquecer a sociedade que o abrigará...

Em 1974 nascia o plano, atendendo 50 alunos no 1º semestre e 54 no segundo semestre e aumentando, ano após ano, até atingirmos o número de 16.661 atendidos no final de 1990. Veja-se donde saímos para onde chegamos e onde pretendemos chegar! Uma fâsca! Que incêndio!

Funciona de maneira simples. O aluno interessado solicita a Bolsa e depois a renova no início de cada semestre, tantas vezes quantas achasse necessário. Passa por 12 meses de carência – intervalo – e depois começa a devolver, prestação após prestação, em igual espaço de tempo com que foi contemplado, havendo juros de 0,5% ao mês; Quem faria isso, hoje? Pois foi tão bem aceito o sistema que, a maioria começou a devolver antes mesmo do prazo estipulado, doze meses de carência. Isto nos alegra mesmo!

As PUCs do Rio e de Minas estiveram em contato conosco a fim de estudarem de perto nossa maneira de agir, já que o modo delas procederem não está atendendo os fins visados pela Direção.

O texto continua no mesmo tom citando instituições desejosas de imitar a PUCRS.

O Ir. Geraldo deixou entre seus pertences outro texto longo (4 páginas), sem título, provavelmente escrito em Cascavel, sobre a Fundação Ir. José Otão – FIJO e sobre o trabalho do Ir. Faustino como seu Presidente. O Ir. Geraldo era o Secretário.

No início de 1980, havia pouco que eu retornara da África, então, montando laboratórios de Física e Química no Colégio Nossa Senhora Aparecida, em Bento Gonçalves, fui convidado pelo Superior Provincial do momento para assumir a Secretaria Geral da Fundação Ir. José Otão (FIJO). A União Sul Brasileira de Educação e Ensino (USBEE), seria a Mantenedora da novel Instituição anexa à PUCRS, mas com personalidade jurídica própria.

Este novo organismo destinar-se-ia a prestar ajuda ao setor de financiamento do Ensino Superior, Crédito Educativo interno, ou melhor, Bolsa de Estudos rotativa. Acontece que eram enormes os problemas decorrentes com alunos desprovidos de recursos financeiros, ingressando no campo de trabalho como profissionais gabaritados.

Carência econômico-financeira, capacidade intelectual e desejo enorme de ser um bom profissional, eis os motivos principais, porque a FIJO foi criada. Paralelamente a isso, havia o imenso campo da pesquisa, em elaboração com a PUCRS. O futuro provaria que a FIJO trilhava o caminho certo. Acontece que a carência

financeira constituía um verdadeiro pesadelo para muitos bons acadêmicos. A FIJO financiaria os mais necessitados e esforçados, dando vez aos desejos de se formarem.

A seleção prévia, feita mediante uma documentação adequada, contemplaria os solicitantes mais em evidência. Começava-se, assim, a longa caminhada ligada a uma instituição, que seria o ponto de partida de muitos profissionais bem formados no campo atual do trabalho.

No dia 10 de outubro de 1980, reunidos em assembleia geral, os 40 membros constituindo a nova Fundação, aclamaram o Ir. Faustino como seu primeiro Presidente, o Dr. Daniel Juckowsky como vice e a mim como secretário geral.

Estava assim constituída a nova Diretoria. A seguir foram aclamados e eleitos os membros do Conselho Fiscal, titulares e suplentes.

Dava-se nesse momento, a partida à FIJO nas atividades de financiamento escolar e promoção da pesquisa. Muito se espera da nova organização beneficente.

A nova Diretoria se pôs a trabalhar de imediato. Buscou contatos com empresas e seus diretores, pessoas de forte visão de futuro e gente de boa formação solidária no intuito de angariar recursos ou fundos que se destinassem a dar cobertura às bolsas concedidas ou financiamentos universitários comprometidos. Seria o início do financiamento do Ensino Superior, mantido pela própria Universidade.

Assim nascia a Bolsa de Estudo Rotativa...

O Ir. Geraldo continua longamente descrevendo a postura de lisura e transparência por parte do Ir. Faustino e sua atuação como presidente da FIJO. Depois de citar caso de proposta negada de parceria com a empresa Aços Gerdau e de uma acusação de concessão de uma bolsa a uma família de posses, termina o texto dizendo:

Na verdade, a acusação se oporia frontalmente ao nosso plano de lutar pela honestidade e pela justiça. As forças todas se voltaram para um trabalho limpo e, agora, surgia uma acusação.

Estamos a espera das provas da alegada concessão irregular de Bolsa Rotativa. É a mesma desculpa do “ouvimos dizer, nos contaram”, sem citar nomes e sem apresentar provas. Simplesmente passamos a ignorar o caso, mas deixamos bem abertos os olhos e sempre atentos os ouvidos.

Contudo, nem sempre isto é possível. Faz-se o que se pode e da melhor maneira possível para evitar sermos mal compreendidos e erradamente interpretados.

A pessoa do Ir. Faustino foi sempre uma presença decidida, firme, corajosa, alicerçada na prudência e nas decisões bem pensadas. Dava gosto trabalhar com ele porque existia harmonia nas discussões e clareza nas decisões, sem vencidos

nem vencedores, mas tudo em benefício da FIJO e da PUCRS, nossa associada de trabalho.

Finalmente, sentindo-me cansado e além da casa dos 80 anos, decidi passar o cargo ao colega e vice, Dr. Daniel. Era o corajoso timoneiro, que seguiria sendo o Presidente de honra da FIJO e o eterno assessor da Reitoria. Poucos meses depois deixaria a Secretaria o Ir. Geraldo, passando a cooperar, neste setor, na PUCPR, da Província Marista de São Paulo.

Não resta dúvidas que a clarividência, a capacidade administrativa e a prudência do Ir. Faustino conduziram a FIJO ao seu alto posto de reputação e bom conceito que ela hoje goza no meio universitário, social e empresarial.

A FIJO é uma referência no meio universitário gaúcho e um ponto de apoio para os estudantes carentes e desejosos de se formarem, usando a bolsa de estudos rotativa.

FORMAÇÃO PERMANENTE

A primeira constatação é que as datas que estão registradas no cadastro da Província, não coincidem com as datas encontradas nas suas anotações e nas fotografias. O que segue já foi corrigido, a partir das datas das fotografias:

1971 Relações Humanas, Suíça

1978 CEMAR, Teresópolis, RJ

5/5 a 26/06/1986 CERNE, Belo Horizonte, MG

1997 Espiritualidade (3ª Idade), Roma, Itália

1997 Capacitação Pedagógica, Roma e L'Hermitage, França

1998 a 2000

CEPAM, México, sobre as Cartas de Marcelino Champagnat. Deixou um caderno com 19 páginas de anotações sobre esse curso. Um trabalho, provavelmente elaborado como parte do Curso, com o título “San Marcelino Champagnat, el Siervo de Javé del siglo XX”. Há uma versão em Português. No arquivo estão duas análises sobre duas cartas de Champagnat, também feitos durante o CEPAM.

11/2004

Participação no 18º VIVEMAR. Deste encontramos fotografia, dos demais encontros em que participou, não.



2004, com o 18º
VIVEMAR, nas escadarias
da Basílica de Aparecida.

FIM INESPERADO

Relatório do Ir. Roque Brugnara

O Ir. Geraldo viajou até Caxias do Sul, onde morava a maioria de seus familiares, para preparar um encontro de família. Não imaginava que ele mesmo seria o motivo do encontro.

Lá estando, foi acometido por um AVC e hospitalizado. O Ir. Roque Brugnara, então Secretário da Província, foi designado para verificar a situação no local e dar apoio. Foi de automóvel a Caxias, munido da lista de endereços dos familiares. No retorno fez o relatório que segue.

Curitiba, 2 de setembro de 2005.

Prezados Irmãos, voltei ontem à noite de Caxias. Para conhecimento dos interessados, faço um relato detalhado das notícias relacionadas ao passamento do nosso coirmão Geraldo Minuscoli.

28 de agosto, domingo

O Ir. Geraldo estava em Caxias do Sul para, junto com seus familiares, organizar um encontro de família. Encontrava-se com seu mano numa paróquia, jogando com amigos. Sentiu-se mal. Foi internado do Hospital da UNIMED com sinais de acidente vascular cerebral, mas estava consciente, falando normalmente.

No hospital, pelas 22 horas, sofreu uma crise e logo entrou em coma profundo. Foi colocado em respirador artificial.

Dia 29 de agosto

Pelas 21 horas recebemos a notícia de que os médicos haviam constatado

morte encefálica e haviam pedido que a família se manifestasse sobre uma possível doação dos seus órgãos.

Dia 30 de agosto

Diante da notícia, saí pelas 4 horas da manhã. Os familiares pediram nossa opinião sobre a doação dos órgãos. Informamos que a Província deixou esta opção para cada Irmão, eles decidiram doar os seus órgãos.

Com o objetivo de retirar os órgãos, o Ir. Geraldo foi transferido para o Hospital Medianeira onde há melhores condições. Enquanto isso os familiares iniciaram os preparativos para o velório e o sepultamento; ao chegar em Caxias concluímos esses preparativos.

Neste tempo, no Hospital Medianeira, foi feito novo exame de arteriografia e, ao contrário do que era esperado, ainda havia fluxo sanguíneo no cérebro. Com esta informação suspendemos os preparativos de sepultamento. O médico passou a tratar o Ir. Geraldo, não como um possível doador de órgãos, mas como um paciente em estado muito grave, buscando preservar sua vida.

Dia 31 de agosto

Ficamos aguardando novos fatos, que não aconteceram. Nas visitas constatamos apenas que os batimentos cardíacos variavam de 30 a 120 por minuto. Segundo o médico, não é sinal de recuperação, mas sim do quadro em que se encontrava: morte encefálica.

Dia 1 de setembro

Pelas 11 horas da manhã conseguimos falar com o médico. Ele nos relatou todo o histórico e reafirmou o quadro clínico de morte encefálica; este quadro poderia durar algumas horas ou até semanas, mas a probabilidade de recuperação era de 0,1%. A perspectiva de doação dos órgãos foi suspensa em função da incerteza da morte ou vida, pois a hemorragia foi num ponto onde estão os comandos vitais.

Dia 2 de setembro

Pelas 3 horas houve parada cardíaca e falecimento. Até o meio dia será velado numa capela junto ao cemitério municipal. Pelas 16 horas, será o sepultamento junto ao seu pai, na Linha 17, Casca, RS.

Tendo estado em Caxias, o Ir. Roque recolheu os pertences pessoais do Ir. Geraldo e os colocou no arquivo da Casa Provincial, em Curitiba.

DEPOIMENTOS DE COIRMÃOS

“

Em 1948 e 1949, como Escolástico, lembro-me que no Juvenato do Instituto Champagnat, em Porto Alegre, nas festividades, o Ir. Geraldo interpretava no palco, com muita criatividade, peças cômicas, como risadas cristalinas e mixórdia, composições do Ir. Pacômio.

Ao trabalhar na África, realizou muitas filmagens e fotografias (slides) que usava para documentar e ilustrar palestras no Brasil.

Muito comunicativo e humanitário, interessava-se pelos imigrantes, especialmente angolanos, facilitando-lhes a existência. Redigia com grande facilidade. Na PUCPR prestou relevantes serviços em prol dos estudantes.

”

“

Convivi com ele, na Residência Universitária, durante um ano. No tempo do Reitorado do Dr. Euro Brandão, eu era Vice-Reitor Comunitário, na PUCPR e ele, encarregado das Bolsas de Estudo.

De caráter alegre e bom falador, se dava bem com todos e em qualquer reunião de grupo tinha com que divertir os companheiros. Como bom gaúcho, apreciava um bom churrasco e não largava o chimarrão.

Era piedoso, bom religioso, caridoso com os companheiros, comunicativo com todas as pessoas e muito respeitador dos direitos de cada um, sempre pronto para ajudar.

”

Este depoimento é do Ir. Dario Bortolini e possui um tom mais biográfico.

O Distrito de Santa Teresa, na cidade gaúcha de Bento Gonçalves, viu nascer Geraldo, filho de Ernesto e de Estella Minuscoli, aos 20 de janeiro de 1928. (O pai teve 13 filhos: 5 no primeiro casamento e 9 no segundo), de profundas convicções religiosas. Foi batizado e crismado na Paróquia de Santa Teresa Aratinga. Cresceu no ambiente rural, embalado pelas sadias tradições gaúchas e, até os quinze anos de idade, realizou os seus estudos básicos na terra natal.



1955, com pai Ernesto, manos Ângelo e Ir. Sérgio e mana Adelina.

Em janeiro de 1943, sentiu o chamado à Vida Religiosa Marista e se dirigiu a Porto Alegre, RS, onde ingressou no Juvenato. Após quatro anos de convivência e formação, fez o Postulado e, em janeiro de 1948, iniciou o Noviciado, em Veranópolis, onde emitiu os seus Primeiros Votos Religiosos no dia 22 de fevereiro de 1949. O jovem Ir. Tito Alcides (seu nome de Religioso), cursou a etapa do Escolasticado em Porto Alegre onde; em 4 de janeiro de 1954, emitiu a sua Profissão Perpétua. Foi admitido ao voto de Estabilidade em 31 de dezembro de 1999, em Curitiba, PR.

De 1965 até 1975, trabalhou em Moçambique como missionário-voluntário. Foram 10 anos de atividades apostólico-educacionais, tempo de grande aprendizado de vida e de profissão. Em Moçambique formou uma rede de amizades que conservou até o final da vida. Marcou os seus alunos de tal forma que nunca esqueceram o querido mestre Ir. Tito, Geraldo.

Retornando ao Brasil exerceu, durante cinco anos, atividades universitárias diversas na comunidade Santo Tomás de Aquino, na PUCRS, em Porto Alegre. Já estava na hora de experimentar o ambiente interiorano. E assim foi: esteve um ano em Santa Cruz do Sul e, no ano seguinte, em Bento Gonçalves, sempre como professor. Após esses dois anos, retornou à comunidade Santo Tomás de Aquino, em Porto Alegre, durante cinco anos, exercendo atividades universitárias.

A partir de 1987, o Ir. Geraldo foi tesoureiro da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) durante cinco anos. Nessa função administrativa ele introduziu a “bolsa rotativa”, para atender alunos com dificuldades para pagar a mensalidade. Funcionava assim: se aceito no programa, o universitário pagava apenas um percentual da mensalidade, deixando o restante para pagar após a conclusão do curso. Ao “colar grau”, o bolsista usufruía carência de um ano para pagar o restante das mensalidades no valor atual do seu Curso. Esse programa ajudou sobremaneira os alunos mais necessitados. Esse programa de “bolsa rotativa” ele

o adaptou para a Universidade Católica do Paraná, pois com sua transferência de Província passou a integrar a comunidade da PUCPR em janeiro de 1993.

Em Curitiba, o Ir. Geraldo atuou durante 10 anos, sempre ligado a atividades universitárias. Seu principal trabalho foi o de implantar o “Programa de Bolsas Rotativas”. Conseguiu-o com grande sucesso. Além disso, exerceu a função de Ecônomo da Comunidade Universitária Marista da PUCPR e, também na Comunidade Marista do Colégio Santa Maria, na capital paranaense.

Em comunidade, era um maravilhoso companheiro: alegre, serviçal, prestativo e bom religioso. Participava ativamente nos momentos de oração e espiritualização diárias. Cuidava de sua vida espiritual. Não perdia nenhum momento de lazer ou de passeio. Como bom gaúcho, apreciava um churrasco “no ponto” e, também, uma cerveja bem gelada!

“Não perdia um VIVEMAR (Curso de Vivência Marista) onde sempre alegrava a todos. Nas saídas e passeios, portava sempre a famosa “bota”, um odre de couro para guardar vinho, água ou refrigerante para, no momento oportuno, dessedentar e alegrar os vivemaristas”, testemunha o Ir. Alberto Girardi.

Em janeiro de 2003, os Superiores o transferiram para o interior do Estado sendo designado para a comunidade do Colégio Marista de Cascavel, onde exerceu atividades no meio escolar e social. Integrou-se rapidamente na nova realidade. Ajudaram tal integração, os muitos rio-grandenses que se fixaram na cidade de Cascavel e cidades vizinhas.

O Ir. Geraldo era detentor de diversos títulos: Professor de Química, Jornalista, Orientador Educacional e Técnico Contábil. Munido desses títulos e de umas tantas habilidades, exerceu atividades apostólicas durante mais de 50 anos. Sempre foi um educador entusiasta, competente e apaixonado. Acrescente-se a esse largo currículo, atividades especiais como membro de diversas associações, especialmente na cidade da Porto Alegre, onde viveu por mais de 25 anos.

1956, com o time
campeão dos jogos
dos estudantes.



Cursos de atualização, o Ir. Geraldo sempre “topou” e, por isso, era um educador atualizado. Destaques para o curso de Relações Humanas, em Friburgo, na Suíça (1971); do CEMAR, em Teresópolis, RJ (01/1978), do CERNE, em Belo Horizonte as, MG (de 05/05 a 26/06/1986); de Espiritualidade em Roma (1997) e o CEPAM, México (1998–2000).

Todas essas atividades religiosas e profissionais deram ao Ir. Geraldo oportunidade para uma respeitável produção literária e científica. Publicou artigos em diversas revistas do Rio Grande do Sul, e na revista “Veritas” da PUCRS. Realizou estudos sobre “a Valência na Química Inorgânica” e sobre a “Glicose nas uvas”. Durante a “década africana” escreveu e publicou estudos sobre as ruínas do Zimbábue, sobre a vida dos Irmãos Maristas publicados na “Voz de Moçambique”, de Maputo, durante os anos de 1965 e 1966. No Diário da Manhã, de Porto Alegre, publicou “O crédito Educativo, experiência na PUCPR” (1994) e “Educar através do Crédito Educativo” (1995). Fez valer o seu talento jornalístico!

Todas essas oportunidades de estágios e viagens ao exterior, tanto para estudos quanto para labores educacionais proporcionaram ao Ir. Geraldo chance de construir uma vasta e incrível rede de relacionamentos. Apreciava muito fazer viagens ao exterior e...“cavava um jeitinho” para fazer ao menos uma anualmente. Nos últimos anos de vida, não havia um dia em que não recebesse chamada telefônica de algum amigo da África, da Europa ou da América Latina. Sua agenda para número de telefones era bem recheada! Sabia cultivar as amizades conquistadas ao longo dos mais de 50 anos de atividades educacionais.

Em 2005 o Ir. Geraldo integrava a comunidade de Cascavel, PR, como dissemos. Para preparar um encontro de família, viajou para Caxias do Sul, RS. Tudo transcorria muito bem. O convívio com os parentes produzia alegria sobretudo quando acompanhados de um bom vinho e de saborosa e farta comida italiana. Eis que, na tarde do dia 2 de setembro, em alegre momento de jogo, na sede social de uma paróquia, sofreu um AVC que o vitimou aos 77 anos de idade e 62 de Vida Religiosa Marista. Foi um duro golpe para os seus familiares e para a Província Marista. O Ir. Roque Brugnara, que na época era Secretário da Província, foi designado para ir ao local e prestar a ajuda que fosse possível. O Ir. Geraldo foi sepultado no jazigo da família, junto aos seus pais, na terra Natal.

Muito obrigado, Ir. Geraldo pela sua vida de consagração e de serviço ao próximo, especialmente às crianças e jovens. Obrigado pela implantação da “bolsa rotativa” nas duas Universidades Maristas – hoje Pontifícias – do Rio Grande do Sul e do Paraná que, ainda hoje, beneficiam milhares de jovens desejosos de obter o diploma universitário.



Alberto Smaniotto

Ir. Acácio Aleixo

1918 – 2004

O Ir. Acácio não deixou fotografias históricas, apenas algumas recentes, com parentes e as fotos dos documentos que ainda conservava.

FAMÍLIA

Na certidão de nascimento, expedida em 15 de agosto de 1931, consta que Alberto nasceu em Ponta Fina, município de Nova Trento, SC, em 13/12/1918, filho de João Smaniotto e Regina Segala, sendo avós paterno João Baptista Smaniotto e Luiza Zara, e avós maternos Paschoal Segala e Maria Gazoni.

Tinha mais cinco irmãos. A mãe reunia toda a família, cada noite, em frente ao altarzinho de Nossa Senhora, para rezar o terço.



Com os parentes, por volta do ano 2000

Segundo dados de uma biografia encontrada nos arquivos da Província, o avô Giovanni Baptista Smaniotto foi membro das primeiras levas de imigrantes vindas de Bologna, propriamente de Santa Maria d'Arsiè, estabelecendo-se na chamada Linha 4ª de Besenllo, em Nova Trento, hoje Ponta Fina. Alberto Smaniotto aí nasceu em 13 de dezembro de 1918, sendo batizado no dia 16 de dezembro e crismado no dia 22 de outubro de 1922.

O rio do Braço, piscoso como ele só, na época, pelo menos, circunda o lugarejo. Seu mano, Ir. Jonas Roberto, falecido em 2 de agosto de 1987, em consequência de um atropelamento por um motociclista, quando voltava do trabalho catequético na nossa Escola Nossa Senhora da Paz, em Londrina, Ir. Jonas, digo, passava os dias de visita aos familiares pescando. Eu mesmo o surpreendi um dia, quando passava por lá. A saudação dele foi uma gostosa gargalhada. Vivia sempre alegre e entusiasmado e era exímio na gaitinha de boca, divertindo os seus coirmãos.

FORMAÇÃO

Aos 9 anos e 8 meses (1928), entrou no Juvenato de Curitiba, levado pelo Ir. Exuperância. Ali aprendeu a ler e escrever com o Ir. Pedro Cirilo. Fez o Curso Ginásial e o Postulado em Mendes, RJ, este em 1933. Ingressou no Noviciado de Mendes, RJ, em 22 de janeiro de 1934, onde recebe o nome de Ir. Acácio Aleixo, e emitiu seus primeiros votos no dia 22 de dezembro de 1935. No dia 20 de dezembro de 1941 fez a Profissão Perpétua, em Mendes, RJ.

Alberto completou o juvenato em 1933. Distinguiu-se sempre por seu pendor pelo esporte, qualidade que iria desenvolver sempre mais na trajetória educacional, para o bem dos alunos. O Postulado, o Noviciado e o Escolasticado era realizado na Fazenda São José das Paineiras, em Mendes, RJ, propriedade adquirida em 1903, da cúria metropolitana do Rio, para descanso dos Irmãos expulsos da França que vinham numerosos para as terras hospitaleiras do Brasil. Tornou-se a *alma mater* de toda a Província do Brasil Central, por onde passaram inúmeros Irmãos. A Província do Brasil Centro Norte mantém ali um cemitério especial onde estão enterrados perto de 200 Irmãos que doaram suas vidas em prol da educação da juventude brasileira. Verdadeiros heróis da educação. Hoje todo aquele complexo é uma grande casa de encontros, muito bem adaptada. Aí se celebram muitos encontros e eventos, seja de Irmãos Maristas, seja de colaboradores, de religiosos etc.

Há uma carta de 16 de novembro de 1999 em que pede para ser admitido ao voto de estabilidade. Consta também o comunicado de aceitação por parte do Superior Geral, Ir. Benito Arbués, mas não consta que tenha feito o referido voto.

VIDA MARISTA E TRABALHO APOSTÓLICO

Alberto Smaniotto, completado o Postulado, Noviciado e Escolasticado, agora com o nome de Ir. Acácio Aleixo, iniciou seu apostolado educacional em Santos, em 1938, onde permaneceu até 1950.

Destacamos que, em sua trajetória Marista, os trabalhos apostólicos do Ir. Acácio se deram, em grande parte, na área da educação:

1938 a 1950

Colégio Marista de Santos, Santos, SP, professor. Uma certidão mostra que em 1946, Alberto concluiu o curso de Contador na Escola Técnica de Comércio do Colégio Santista.

1951 a 1955

Colégio Marista São José, Rio de Janeiro, RJ, professor regente

1956

Colégio Nossa Senhora do Carmo, São Paulo, SP, professor

1957

Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, São Paulo, SP (6 meses foram inativos por uma cirurgia na coluna) e o restante em Campinas (2º Noviciado)

1958

Colégio Arquidiocesano, SP, professor regente

1959 a 1980

Colégio Marista de Londrina, Londrina, PR, professor. Ali lecionou: Ensino Religioso, Português, História, Geografia e Francês. Esteve muito presente junto aos professores e alunos.

1981 a 1982

Colégio Marista de Santos, Santos, SP, coordenador

1983 a 1993

Colégio Marista de Londrina, ecônomo

1994 a 2004

Colégio Marista de Londrina, várias atividades

Obs.: ficou 43 anos em Londrina.

De Santos guarda as melhores lembranças. Gloria-se de ter tido como aluno o famoso goleiro Gilmar dos Santos Neves, da seleção brasileira, e o que foi governador de S. Paulo, Mário Covas. Mas a melhor recordação foram dois padres, alunos seus: Melchert e Crestani.

Amigo dos esportes e torcedor do Santos, animou o Grêmio Esportista São Luís do Colégio Santista, tornando-o campeão de muitas competições, ainda que, com a precariedade do campo de futebol, de areia, no pátio do Colégio. O Ir. Acácio era aí sinônimo de esportes, sabedor que era de que o esporte educa. Deixou sua marca como educador.

Na divisão da Província do Brasil Central o Ir. Acácio foi designado para o Colégio Marista de Londrina. Em 1959 aí fincou raízes, com um hiato de 2 anos, voltando para Santos em 1981 e 1982, como coordenador do SIS. Voltou a Londrina em 1983, onde ficou até o final da vida. Ali fez de tudo, desde professor, Secretário, Ecônomo e coordenador do SIS.

Em Londrina, além do Colégio, desenvolveu seu apostolado na Paróquia, ao lado dos Vicentinos.

O HOMEM, O RELIGIOSO, O EDUCADOR

Em 17 de abril de 2002, preencheu uma ficha de inscrição para ir na canonização da Madre Paulina. Provavelmente foi, pois seu passaporte estava atualizado.

O Ir. Acácio faleceu em Londrina, no dia 4 de fevereiro de 2004, com 86 anos de idade e 70 de Vida Religiosa.

Obs.: Em 5 de janeiro de 1940, em São Paulo, o Ministério da Guerra deu-lhe o Certificado de Reservista. Na foto já aparece com a cruz, já tinha feito os votos perpétuos. Consta que se alistou em 1938.

No arquivo foram preservados seus certificados de professor, sob o nº 6943, dando direito a ensinar Português, Inglês, História Geral e História do Brasil.

Nos documentos pessoais, entre outros, foi preservado seu título de eleitor, com o comprovante de ter votado na eleição de 1 de outubro de 2000, primeiro turno.

Em seus pertences encontramos dois passaportes: um emitido em 3 de março de 1975, provavelmente deixado no esquecimento, e outro emitido em 17 de abril de 2002. Algumas correspondências mostram que ele participou como representante da Província junto com o Ir. Luiz Setti. Além de Roma, com um grupo de italianos de S. Paulo, foram a Veneza, Pavia, Trento, Vigolo Vattaro e Milão. No passaporte consta que chegou na Itália no dia 18 de maio de 2002 e saiu no dia 24.



Certificados de professor

No dia 26 de novembro de 2005, a Prefeitura Municipal de Londrina, PR, realizou uma cerimônia especial de homenagem às famílias cujos membros falecidos foram contemplados com a designação de seus nomes para logradouros públicos do município no ano de 2005. Os Irmãos Maristas foram convidados para receber esta homenagem prestada ao Ir. Acácio. Seu nome batizou a rotatória vizinha ao Colégio, na Av. José de Alencar. A partir de agora se chama **Praça Ir. Acácio**.

A da Lei 9.367 da Prefeitura de Londrina, dá o nome de Ir. Acácio à rotatória na confluência das ruas Deputado Nilson Ribas e Av. José de Alencar, com o nome de Praça Ir. Acácio. Segue um pequeno histórico do Irmão homenageado.

O Ir. Rafael escreve que sentimos orgulho em ver nosso coirmão receber o reconhecimento do poder público pelos serviços prestados à população no desempenho de sua missão educadora e amor à causa marista. Ao longo dos anos plantou sementes que no presente estão nascendo com a marca dos



valores maristas. Louvemos a Deus pelo bem, agora reconhecido, que nosso querido Irmão realizou ao ser fiel à sua vocação.

Mesmo no final da vida, na comunidade, o Ir. Acácio era sempre o primeiro a acordar, às 5h. Depois das orações e do café, ia para a porta do Colégio, para receber os alunos e professores. Voltava para rezar o terço às 17h30.

Nas gincanas Champagnat, no mês de junho, coordenava a distribuição dos alimentos arrecadados.

Efetivamente, o Ir. Acácio faz parte da história do Colégio Marista de Londrina.

Em 2004, após sua morte, o Jornal “O Cenáculo” da Paróquia Nossa Senhora dos Apóstolos, n. 104, publicou a notícia com o título: **Adeus ao Irmão “simpatia”!** Em seus documentos pessoais, não encontramos a certidão de óbito.



Carteirinha de Ministro
Extraordinário da
Comunhão Eucarística

O Ir. Acácio cultivou algumas amizades. Um fato revela isso. Antes da reestruturação das Províncias, eu estava em S. Paulo, na comunidade da Casa Provincial, pois fazia a função de Secretário do SIMAR (Serviço Interprovincial Marista) que funcionava no último andar do Colégio N. Senhora da Glória, no local que anteriormente era ocupado pela comunidade do Colégio.

Um funcionário do Colégio de Londrina hospedou-se, juntamente com o Ir. Acácio, pois o levava para reencontrar amigos em Santos. Pelo que escutei, esses amigos eram antigos jogadores do Santos Futebol Clube.

ESPIRITUALIDADE

Há poucos registros, mas os depoimentos nos asseguram que o Ir. Acácio cultivou a espiritualidade tradicional dos Irmãos Maristas.

Além disso, participou mais efetivamente da Igreja, exercendo a função de Ministro Extraordinário da Comunhão Eucarística.

Foi batizado em 16 de dezembro de 1918, pelo Rvdo Pe. Prondi, SJ, sendo padrinhos Sperandio Tomasi e Julia Segala.

Foi crismado na Igreja de Nova Trento em 30 de agosto de 1928 por Dom Joaquim, arcebispo de Florianópolis.

A parte prática de sua espiritualidade está contida nos depoimentos dos que viveram com o Ir. Acácio.

A Arquidiocese de Londrina lhe forneceu uma carteirinha de Ministro da Eucaristia em 17 de dezembro de 1978, válida por um ano, assinada por Dom Luiz Colussi, renovada em 1979, 1980 e 1983.

A isso acrescentamos o que encontramos escrito por ele. No arquivo provincial encontramos 4 cadernos de anotações, dois encadernados como livros e dois com espiral metálica.

O mais antigo, encadernado, iniciado em 14 e fevereiro de 1949, contém anotações em francês e em português. Parecem anotações de conferência em retiros e estudo religioso. A primeira parte de um grosso caderno (100 páginas) em francês, contém vários assuntos.

O segundo bloco, com o título “Ano Marial – Teses apresentadas pelos Irmãos de Poços de Caldas”, de 1954, está em português. Assuntos abordados: Imaculada Conceição; Imaculada Conceição e Sagrada Escritura; A Graça em Maria.

Em 6 de janeiro de 1957 as anotações são retomadas com o resumo do livro “O Sucesso pela Vontade” de Orison Marder. Relaciona todos os capítulos com o respectivo conteúdo. Segue com o resumo de outro livro: “O Poder do Amor” de John A. Óbrien. Em 1966 faz o resumo do “Diário de Dany” de Michel Quoist.

Essas anotações sugerem pensar em Estudo Religioso, uma obrigação levada a sério naquele tempo.

Nas últimas páginas escritas, encontramos algumas frases. Parecem ser o fruto dos seus estudos e também convicções que acumulou durante a vida.

Os homens que dominam o mundo são sempre aqueles que se dominam (Tablot).

Caminhamos depressa demais sem ver as lindas paisagens de nossa vida e sem olhar para os homens que, na estrada, nos estendem a mão.

A chave de nossa felicidade é o amor com que fazemos nossas ações.

A essência do ideal cristão é o amor. E o amor é feito de pequenas coisas.



Quem ama profundamente pode dizer como Sto Agostinho: “Ama et fac quod vis”

*Como é possível amar a Deus que não se vê? Eu posso amar meus pais, meus irmãos e amigos ausentes. Como isso acontece? Para amar a Deus, basta ter fé nele, sabendo que ele está presente em mim e eu estou na presença dele. A esta presença os judeus chamam de “shekina”. O essencial com Deus é permanecer nesta presença. **Ele está no meio de nós.***

Como comportar-me na oração?

Se acontecer ficar distraído, recitar devagarinho o Pai Nosso ou recorrer a um texto do Evangelho e o encontro com Jesus se faz logo.

Deixemos agir o Espírito de Deus. Esta presença de Deus deve ser vivida no trabalho, no lazer, na oração e no amor ao próximo.

O que é viver com Deus?

É uma questão de fé. A vida é boa com Deus. Esqueçamos o resto. Deus fez de mim pessoa feliz. Aqui na via religiosa recebi um amor que é uma predileção = ágape.

O segundo caderno é de 1955. (Poços de Caldas). Começa com o tema do Pecado Original. Conclui o tema com uma bibliografia em português e francês.

Deixa algumas páginas em branco. O segundo tema é a Maternidade, com data de 29 de maio de 1955, encimado com uma frase em francês:

Ils regarderont et aimeront Marie, comme leur mère, comme leur patronne, comme leur modèle et comme leur première supérieure (Atr. 41 de nossas Regras).

O tema seguinte é: Maria Santíssima, Medianeira de todas as graças.

O restante do caderno está em branco.

Tais anotações levam a crer que são apontamentos feitos durante um retiro, pois nesse tempo o Ir. Acácio trabalhava no Rio de Janeiro.

O terceiro caderno é uma agenda alfabética de endereços, usada como caderno, iniciado com “Abertura do Retiro” e “Meu Segundo Noviciado”. Segue conteúdo de como deve ser vivido o 2º Noviciado. Seguem anotações sobre vários temas de espiritualidade, entre os quais:

- Renovação dos votos;
- “*Plan de vie*” (anotações em francês)
- Meu plano de vida. A simplicidade.

Seguem diversas anotações de espiritualidade, algumas páginas em branco e um conjunto de 59 citações precedidas pelo título: “Gotas de Esperança e Otimismo”.

Seguem outras anotações de 1985 sobre “Saber Envelhecer”. A parte final do caderno está em branco.

Parece que nesse caderno anotou coisas importantes para sua vivência religiosa, em diversos tempos de sua vida.

O quarto caderno tem data de 3 de agosto de 1957, de Campinas, SP. A primeira anotação é sobre o “Irmão Ideal”. Seguem outras datas e anotações. A última, com data de 23 de dezembro do mesmo ano, tem como tema “Ideal de vida”. Seguem-se outras sobre a vida espiritual e exame particular. Nas últimas páginas foram feitas anotações com o título de “Pensamentos”. São 20 ao todo. Na última anotação desse bloco há dados sobre o Concílio Vaticano I, suspenso em 1870.

Parece que este era um caderno em que anotava o conteúdo dado no 2º No-viciado.



Por volta de 1997 – Aniversário na comunidade



Provavelmente a última imagem que temos.

DEPOIMENTOS DE COIRMÃOS

“

A comunidade dos Irmãos do Juvenato de Londrina, no início, ficava bem próxima da Comunidade dos Irmãos do Colégio, por isso eu ia muitas vezes visitá-los. O colégio também ficava próximo. Por isso conheci o Ir. Acácio.

No Colégio, a presença do Ir. Acácio era bem discreta, mas assídua. Era um Irmão estimadíssimo por todos, professores, funcionários, alunos, pais de alunos e por todos os que o conheciam.

As celebrações que se fizeram no velório foram tocantes pela intimidade que as pessoas demonstravam para com o Irmão.

Logo após a missa o Ir. Provincial disse que o Centro Social que estava sendo aberto em Londrina teria o seu nome.

A prefeitura, em sua homenagem, deu seu nome a uma rotatória próxima ao Colégio.

Exemplo de regularidade e de piedade, edificou a comunidade marista pelo seu espírito de piedade e de serenidade. Teve outro hobby que nunca deixou: pescar. La vai ele, com seu amigo, José Paulus, pescar em rios ou represas de “pesque e pague”! Sempre com bons resultados, nem que seja no “cobre”.

Ardente devoto de Maria, não falhava nunca na oração do terço diário e na Liturgia das Horas. Alguém, não do Colégio, me dizia: Olhando o Ir. Acácio, me parece contemplar um santo. É que o Ir. Acácio estava consciente do que Champagnat dizia: Fazer-se Irmão é comprometer-se a ser santo.

Ir. Acácio, a Província só pode orgulhar-se de você e o parabeniza pelos seus 80 anos vividos com dedicação e zelo pela educação das crianças e jovens.

Nova Trento orgulha-se de você. Nós também.

”



Ir. Alberto Girardi

“

Um religioso de fibra, sempre presente na comunidade, nos momentos programados, dedicado na formação e instrução das crianças, jovens e adultos, através de uma palavra amiga e carinhosa. Dedicava um tempo precioso de seus afazeres, ao apostolado junto a grupos de adultos.

”



Ir. Zeferino Zandonadi



André Nahirniak

Ir. Floriano João

1918 – 2004

No arquivo da Casa Provincial não encontramos fotografias além da que está acima. Por esse motivo transcrevemos alguns escritos seus (carta, testamento) pelos quais podemos fazer alguma ideia de sua personalidade e espiritualidade.

FAMÍLIA

Em conformidade com uma biografia escrita pelo Ir. Nilso Ronchi, da qual retiramos alguns trechos, segue algumas informações sobre a história do Ir. Floriano e de sua família.

André Nahirniak nasceu em Vera Guarany, Mallet, PR, em 15 de outubro de 1918, filho de Paulo Nahirniak e de Dona Catharina Busko Nahirniak. Nahirniak na língua ucraniana significa “homem da montanha. Foi o quinto filho de dez. Eis a relação de seus irmãos e alguns dados deles por ordem de nascimento:

- 1)** Ana Nahirniak (1911). Foi religiosa Serva de Maria Imaculada, com o nome de Irmã Gregória.
- 2)** Valdomiro (1912). Faleceu logo nos primeiros dias de vida.
- 3)** Anastácia Nahirniak (1914). Foi religiosa Serva de Maria Imaculada, com o nome de Irmã Estefânia.
- 4)** Tecla Nahirniak (1916–2005). Foi Irmã Religiosa da congregação das Irmãs de São José com o nome de Maria Flora.
- 5)** Ir. André (1918).
- 6)** Júlia Nahirniak (1920). Foi professora em Vera Guarany.
- 7)** Miguel Nahirniak (1922). Teve dez filhos. Transferiu-se para Curitiba, no bairro Pinheirinho.

- 8) Demétrio Nahirniak (1924). Foi Irmão Marista alguns anos e viveu mais no final da vida como professor em Florianópolis, junto com sua esposa e seus quatro filhos. Viveu mais de 30 anos em Rolândia onde foi um dos maiores protagonistas da educação do Município, de modo especial na escola Presidente Kennedy sendo nela educador e diretor até sua aposentadoria.” Ir. André (Floriano) distribuiu para os conhecidos um folheto em que relata a homenagem do Rotary Club a seu irmão com o qual se afeiçoava muito.
- 9) Pedro Nahirniak (1928). Lavrador em Vera Guarany.
- 10) Stefano Nahirniak (1930). Foi Irmão marista (e lembrou com alegria os tempos vividos na formação marista). Morou em Florianópolis com a esposa e quatro filhos, atuou na área de comércio.

Nada consta escrito sobre a infância do Ir. André. Como muitos outros, seus avós paternos (Athanzio e Maria Nahirniak) e maternos (Estephano e Maria Busko) tornaram-se emigrantes à procura de melhores condições de vida. Devem ter vindo de navio originários da Europa Oriental. Aliás, vários Irmãos oriundos dessa região (Josafat Kmita, Stefano e Jaroslav Slivinski, Demétrio Kosicki, Miguel Cobrak, Zenovio Kocianski e outros) contaram as histórias de seus parentes que emigraram.

Também aconteceu com outros, como o Ir. Estêvão Muller narra em seus livros, histórias de seus antepassados. E para o Ir. André não deve ter sido diferente. Conforme o rito oriental ucraniano do Sagrado Coração de Jesus de Marechal Mallet, foi batizado na igreja de São Pedro de Mallet, no dia 20 de outubro de 1918, pelo pároco Pe. Pedro Prockiwi, com seu auxiliar, Pe. Emiliano. Em geral no rito oriental ucraniano na mesma celebração é dado Batismo e a Confirmação (Crisma).

Deve ter feito os estudos iniciais onde nasceu. Depois que entrou em Curitiba, no Juvenato, vemos os seguintes resultados: em 1935, recebeu o certificado de 1ª série com a média 9,2. Nos exames de Admissão, no Instituto Santo Maria de Curitiba, teve média 9,7 (1935).

Em 1941, em Mendes, RJ, recebeu o diploma de Normalista, com notas excelentes, assinado pelos Irmãos Henrique Augusto (Diretor) e Benigno (Secretário), cujo curso era orientado pelo Ir. Isidoro Dumont. Neste mesmo ano, recebeu o Registro de Professor das matérias do curso primário. Em 1948, recebeu o certificado D – 5512, do MEC, habilitando-o em Geografia Geral, Geografia do Brasil e Ciências Naturais. Ir. Luíz Setti, quando comenta seus estudos e comportamento, enaltece sua seriedade em geral e como não dizer com grandes dotes para o estudo.

Sua sobrinha Lourdes (filha de Stefano) entregou-me um santinho “lembran-

ça do jubileu de Prata da Tomada de Hábito” do Ir. André. É uma homenagem a seus colegas de turma, dos quais o Ir. Alfredo Moretti.

“Província de São Paulo: *Irmãos Alfredo Moretti, André Nahirniak, Demétrio Koczicki*. Província do Rio de Janeiro: *Irmãos Afonso Falqueto, Geraldo F. de Macedo, José Alberto Magalhães. Bendizemos a Deus e a Virgem Maria pelos benefícios que nos concederam durante os 25 anos de nossa vida religiosa. Ad Jesum per Mariam*.

São Paulo, 20 de dezembro de 1962”.

FORMAÇÃO

André entrou no Juvenato Marcelino Champagnat em Curitiba, PR, em 1933. Foi recrutado pelo Ir. Exuperância com a ajuda do zeloso sacerdote que atendia a colônia ucraina do Paraná, Padre Emiliano Ananewytch. André foi levado ao Juvenato de Curitiba pelo lendário Ir. Frumêncio.

André Nahirniak foi sempre um menino um tanto retraído, atitude que continuou pela vida: poucos amigos de conversa, fazia seu trabalho no escondimento, na simplicidade e na modéstia.

Consultando os arquivos do Juvenato, vemos nosso juvenista sempre com um comportamento impecável. Naquela época o sistema de avaliação comportamental era dado sobre três aspectos: comportamento em aula, aplicação e integração social (regência), em geral, de 7 a 10. Tirar 7 era sinal vermelho de possível exclusão do Juvenato. André, em todo tempo de Juvenato, fato extraordinário, tirou apenas uma nota 9 no primeiro ano de Juvenato, as demais foram sempre 10. Nos estudos, nos concursos trimestrais, colocou-se sempre entre os três primeiros classificados.

Assim foi sua vida marista inicial. Em fins de 1936, foi para o Postulado em Mendes, onde também fez o Noviciado, recebendo nessa ocasião nome de Ir. Floriano João, nome pelo qual é mais conhecido do que seu próprio nome de Batismo.

Fez o postulado em Mendes, RJ, em 1937. Fez o Noviciado em 1938. No final desse mesmo ano fez sua primeira profissão religiosa.

Também em Mendes fez o Escolasticado, durante os anos de 1939 e 1940, a Escola Normal da época, habilitando-o a ser professor. Eram interessantes as aulas que devíamos dar aos próprios colegas sobre qualquer matéria sorteada. Era assim que a gente se habilitava a disciplinar uma turma de alunos, mais fácil naturalmente, que uma turma de colegas que sabiam aprontar as suas, para azucrinar o colega. Coisas do tempo!

- **1941** Curitiba, Colégio Santa Maria, onde foi professor e estudante. Este foi também o único ano de Universidade.
- **1942** Foi para o Colégio Diocesano de Uberaba, fundado em 1902.
- **1943 a 1945** Passou pelo Colégio Champagnat de Franca.
- **1946 a 1955** Foi designado para o Colégio de Poços de Caldas, MG. Ali deixou sua marca de professor zeloso e dedicado aos alunos.
- **1956 a 1960** Ribeirão Preto, SP, Colégio Marista
- **1958** Um testamento particular, que o Ir. André fez em 1958, mostra a simplicidade de vida.
- **1961** 1º semestre: Saint-Paul-Trois-Chateaux, França, (2º Noviciado). Voltando, foi para o Colégio Champagnat, em Franca, SP. Lecionou no Colégio Santista.
- **1962** Lecionou no Colégio Nossa Senhora do Carmo, SP, onde além de professor, administrou a cantina do Colégio com muita eficiência.
- **1963** Londrina, PR, Colégio Marista
- **1964 a 1969** Maringá, PR, Colégio Marista



Registros de professor

1970 Esteve no Colégio Nossa Senhora da Glória, em São Paulo. O colégio foi fundado em 1902, numa casa doada pelo Dr. Ismael Dias, infelizmente relegado ao esquecimento, benfeitor que ele foi e em cujo terreno se situou também a administração da Associação Brasileira de Educação e Cultura (ABEC) e a residência provincial.

1971 Maringá, PR, Colégio Marista

1972 São Paulo, Colégio N. S. da Glória

1973 Partiu para as missões, em Lábrea, AM, no médio Purus. Aí desenvolveu seus pendores de amante da natureza. Plantou árvores frutíferas próprias da região, e como produziam! Os vizinhos diziam que a terra dos Maristas era melhor que a deles. Não sabiam quanto esforço despendia o Ir. Floriano para tornar férteis aquelas terras de tabatinga.

Os Irmãos haviam se estabelecido em Lábrea em 1967. O hino de ocasião dizia, entre outras coisas, em louvor dos Irmãos que chegavam... e Lábrea vai melhorar. E como melhorou nestes 30 anos de atuação marista, em todos os setores da sociedade, até mesmo na saúde, especialmente no começo, quando o Ir. Demétrio era enfermeiro e até parteiro... Ir. Floriano conseguiu permanecer ali por 13 anos consecutivos. Nunca se viu o Irmão ocioso: plantava árvores, criava galinhas, ministrava aulas de catequese e de matemática.

1986 Foi para o Juvenato São José de Manaus, recém-fundado na periferia da cidade, em meio a uma linda mata, logo depois tomada por invasão de pobres que desmataram tudo, para a construção de casebres, a ponto de dever murar a propriedade, constituindo-se hoje um verdadeiro oásis. Aí o Ir. Floriano João ocupou-se mais do embelezamento da propriedade que encheu, juntamente com Ir. Luiz Carlos Siena, de coqueiros da Bahia, cupuaçus e outras árvores frutíferas da região.

1990 Foi morar com o Ir. Gildo Dematté no Centro Marista de Manaus que servia de *pied à terre* de Irmãos e missionários de passagem por Manaus.

1991 Voltou para o Juvenato, ainda em Manaus.

- 1994 Foi a Campinas para tratamento da vista.
- 1995 Sentindo-se melhor foi trabalhar no Juvenato de Londrina.
- 1996 Voltou ao Juvenato São José de Manaus, sempre dando colaboração para o melhoramento da propriedade.

Em 1998, depois de sessenta anos de vida marista, no Boletim Noticioso da Província Marista de São Paulo, ENCONTRO (Ano XX – Número 83 – Setembro 1998), o Ir. Egídio escreveu:

Três valentes guerreiros entram em nossa galeria Marista, neste ano de 1998, quando na alegria e no júbilo nos preparamos para a celebração do Novo Milênio, celebrando o Espírito Santo, inspirador e santificador de nossas atitudes de vida. São eles os Irmãos Osvaldo Collombo, Floriano João e Alberto Smariotto. Três colunas, em plena atividade educacional ou pastoral. Merecem o nosso louvor, a nossa gratidão e o nosso aplauso. E porque não nossa imitação na fidelidade ao chamado do Senhor, do jeito de Maria!

- 1998 Passou para a comunidade de Canutama, no médio Purus. Ir. Floriano foi como uma formiga, trabalhava devagar mas constantemente. Continuou quietinho como nos tempos de Juvenato. Sua presença é sempre uma pregação de vida religiosa vivida.
- 1999 a 2004 São José dos Pinhais, PR, Residência Marista São José, repouso

No arquivo da Casa Provincial não encontramos fotografias nem o atestado de óbito. Não sabemos se foi falha na coleta do material para o arquivo, ou se o material recolhido foi eliminado por ocasião da reforma do Lar São José.

Ir. Floriano, a Província se sente feliz e agradecida com você. Faz votos de que seus exemplos deem frutos maduros, não só das árvores que você com tanto carinho plantou para o prazer de seus Irmãos, mas sobretudo frutos de santidade como você tem dado. Parabéns, Ir. Floriano, seus coirmãos que com você cantam o *Magnificat* de agradecimento a Deus pela vida que lhe foi generosamente concedida. *Ad multos annos.*

FORMAÇÃO E ATUALIZAÇÃO PROFISSIONAL

Consta que a qualificação profissional do Ir. André foi apenas o Curso Normal Superior de Mendes. Ele tinha registros para lecionar: Geografia Geral, Geografia do Brasil, História Geral (Fundamental e Médio), História do Brasil (Fundamental e Médio) e Ciências Naturais.

Não foram encontrados documentos relativos a outros cursos de atualização profissional, a não ser a anotação de que fez o 2º Noviciado na França. Na sua ficha cadastral também não consta que tenha feito outros cursos.

CORRESPONDÊNCIA

Uma carta do seu mano ex-Ir. Demétrio (12/04/1995) mostra que acompanhava as dificuldades do Ir. André, mas com letra às vezes ilegível. Parece que escreveu mal porque precisava atualizar seus óculos. Preocupava-se com o estado de saúde do Ir. André. Por fim pediu orações. Em outra carta, Demétrio dá notícias suas e dos filhos.

Foram guardadas várias cartas do Ir. André, escritas e recebidas, das quais transcrevemos algumas, para mostrar os seus problemas pessoais ou as dificuldades com a comunidade religiosa. Como já dissemos na introdução, queremos mostrar que uma pessoa pode santificar-se, apesar das dificuldades que encontra na vida. Para o Ir. André, não foi diferente. Ele enfrentou muitas dificuldades, mesmo assim foi um Irmão exemplar.

Do Provincial da época, Ir. Dario Bortolini:

São Paulo, 17/11/1991.

Prezado Ir. Floriano João.

Saudações maristas!

Espero que esteja passando bem aí em Manaus entre suas plantas e pássaros e, claro, entre os Irmãos e Juvenistas.

No seu retorno para Manaus, em fins de abril, a sua vista ainda não estava totalmente recuperada. “Questão de tempo”, dizia-se. Pelo que você me escreveu, melhorou bastante. E isso é bom. Graças a Deus você vai tendo visão suficiente para ler e escrever.

Soube, pelo Ir. Gilberto, em sua última visita, que você está duvidoso sobre sua permanência aí em Manaus, no Juvenato. Compreendo que, com a idade, aparecem certos problemas.

Quero reafirmar-lhe o seguinte.

1º) Se você puder e quiser continuar mais um ano aí no Juvenato, estou plenamente de acordo.

2º) Caso você achar que não dá mais para aí ficar e quiser vir definitivamente para Campinas, é só me dizer que o transferirei.

Peço-lhe, pois, que me escreva ainda nesta semana, se possível, dizendo de suas disposições. Não tenha receio; qualquer uma das alternativas será bem acolhida. Espero, pois, uma resposta sua.

Ir. Dario Bortolini

Manaus, 10/05/1994.

Caro Provincial.

Não é carta, são apenas poucas linhas já que a vista não ajuda, o ouvido atrapalha e anemia não encoraja. O fim destas poucas palavras é apenas para dizer-lhe que não estou mais em condições de ajudar, por pouco que seja. O jeito é tentar em Campinas cuidar um pouco da própria saúde.

Surge um grande problema, ei-lo: quem é que me levará a Campinas? Pessoalmente, não tenho condições de saúde para enfrentar esta viagem.

Aguardo uma solução sua para o problema de viagem.

Do servo em Cristo Ir. Floriano.

No mesmo papel uma observação do Provincial da época:

“Viajou comigo para São Paulo, no dia 20/01/94. Ir. Dario.”

Londrina, 18/04/1995.

Caro Provincial. Não é carta, apenas um bilhete, mas confidencial.

Passo em suas mãos cópia de uma carta respostas, de quem se confessa meu amigo do peito.

(I) Não fale nada com ele a respeito da cópia.

(II) Repare na delicadeza dele de não citar nenhum nome dos coirmãos, seja do “Caxias”, seja do “ranzinza e rabujento, corretor do mundo e imperialista.”

(III) O malestar que causam os que se arvoraram em salvadores da Pátria e querem açambarcar tudo o que se apresenta.

(IV) Se não fizemos “cabala” contra o Caxias, também não subiremos ao parlance a favor do mesmo.

(V) Lembre-se como o Ir. J. Cegalla sacrificou a ida dele a Brasília. No dia 2 de março estava ele de malas prontas... aconteceu o derrame que sofreu o Ir. Severino... Por outras duas vezes aprontou as malas, mas não teve com quem abandonar

os doentes. Somente em férias de Novembro resolveu mudar de ares... e merecidamente.

(VI) Tente “mover” fora os elogios que me fez... generosidade dele.

Mudando de assunto... fico com pena do Ir. Rui Leopoldo quanto sofre ele, tanto com a atuação do “Caxias” como com as exigências do “ranzinza, rabujento, corretor do mundo e imperialista”! Peço a Deus que as coisas melhorem com a presença do Ir. Tecila... Como vê, na residência São José de Campinas, nem tudo são rosas. Há muitos espinhos.

Ir. Floriano João

P.S. Lamento não ter o estilo sibilino do Ir. Cegalla.

Outras duas cartas ao Provincial foram escritas de Canutama, nos anos 1998 e 1999 para falar de outros problemas de saúde: bronquite crônica e ameaça de pneumonia.

Também foram guardadas cartas do ex-Ir. Demétrio, mano do Ir. André e outros Irmãos bem como uma carta escrita a ele pelo Ir. Cláudio Girardi, em francês.

DEPOIMENTOS DE COIRMÃOS

“

Cada depoimento traz alguma característica do Ir. André. Seus parentes o estimavam e sempre esperavam sua visita. Um chegou a me dizer: “Il a vécu comme un religieux et il est mort en religion” (Viveu como um monge e morreu no convento). Sobrinhos gostavam de receber suas cartas. Infelizmente nenhuma foi guardada. Todos dizem que ele era animado e alegre nas suas visitas, levando lembranças e revistas maristas.

Eu o conheci no colégio N. Senhora da Glória, no Cambuci, em 1969. Um dos fatos que recordo é que todos os dias, à noite, dávamos aulas a umas turmas de alunos (curso supletivo). Eram só Irmãos que lecionavam. Com ele, todos os dias, dávamos nossas aulas de história, geografia, religião, língua portuguesa. Bem na hora da novela e noticiário. Nos intervalos, contava suas proezas com os alunos – quase todos adultos. Um dos fatos em que ria muito era o passeio do Ir. Armand Bruggières, francês, da Província Brasil-Norte que passou um ano na Comunidade do Colégio Nossa Senhora da Glória. O Ir. Armand gostava de caminhar de madrugada pelas ruas do centro de São

Paulo (Duas vezes o Ir. Nilso o acompanhou)-passeio pela madrugada (das 2 às 6 h), parando de vez em quando para tomar uma “bière”; e chegava na hora da oração das 6h15min. Ele achava loucura!

Eu me admirava como se animava com os alunos incultos, mas amigos. Tinha afeto com os alunos como Champagnat pedia e Jesus foi claro: “amar os mais necessitados” (Jo 13 e 15).

Sofria um pouco dos pulmões (talvez a umidade de São Paulo); no entanto, não recuava. Quando foi ao Amazonas (Lábrea, Manaus e Canutama, a partir de 1986) curou-se quase completamente.

Ali o conheci sempre de passagem onde ele morava. Sempre ocupado depois de dar aula, seja na horta, seja no pomar. Colhia as frutas e as cuidava para a comunidade. De vez em quando regalava às pessoas, famílias, ao Bispo, pároco, Irmãs. Tinha prazer em mostrar as frutas aos visitantes, oferecer para comer e sempre oferecia uma sacola com algumas frutas para levar, a qualquer pessoa visitante. Interessante que sempre notei que, por onde ele passava, ficava a marca do caminho.

Não mudava o roteiro, sobretudo no Juvenato de Manaus e na casa de repouso de São José, em São José dos Pinhais. Quando via lembrava os caminhos dos animais nos pastos. Em 1986, no mês de maio, quando tive um acidente de avião e estava em Manaus em recuperação, vieram os Irmãos Luiz Siena, André e juvenistas me fazerem uma visita. O presente que recebi deles foi um pacote de frutas ofertadas pelo Ir. André.

Seu irmão, Demétrio, lembrava que com o Ir. André recordavam as histórias do Ir. Cristóvão (Antigo Provincial) e dos “calembours” (jogos de palavras ou brincadeiras ou adivinhações com conotações humorísticas ou de duplo sentido) que aprenderam com ele. Lembro-me de alguns como “les trois signes de santé”, “tas de ris, tas de rats”, “allez-vous en tous, Charles, Attends! (Charlatão!)”, “la vaca Braga”, “il est plus intelligent que 90% de ceux que nous avons ici”...

Nos relatos de alguns Irmãos vemos algumas virtudes e maneiras salientadas por eles: Ir. Cláudio relata um tipo do seu caráter e sua grande atividade no plantio de árvores frutíferas. Quando Provincial pediu para realizar exames clínicos com uma psicóloga. Ir. Ferrarini relata sua autoestima quando mudou para o Amazonas e sua rotina de trabalho invejável. Ir. Egídio conta sua vida com traços bem históricos, seus exemplos de vida, seu

comportamento impecável, seus locais e hobbies proferidos.

Não podemos dizer que tudo foi fácil ao Ir. André. A ele era a bem-aventurança: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados” (Mt 5,5). Ele era tímido, retraído e lutava para vencer como disse o Ir. Cláudio. Uma psicóloga ao analisá-lo, deu algumas características que o faziam sofrer. Não sei se foi um de seus irmãos, Stefano ou Demétrio, que me deu uma frase retirada da revista Seleções, janeiro de 2009, em que aplicava a seu Ir. André (Floriano João): “a sua função não é simples e precisa ser recriada a cada amanhecer de um novo dia”. Era certamente o que acontecia, pois não externava muito seus sentimentos internos; fechava-se em si mesmo e lutava para cumprir tudo o que tinha que realizar apesar de nem sempre ter tido o prazer de realizar umas funções.

Seus amigos eram os coirmãos de comunidade no caminhar do dia a dia, para os quais sempre servia frutas e verduras, produtos de seu trabalho. Numa carta do Ir. Cláudio a seu Ir. Demétrio, vemos umas pinceladas de seu relacionamento muito restrito a seu trabalho. Seus amigos o que mais recordavam eram seus irmãos Demétrio e Stefano com os quais se relacionava constantemente por carta e visitas de família; os filhos e filhas deles também eram grandes amigos do Ir. André. Todos gostavam de chamá-lo “Ir. Floriano”. Ir. André (Floriano) diversas vezes me falava de seus irmãos e das dificuldades que tiveram. Até mesmo me dizia de certas “injustiças” feitas a algum deles. Pedi o porquê disso. Estava relacionado não a injustiças da Congregação, mas sim a algum Irmão que na faculdade católica o perseguia, atribuindo-lhe notas baixas em bancas de exames!



Ir. Nilso Ronchi

”

“

Vivemos juntos 71 anos de vida religiosa, com alegria, respeito às diferenças, diálogo e trabalho intenso.

Ir. Demétrio Koczicki

”

“

Um Irmão muito calado. Gostava de falar com seus alunos, com os quais se alegrava e os alegrava.

Um trabalhador incansável. Dava aulas nos dois períodos e, a seguir, pegava suas ferramentas e ia trabalhar no pomar, regando as plantas em dias de seca; elas agradeciam dando muitas frutas. O refeitório dos Irmãos sempre estava servido, sobretudo, de mamões em quantidade.

Os alunos gostavam muito dele por causa de sua paciência nas explicações e inúmeras repetições de forma variada. Era muito criativo ao tentar explicar, sobretudo, a matemática.



Ir. Alberto Girardi

”

“

Trabalhamos juntos por diversos anos em Lábrea. O Irmão não se sentia muito bem de saúde na Província de São Paulo, mas aceitou trabalhar em Lábrea. Para surpresa de todos melhorou sua performance e sua autoestima. Durante os anos que trabalhou em Lábrea, lecionava full time no período matutino e noturno no Colégio Santo Agostinho. Sua matéria preferida era a Matemática. Apesar de certa severidade, era muito estimado pelos alunos e convivia bastante no meio deles.

No período vespertino, depois de tratar os gatos, punha suas roupas de trabalho, suas botas, chapéu e se metia a trabalhar no pomar. Isso todos os dias sem a sesta do pós-almoço. Durante muitos anos a comunidade esteve autossuficiente em termos de frutas, abiu, manga, banana, jambo, mamão etc. e o galinheiro garantiu muitos ovos e vez por outra algum galo ou galinha na panela. Durante horas, sob o sol escaldante, e abundante suor, manejava enxadas, terçados, carrinhos etc. Fazia um breve intervalo para tomar o refrescante dinamite (severineja = cerveja do Ir. Severino) sempre acondicionada na geladeira.

Assim passou seus anos em Lábrea, alternando seus instrumentos de trabalho, ora livros, canetas, cadernos, giz, ora enxadas, ancinhos, cavadeiras etc. Assim ia dando vida à comunidade, vida à natureza e vida aos jovens e crianças. Mesmo não tendo conseguido uma profunda inculturação, seus alunos guardaram imorredoura memória. Depois que regressou, aguardando transferência para o ‘andar superior,’ muita gente que o conheceu no Amazonas, perguntava por ele, recordando seus feitos na sala de aula, nos recreios e nas lides hortifrutigranjeiras.

Ir. Sebastião Antônio Ferrarini

”

“

André Nahirniak ou Ir. Floriano João, tímido por natureza, foi abrindo caminho pela vida, procurando sempre vencer o medo. Trabalhou por muitos anos no Amazonas, e sobretudo em Canutama, onde se notabilizou pela horta que mantinha ajudado pela garotada do lugar, e pela plantação de muitas árvores frutíferas.

Assinale-se, de passagem, que os Irmãos o incentivaram muito, a criação de hortas domésticas e o cultivo de frutas. De Mendes foram levadas muitas sementes de jambo, que hoje estão produzindo, por onde passaram os Irmãos Maristas: Lábrea, Canutama, Tapauá. A cidade de Lábrea tem avenidas cobertas de jambeiros. As frutas dificilmente chegaram a madurar, fora dos limites do Colégio e da casa dos Irmãos.

O Ir. André veio do Amazonas, em companhia do Ir. Gildo Dematté, ambos bem doentes. Viveu um tempo internado na Residência São José, em São José dos Pinhais, onde veio a falecer depois de vegetar por uns meses, numa cama.

Conheci Sr. Demétrio, irmão dele, morador de Florianópolis, já aposentado e dois sobrinhos dele que tinham visitado o Irmão na Residência São José e se mostraram muito gratos pelo bom tratamento que o tio e mano recebia nessa casa.

Ir. Cláudio Girardi

”

“

André Nahirniak nasceu em Mallet (Vera Guarany). Não foram poucos os religiosos oriundos desse lugar, santificado pelo Pe. Emiliano Ananewytch, amigo dedicado e admirador dos Maristas, cuja causa de beatificação está sendo estudada. No final da vida, tornou-se franciscano e transferiu-se para os USA, onde faleceu.

André recebeu o sacramento da Crisma no mesmo dia do Batismo, como era costume entre os católicos de rito oriental ucraniano. André é o quinto de uma família de 10 irmãos, dos quais três se tornaram religiosos (duas da congregação das Servas de Maria Imaculada e uma das Irmãs de São José de Chambéry). Outro mano, Demétrio, tornou-se Irmão Marista. A certa altura da vida, fez outra opção de vida.

Uma vez esse Irmão apareceu com uma turma de 19 candidatos da região de Mallet, Rio Azul e Dorizon, de todos os tamanhos e idades. Perseverou apenas um, Ir. Miguel Cobrak, meu colega e que era cinco anos mais velho do que eu. Jovem aplicado e criterioso. Só deu bons exemplos na vida. Deus o colheu maduro para o céu, num encontro de vocacionados, na chácara de Maringá, em janeiro de 1996.

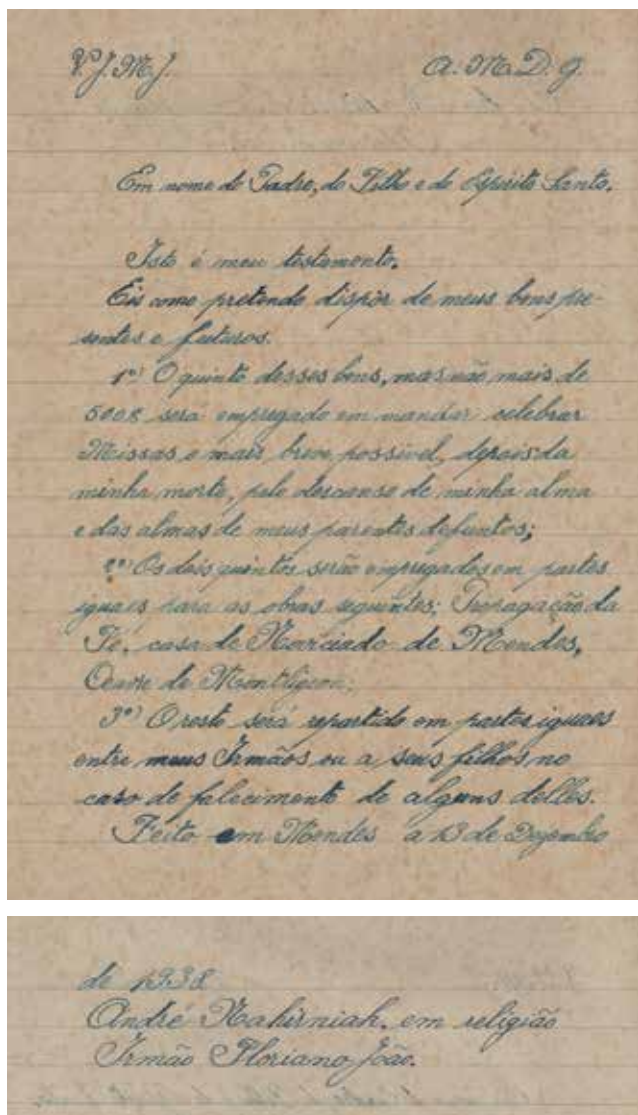
Ir. André Nahirniak (Floriano João) qual Moisés escutou um dia um chamado e respondeu “aqui estou”! O percurso de sua vida exala a humildade do Irmão Marista durante os seus 67 anos (71 contando desde o Juvenato) de vida marista. Todos os que o conheceram e que deram seu depoimento exaltam seu comportamento impecável, aplicado aos estudos, amante da natureza, retraído, porém, sempre ocupado trabalhando, devagar, mas produtivo.

Ir. Luiz Setti

”

TESTAMENTOS

Era costume, na época, por ocasião de emissão dos votos perpétuos, que cada Irmão fizesse um testamento. O Ir. André também fez, numa folha simples de cadernos, mas com letra impecável.



Primeiro testamento, por ocasião da profissão perpétua.

Em 1958, estando em Ribeirão Preto, fez outro testamento, revogando o primeiro:

Testamento particular que faz André Nahirniak.

Eu, André Nahirniak, de 39 anos, brasileiro, solteiro, professor, residente no Colégio N. S. Aparecida, à rua Bernardino de Campos, n. 550, em Ribeirão Preto, no Estado de São Paulo, declaro o seguinte:

1º) Sou brasileiro, natural de Vera Guarany, Estado do Paraná;

2º) Tenho 39 anos de idade, tendo nascido aos 14 de outubro de 1918;

3º) Sou filho legítimo de Paulo Nahirniak e de D.na Catarina Buseo Nahirniak.

4º) Sou solteiro

5º) Podendo dispor de todos os meus bens presentes e futuros e em plena posse de minhas faculdades mentais, declaro:

a) não possuo nada de próprio no Instituto dos Irmãos Maristas nem em nenhuma de suas casas, sendo todos os meus objetos de uso como fruto de meus trabalhos realizados durante a minha permanência na vida religiosa propriedade exclusiva do referido Instituto;

b) que atualmente não estou de posse de nenhum bem pessoal, mas entendo dispor dos que me sobrevierem depois, do modo seguinte:

A metade seja distribuída entre meus irmãos e irmãs que estiverem em maiores necessidades.

A outra metade seja aplicada em sufrágio das almas do purgatório.

c) que por este testamento revoga qualquer outro anterior e pede à justiça que o cumpra tão fielmente como nele se contém e declara, para os efeitos legais.

Ribeirão Preto, 17 de março de 1958.

André Nahirniak

Nós, abaixo assinados, declaramos que o testamento acima foi lido em nossa presença, o que assinamos para os fins de direito.

Augusto Carneiro Borges

Jaroslau Mavinshi





Gildo Dematté

Ir. Samuel André

1916 – 2004

FAMÍLIA

Gildo nasceu em 24 de junho de 1916, em Ribeirão Cavallo, distrito de Nereu Ramos, município de Jaraguá do Sul, SC, filho de Henrique Dematté e de Francisca Sarti Dematté, ambos naturais de Blumenau, sendo avós paternos Virgílio Dematté e Anna Tomasini Dematté e avós maternos Agostinho Sarti e Maria Madei Sarti.

Foi batizado em 20 de agosto de 1916, na capela de Ribeirão Cavallo, pelo Pe. Pedro Franken.

Assinou a certidão o pároco Pe. João Stalte, em Jaraguá do Sul, 5 de setembro de 1928.

Obs.:

1ª) A certidão de Crisma traz como pai o Sr. Hermenegildo Dematté, crisma- do na igreja de Retorcida, por Dom Pio de Freitas, mas foi assinada por Henrique Dematté e Francisca Dematté. Não tem data.

2ª) No testamento feito em 1933, seu nome consta como Hermenegildo Dematté, em religião Ir. Samuel André. Nos demais documentos aparece sempre o nome como Gildo Dematté.

Da numerosa família (12) o Ir. Gildo, o primogênito, consagrou-se a Deus na vida marista, fruto das ações do Ir. Arduíno, um trabalhador incansável na promoção vocacional. A mana Maria se consagrou a Deus na Congregação das Irmãs de São José. Francisco se fez religioso marista, mas em certa altura da vida, mudou de rumo.

FORMAÇÃO

Gildo fez seus primeiros estudos no torrão natal.

Entrou no juvenato Marcelino Champagnat, em Curitiba, PR, conduzido pelo Ir. Exuperâncio, em 4 de setembro de 1928. Seguiu para o postulado em Mendes, RJ, em 23 de dezembro de 1931. Fez o Noviciado em 1933 e no final desse mesmo ano, no dia 22 de dezembro de 1933, fez sua primeira profissão religiosa. Também em Mendes fez o Escolasticado, durante os anos de 1934 a 1936. Emitiu os votos perpétuos em Franca, SP, no dia 15 de janeiro de 1939. E o voto de estabilidade em Mendes, no dia 21 de dezembro de 1960.

Como formação acadêmica, fez diversos cursos e obteve os seguintes diplomas:

12 de fevereiro de 1937

Diploma de Normalista pela Escola Normal Secundária de Mendes

3 de dezembro de 1941

Diploma da Faculdade de Educação São José, Mendes, RJ

5 de março de 1943

Diploma de bacharel

14 de dezembro de 1950

Diploma de Licenciado em Matemática, pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras, da Universidade do Paraná

14 de julho de 1951

Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), em São Paulo

15 de maio de 1970

Diploma de Didática Especial de Educação Moral e Cívica, emitido em Brasília

2 de setembro de 1971

Diploma de Técnico em consertos e montagens de aparelhos de rádio e Televisão, curso livre por correspondência

Com tais cursos obteve os seguintes registros:

- Professor do Curso Primário, em 8 de novembro de 1937; em São Paulo, em 16 de abril de 1937;
- No Paraná, em 22 de fevereiro de 1940.

No MEC obteve os registros de: Matemática, Física (2º Grau), História Geral, História do Brasil, Geografia Geral e Geografia do Brasil, todos para 1º e 2º Graus.



1980 – Comunidade do Juvenato de Manaus, por ocasião de uma visita.

VIDA MARISTA E TRABALHO APOSTÓLICO

Uma folha avulsa continha os lugares onde trabalhou. Com ela corrigimos alguns dados registrados na Secretaria Provincial, como segue.

1937

Ginásio São José, Mendes, RJ, professor do juvenato. Ali começou a mostrar suas habilidades de “bricoleur”. Com os Irmãos Ático Rubini, Rui Leopoldo e outros, iniciou a construção de um campo de futebol no meio da vegetação, junto ao caminho que leva ao Cruzeiro. Hoje a casa é um lugar de Encontros, pois as etapas de formação foram transferidas para outros lugares.

1938 a 1940

Colégio Arquidiocesano, São Paulo, professor primário. Foi o tempo da Segunda Guerra mundial. O então Samuel André torcia mais para o eixo do que para as forças aliadas. Isso lhe valeu alguns dissabores. Com o Ir. Luís Marcial montou uma geringonça para fabricar refrigerantes, que logo os alunos batizaram de refresco “samuelina”. E bem que gostavam.



Comunidade do Colégio Santa Maria, Curitiba

- 1940 a 1943** Colégio Santa Maria, Curitiba, professor do Ginásio. Ali fez o Curso de Matemática.
- 1943** Colégio Champagnat, Franca, SP – 2ª série do Ginásio
- 1944** Colégio Nossa Senhora do Carmo, São Paulo, professor da 2ª série do Ginásio
- 1945** Ginásio São José, Mendes, FJ, Juvenato
- 1946** Internato São José, Tijuca, RJ, professor do Ginásio
- 1947 a 1948** Colégio Santista, professor do Ginásio
- 1949** 1º semestre – 2º Noviciado
2º semestre – Colégio Santista, professor Científico
- 1950** Colégio Santa Maria, Curitiba, professor da 4ª série do Ginásio
- 1951** Colégio Sagrado Coração de Jesus, Varginha, MG, professor Científico
- 1952** Colégio Santa Maria, Curitiba, professor Científico

1953 a 1958

Colégio Diocesano, Uberaba, SP, professor do Científico. Por suas habilidades tornou-se conhecido até das Irmãs Carmelitas, a quem prestou muitos serviços da captação de água. Foi admitido na comunidade como “Irmão Caridade”, sem frequentá-la é claro, do qual ele se orgulha (no entanto do diploma de filiação não foi encontrado).

1959 a 1961

Colégio Arquidiocesano, São Paulo, professor Científico (Matemática e Física); 1962 a 1964 – Colégio Sagrado Coração de Jesus, Londrina, professor do Científico. Ali, com outro “bricoleur”, Ir. Dionísio Caresia, montou máquinas de cortar grama. Mas um dia quase decepcionou o pé de um operário. Conseguiu a canalização da água de uma fonte existente na chácara dos Irmãos, hoje elegante bairro chamado Jardim Champagnat.

1965 a 1967

Editora FTD, São Paulo, divulgador dos livros da Editora FTD no interior do Estado de S. Paulo.

1968 a 1970

Colégio Marista, Brasília, professor 4ª série do Ginásio e Secretário. Com outros Irmãos, aos sábados, ia para chácara Manacá plantar mudas de árvores, sobretudo mangueiras. Aqui há uma discordância do histórico com o registro na Secretaria Provincial. Este diz que nos anos 1969 e 1970 ele esteve no Colégio Arquidiocesano, São Paulo.



Nas ruas de Canutama, AM

1971 Colégio Champagnat, Franca, Vice-Diretor (2ª série do Ginásio)

1972 Colégio Santista, professor (4ª série do Ginásio)

1973 a 1978

Escola Estadual Eduardo Ribeiro, Canutama, AM, professor e Diretor. Aí deu asas à sua criatividade: arborizou, com jambeiros, a praça da Prefeitura, em frente à Igreja matriz.



1977 – Canutama: Irmãos Zenóbio, Gildo, Severino e Sebastião Ferrarini

1978 Foi adquirida uma casa em Manaus, para servir de Juvenato a candidatos provenientes de Lábrea e Canutama, e mesmo de Manaus, mais conhecido como Centro Marista de Manaus.

1979 O Ir. Gildo foi transferido para ser Procurador das casas do interior, trabalho a que se dedicou com muito carinho. Com a transferência do Juvenato para o bairro Zumbi, fora da cidade, local por ele conseguido, começou a viver uma vida de eremita, aspiração que vinha de longa data. Desenvolveu atividades catequéticas junto a Paróquia N. S. Aparecida, dos Padres Redentoristas, na para a Confirmação.

1980 Residência São José, Campinas (tratamento de saúde)

1980 a 1997 Colégio N. S. Aparecida, Manaus, (procurador)

1998 a 2004 Residência Marista São José, São José dos Pinhais, PR, repouso

Faleceu em 21 de agosto de 2004, em São José dos Pinhais, PR e foi sepultado no Jazigo Marista do Cemitério Água Verde, em Curitiba.

Obs.: Não foi localizada a certidão de óbito.



1980 – Gildo está em pé, com camisa azul.

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

Tive um conhecimento apenas superficial do Ir. Gildo, em encontros rápidos. Os testemunhos são pouco e a única referência para dizer uma palavra são duas cartas suas ao Provincial: uma (1985) tratou das contribuições para a aposentadoria e a outra da problemática vivida com o coirmão de comunidade (1973), pois eram apenas dois.

Posso concluir três coisas:

- O Ir. Gildo mostrou que era uma pessoa conciliadora, que sabia perdoar e construir, apesar das dificuldades;
- Sua ida para a Amazônia o fez mais dedicado ao mundo espiritual, justamente para poder suportar as limitações e dificuldades de cada dia;
- O Ir. Gildo mostrou numa das cartas um profundo espírito apostólico em relação às crianças e pessoas pobres.

DEPOIMENTOS DE COIRMÃOS

“

Nascido em Jaraguá do Sul, era mano do Ir. Bento Marcelino e do Ir. Francisco Dematté. Este acabou voltando à vida civil.

Por muitos anos foi recrutador de vocações no Paraná e em Santa Catarina, na Diocese de Joinville.

Inteligente, era professor de Matemática, Física e Ciências. Como professor era exigente. De temperamento forte, teve alguns problemas pelos quais sofreu e fez sofrer. Mas era homem de princípios e esforçado.

Nos tempos livres, sobretudo durante as férias, se dedicava a fazer algo em favor da comunidade. Num ano em que eu estive lá para uns dias, estava trabalhando num encanamento de água, para a horta, que era assaz distante do depósito da água da rua.

Por anos trabalhou no Amazonas e sendo representante dos Maristas junto ao governo do Estado, conseguiu muita ajuda para os colégios dos Irmãos em Tapauá, Canutama e Lábrea. Era ele que retirava cada mês o pagamento dos professores e o fazia chegar a eles. Estes se mostravam muito gratos por este favor e não era para menos. Havia professores que, ao ir a Manaus, tirar o pagamento e voltar, além de levarem uns 10 a 15 dias, ao pagarem os gastos de viagem, pouco lhes sobrava. Voltou do Amazonas cansado e doente e se internou em São José dos Pinhais, na Residência São José e ali veio a falecer.

Desconhecido

”

“

Eu o conheci em Manaus, Zona Leste, no bairro Zumbi dos Palmares I – bem no início do período que estive trabalhando (1998–2000); nesse período, ele trabalhava em diversas atividades voltadas para o atendimento das comunidades maristas que atuavam nos Colégios do interior, sobre o rio Purus (Lábrea e Canutama e Tapauá).

Também atendia diversos irmãos do sul do Brasil que atuavam nas comunidades do Acre (Cruzeiro do Sul e Tarauacá); e no Alto Solimões (Tabatinga, Benjamim Constant e Atalaia do Norte).

Eram inúmeras as demandas que o Ir. Gildo procurava acompanhar e, sempre o fazia com muita dedicação e alegria. Não caberiam todas em um livro – por quê? Porque as exigências eram inúmeras e bem diversas. Destaco pelo menos três:

a) Irmãos que vinham do Sul e se dirigiam para o Alto Solimões pediam pousada na comunidade marista de Manaus para prosseguir viagem no dia seguinte – ou porque não havia conexão no mesmo dia e/ou para aproveitar fazer compras, na Zona Franca de Manaus – tratava-se de materiais que seriam utilizados tanto nas escolas como na Formação catequética, Pastoral da Juventude (gravadores, aparelhos de fax, materiais esportivos, materiais de escritório, etc);

b) Irmãos que atuavam nas escolas e faziam “rifas comunitárias” com o objetivo de renovar e ou comprar novos equipamentos; enviavam o dinheiro com o pedido respectivo; I. Gildo se dirigia até as lojas da zona franca, fazia três orçamentos e, feita a compra, enviava (via barco) – remetia também os orçamentos realizados e o troco;

c) Ir. Gildo também se desdobrou nos encaminhamentos de papeladas (serviço burocrático); demandas junto a Secretaria de Educação. Os irmãos eram professores do Estado do Amazonas e/ou nos Colégios dos irmãos, o Estado contratava os colaboradores. Muitas demandas burocráticas foram atendidas com sucesso pelo coirmão que não media viagens, telefonemas (fixo) e presença junto a Secretaria.

Obs.: 1. A merenda escolar para Lábrea e Canutama era monitorada pelo I. Gildo – quando sabia da entrega no porto de Manaus, ele se dirigia até o mesmo para verificar se o embarque da mercadoria era feito dentro dos conformes; ele era ciente também que alguns produtos não podiam pegar umidade. Todos nós sabemos, da importância de conferir as mercadorias despachadas com as respectivas notas fiscais;

Obs.: 2. Ir. Gildo conseguiu para a Província Marista a gleba (terreno) do Zumbi dos Palmares I, onde fora instalada a comunidade interprovincial, da qual faziam parte, no período acima, os irmãos: Albino Tecilla, Gildo Demat-

tê, Hugo Depiné, Lauri Heck, Luís Santin e Luis Siqueira). A gleba (terreno) situada na BR 174, Km 7, onde está situado o Centro Marista – Cesmaris que atende grupos das paróquias da Arquidiocese de Manaus. Nesse espaço havia também lagoas com produção de tambaquis e de abelhas para a produção de mel. A abundância de frutas era um destaque; os grupos podiam usufruir de um espaço em plena floresta amazônica. Certa feita, contou-me do trabalho que teve para retirar entulhos onde, posteriormente, foi construída uma piscina, também a disposição dos grupos.

[...] Bem, como disse acima, o Ir. Gildo tinha uma jornada bem atarefada; à noite, após a reza do terço em comunidade, contava histórias de tantas peripécias em que ele e os valorosos irmãos tiveram um protagonismo, não muito divulgado, mas, certamente, de grande importância para as comunidades atendidas.

[...] Passado um tempo, o Ir. Gildo que se encontrava bastante debilitado, a saúde exigia que ele tivesse um acompanhamento maior, retornou para Campinas, SP onde pode ter atendimentos médicos necessários na comunidade marista.

[...] Preparado pelo “mestre Gildo” eu, Ir. Hugo Depiné, tive a honra de substituí-lo. Foi no desenvolver dos trabalhos que percebi o quanto era laborioso tudo o que ele tinha feito. Como diz o ditado: quando se põe a mão no arado o sujeito percebe a ‘responsabilidade’ da missão.



Ir. Hugo Depiné

”



José Francisco Ruver

Ir. Adelmo

1919 – 2004

Valemo-nos da biografia escrita pelo Ir. Cláudio Girardi que, por sua vez, usou o relato que o Ir. José Francisco Ruver fez ao noviço estagiário Ir. Darlan Santorum, em Florianópolis. O Ir. Cláudio Gerardi datou seu escrito com 19 de outubro de 2004.

Na pasta do arquivo há uma cópia de e-mail enviado pelo Ir. Daran Santorum ao Ir. Cláudio Girardi, no dia 14 de setembro de 2004, portanto, pouco antes do Ir. José F. Ruver falecer. Sobre este e-mail há uma observação com a letra característica do Ir. Cláudio Girardi.

Constatamos algumas contradições entre o relato do Ir. Cláudio e as citações do Ir. José F. Ruver, transcritas pelo Ir. Darlan, que evitamos deixar evidentes neste livro. Uma delas é o local do juvenato, postulado e Noviciado. Ele confunde Bom Princípio com Porto Alegre.

FAMÍLIA

Na localidade de Lajeado, Santa Clara, RS, se instalaram Felipe Ruver e sua esposa Berta Kuhn Ruver. Tiveram 12 filhos, 6 homens e 6 mulheres, dos quais um ficou padre diocesano e 3 se tornaram religiosas da Congregação da Divina Providência.

O Ir. José Francisco Ruver nasceu em 27 de julho de 1919. Na família foi aprendendo os primeiros passos. Com o pai aprendeu a lida com a lavoura, nas culturas de milho, soja, feijão, arroz e trigo. A propriedade era grande e a terra boa. Dela a família retirava seu sustento. Algumas vacas produziam leite com o qual

faziam queijos para o consumo da família. Tinham também criação de suínos para carne, banha, salame e torresmo.

Com a mãe aprendeu a rezar o terço e a zelar pelas coisas da casa. A família foi a primeira escola onde aprendeu a cultivar os valores cristãos.

Os pais eram bem aceitos e líderes da comunidade. Por muito tempo ficaram à frente da comunidade, organizando festas e promoções para arrecadar fundos para a construção de uma capela e de um salão de festas.

Participando da vida de oração da família, aprendeu a rezar o terço. Aos domingos iam para a missa, a cavalo. Ele disse:

Lembro-me do orgulho com que eu montava no meu primeiro cavalo baio e, mais tarde, no meu petiço, que também era útil para a família.

Quando chovia era impossível ir à missa na matriz. Rezávamos o terço em casa, com toda a família reunida.

Com o passar do tempo, papai comprou uma charrete puxada por cavalos, na qual cabiam sete pessoas. Assim sempre alguém podia ir à missa, mesmo nos dias de chuva.

Todos éramos amados, mas não tínhamos conversas sobre afetividade e sexualidade. Naquela época a educação era outra. Bastava o pai olhar para nós já sabíamos que era para parar. Quando vinha uma visita, bastava o pai olhar para nós e já sabíamos que era para sair. Lembro-me poucas coisas da infância, mas o que me deixava alegre era a chegada do Natal, quando toda a família se reunia e fazíamos uma grande festa. Não ganhávamos muitos presentes, mas minha alegria era receber algumas balas do papai e da mamãe.

VOCAÇÃO

A respeito do seu despertar vocacional e sua entrada na comunidade Marista, o próprio Ir. José Ruver, assim relatou:

Eu estudava numa escola em Santa Clara, aprendíamos falar alemão. Nesta escola passou um Irmão Marista convidando quem queria ser religioso como ele. Deu uma mensagem e eu gostei. Depois o Irmão foi falar com os meus pais. No ano seguinte, ingressei no Juvenato de Bom Princípio.

Tive um grande apoio dos meus pais, irmãos e irmãs, pois outros já tinham saído de casa para seguir os caminhos de Deus.

FORMAÇÃO

José Francisco Ruver, entrou no juvenato em 20 de abril de 1931. Fez Postulado e Noviciado em Porto Alegre em 1936 e 1937 respectivamente. Fez a primeira profissão religiosa em 21 de janeiro de 1938 e a profissão perpétua em 21 de janeiro de 1941, em Porto Alegre. Fez seu voto de estabilidade em Porto Alegre, no dia 25 de dezembro de 1956.

Eis como ele narrou o período de formação:

Do juvenato me lembro das orações e das aulas de Português, pois eu não falava esta língua e gaguejava bastante. Com dedicação, aprendi a falar bem e fui capaz de me fazer entender. Lembro-me dos dias de esporte, do futebol que eu não gostava, pois não era um craque. Jogava mal. Eu preferia ficar jogando cartas ou dama.

Um dos meus professores, que eu admirava, era o Ir. Estanislau que foi quem me trouxe para o juvenato e me deu muita força no meu discernimento vocacional.

No Postulado e no Noviciado gostava muito do trabalho manual. Cada um tinha atividades e responsabilidades para o bem de todos. Os formadores nos pediam bastante esforço, que cada um desse o melhor de si. Eu era esforçado nos estudos e estimado pelos superiores. Dos trabalhos que fazia, recordo da capina, coisa que eu gostava.



Fez o Ensino Médio. Venceu com facilidade esta etapa. Ali aprofundou sua vocação, um tempo em que considerou de grande encontro com Deus.

Nos estudos não foi um excelente aluno, mas coerente com o homem prático que era: um histórico escolar mostra aproveitamento entre 60% e 90%. Foi o suficiente para ter registros de professor para Matemática, Desenho, Ciências Naturais e Trabalhos Manuais.

O Ir. José F. Ruver não fez curso superior em sua formação inicial, mas buscou atualização durante toda a vida, fazendo cursos que eram possíveis, no tempo de que dispunha. Muitos cursos forneceram um certificado para cada matéria desenvolvida, originando vários certificados para o mesmo curso, por isso são tantos. Eis a relação:

- 
- 1960** • Arte da Entrevista, São Leopoldo, RS
 - Orientação Educacional, São Leopoldo
 - Psicologia Evolutiva, São Leopoldo, RS
 - Psicopedagogia do Sexo, São Leopoldo, RS
 - Psicologia das Relações Humanas, São Leopoldo, RS
 - 1961** • Psicologia Dinâmica e Psicopatologia, Ijuí, RS
 - 1962** • Psicologia Diferencial, Viamão, RS
 - Psicopatologia da personalidade, Viamão, RS
 - Métodos e Técnicas da OE, Viamão, RS
 - Fenômeno Parapsicológico do Conhecimento, Viamão, RS
 - Transformação Social Contemporâneo e Pastoral, Viamão, RS
 - Ritmo de Urbanização da América Latina, Viamão, RS
 - 1967** • Psicologia da Espiritualidade, Curitiba, PR
 - 1969** • Prob. Desenvolvimento Brasileiro, São Paulo, SP
 - Orientação Sindical, Jaraguá do Sul, SC
 - Liderança de Reunião de Debate, Rio de Janeiro, RJ
 - 1970** • Técnica de Planejamento – Sistema Pert., Belo Horizonte, MG
 - Treinamento de Chefia, Belo Horizonte, MG
 - Técnica de Aconselhamento, Belo Horizonte, MG
 - Psicologia Evolutiva, Belo Horizonte, MG
 - Psicologia Social, Belo Horizonte, MG
 - Psicologia Geral, Belo Horizonte, MG

- Treinamento Liderança de Reunião, Belo Horizonte, MG
 - Liderança de Reuniões, Belo Horizonte, MG
 - Psicologia Diferencial, Belo Horizonte, MG
 - Teologia, Belo Horizonte, MG
 - Cristologia, Belo Horizonte
 - Eclesiologia, Belo Horizonte
 - Cosmovisão de Theiart de Chardin, Belo Horizonte, MG, 1970
 - Antropologia Religiosa, Belo Horizonte, MG, 1970
- 1971**
- Intensivo de Dicção, Ijuí, RS
 - Planejamento Educacional, Rio de Janeiro, RJ
- 1972**
- Técnica Pedagógica de Dinâmica de Grupo, São Paulo, SP
 - Animação Espiritual Pós-Conciliar, São Paulo, SP
- 1973**
- Sociologia Aplicada a Institutos Religiosos, São Paulo, SP
- 1974**
- II Congresso Brasileiro de Orientação Educacional, Porto Alegre, RS
 - III Congresso Brasileiro de Orientação Educacional, Porto Alegre, RS
- 1975**
- Primeiros Socorros, Tubarão, SC
- 1977**
- Form. Relig. à luz da Psic. Prof. Rio de Janeiro, RJ
- 1978**
- Treinamento Atendimento Idoso, Florianópolis, SC
 - Personalidade "A", Teresópolis, RJ
- 1979**
- Agentes de Pastoral, Florianópolis, SC
 - Treinamento Primeiros Socorros, Tubarão, SC

VIDA MARISTA E TRABALHO APOSTÓLICO

1938

Começou a atividade educacional no Colégio Medianeira, em Erechim, como professor. Disse que se sentia muito bem porque o superior, Ir. João da Cruz, deu-lhe muito apoio. Teve ali uma turma de 60 alunos.

1939 a 1943

Foi professor na Escola Industrial Hugo Taylor, em Santa Maria



Turma do 2º Noviciado
em St. Quentin Fallavier

1944

Foi estudante no Colégio Champagnat, em Porto Alegre.

1945 a 1947

Atuou como auxiliar de formação no Instituto Champagnat, em Porto Alegre.

1948

Voltou ao Colégio Champagnat, para ser professor e ecônomo.

1949 a 1954

Esteve em Florianópolis, no Abrigo de Menores, como diretor. Neste tempo, gostava dos trabalhos desenvolvidos com os internos. Estes eram fanáticos pelo futebol. Ele os acompanhava para evitar que se machucassem. Não era fácil passar muito tempo com eles, mas nunca deixou de estar presente. No segundo semestre de 1954, fez o 2º Noviciado em St. Quentin Fallavier, na França.

1955 a 1963

Voltando da Europa, ocupou-se do Colégio São Bento, São Bento do Sul, como professor e diretor.

1964

Foi nomeado diretor do Colégio São Luís, Jaraguá do Sul. Assim foi possível continuar sua presença muito profícua junto aos alunos.

1964 a 1969

Em julho de 1964 a 1969, foi Provincial da nova Província de Santa Catarina, fruto da divisão da antiga Província de Santa Catarina em Santa Catarina e

Santa Maria. A sede da nova Província foi o Colégio São Luís, Jaraguá do Sul. Desse tempo ele afirmou:

Durante dois mandatos, servi a Congregação, como Provincial, com muita dedicação. Em seu mandato aconteceu o Capítulo Geral extraordinário, de renovação, do qual ele participou. O Capítulo elaborou documentos de conteúdo e fez as novas Constituições, em substituição à Regra.



Juvenistas em São Bento do Sul. Na esquerda do Ir. José Ruver está o Ir. Aurélio.



1967 – Sala capitular, Roma

José F. Ruver era um homem prático. Foi desse tempo a instalação dos “Ginásios voltados para o Trabalho”. Isso comportou a instalação de duas oficinas em cada Colégio: uma de Técnicas Industriais e ou de Técnicas Agrícolas.

A Província teve que formar Irmãos para serem professores. Assim vários Irmãos fizeram cursos na Escola Técnica do Paraná, em Curitiba. Depois, com a ajuda do Provincial que trazia máquinas e equipamentos com sua caminhonete Chevrolet azul, os próprios Irmãos montaram as oficinas. Havia um financiamento do governo para aquisição das máquinas e equipamentos.



Roma, encontro
com Paulo VI

1970

Foi escolhido como vice Provincial, mas passou o ano em Belo Horizonte, em estudos, para sua formação permanente. Fez um curso Psicoteológico de 9 meses.

1971

Continuou seus estudos, no 1º semestre, em Ijuí, RS, onde fez Estágio e Reciclagem da Faculdade de Filosofia de Ijuí e, no segundo semestre, no Centro Psicotécnico da Pontifícia Universidade Católica do RS. No mesmo ano, de 31 de julho a 31 de outubro, exerceu a função de Provincial interino.

1972 a 1979

O novo Provincial, Aloísio Kuhn, teve dificuldades para encontrar um mestre de noviços e nomeou o Ir. José Ruver, que exerceu essa função. Continuou sendo conselheiro Provincial e a partir de 1975, coordenador do Serviço Missionário.

1975

Esteve em Bogotá, mas encontramos apenas a foto e uma referência numa correspondência do Provincial, sem saber do que realmente se tratou.



Bogotá – 1975

1980 a 1981

Continuou como conselheiro, morando em Pouso Redondo, fazia a função de auxiliar de administração.

1982

Voltou a Jaraguá do Sul, no Juvenato, como auxiliar de formação e Conselheiro Provincial.

1983 a 1988

Esteve em Florianópolis, na Casa Provincial, na função de Ecônomo Provincial e de Conselheiro.

1989

Esteve na Casa do Estudante Marista como auxiliar de formação.

1990 a 1996

Na mesma propriedade, foi superior do Lar São José, destinado ao tratamento dos Irmãos idosos.

1996

De 19 de abril a 22 de junho de 1996, esteve em Roma, no curso de Terceira Idade. O curso foi feito em Roma e concluído em L'Hermitage, com a possibilidade de uma peregrinação à Terra Santa. Dessa viagem deixou belas fotografias, pois a considerava um presente de Deus.

1997 a 1999

Esteve em Chapecó como superior da comunidade.



1997 – Celebração do Centenário da chegada dos primeiros Irmãos ao Brasil, Mendes, RJ

Voltou ao Lar São José, em Florianópolis, para repouso. Sobre esse tempo falou:

Quando vim para o Lar São José, vi que estava acabando o tempo de doar minha vida por meio do trabalho. Aqui encontrei um clima de paz. Estou me sentindo muito bem. Os Irmãos e funcionários me compreendem e estão tratando de mim com muito amor. Os Irmãos, hoje em dia, são legais e eu rezo todos os dias pela perseverança deles.

No início de 2004, foi decidida a reestruturação e ampliação do Lar São José. Os Irmãos que nela habitavam foram transferidos temporariamente para a antiga Casa Provincial, na Rua Madalena Barbi, no centro de Florianópolis.

É normal para pessoas de idade, ter dificuldades para acostumar-se a um novo lugar. Mas aos poucos se acostumou com a nova casa. Ressaltou que sempre gozou do bom atendimento dado pelo Ir. Adilson Suhr e pelos demais Irmãos e funcionários.

No mês de setembro os Irmãos idosos tiveram a visita (estágio) dos Noviços. Ao Ir. Darlan Santorum, o Ir. José Ruver confessou:

Minha vida é ofertada a Deus. Rezo o rosário todos os dias, cumprio os horários da comunidade, quanto eu posso, vou à missa.

Deus, para mim, é o maior encontro da minha vida. Gosto de falar com ele a respeito de tudo o que estou sentindo.

Nossa Senhora é a intermediária de meus pedidos e meu modelo de fidelidade e amor, de carinho e compreensão. Ela é minha mãe.

Agradeço a Deus por tudo o que me concede, pelo amor infinito com que me ama.



Mendes, 1997 – Com o Ir. Benito Arbués, Superior Geral



1997 – Mendes, trabalho em grupo

O Ir. José Francisco Ruver faleceu em 19 de setembro de 2004. Na certidão de óbito consta a causa da morte: falência de múltiplos órgãos, interectomia, insuficiência renal e respiratória, distúrbio hidroeletrólítico.

A seguir relatamos seus últimos dias.

O DESFECHO

O tempo que o Ir. José F. Ruver passou no Lar São José foi marcado pelo agravamento da sua situação de vida: mal de Alzheimer, complicações intestinais e arteriosclerose.

Dois meses depois de retornar à casa, começaram a aparecer sintomas de alguma anormalidade intestinal. As análises feitas detectaram um tumor que era conveniente extirpar, quanto antes. No entanto, a idade e o coração do Irmão exigiam que antes fosse feita uma angioplastia. Esta decorreu no prazo estipulado e foi marcada a cirurgia intestinal no Hospital Regional de São José. A cirurgia parecia evoluir normalmente, quando começaram a aparecer complicações respiratórias que exigiram outras cirurgias que, infelizmente, levaram o Irmão a óbito no dia 19 de setembro de 2004, às 14h.

Devidamente preparado e colocado no caixão, o corpo do Ir. José F. Ruver foi velado na capela da residência. Diversos familiares puderam comparecer a este velório.

No dia 20, o corpo foi levado para Jaraguá do Sul. Na capela do Juvenato, houve missa de corpo presente, com a presença dos familiares e dos Irmãos que, depois da missa, o levaram para o cemitério particular dos Irmãos, acompanhado com cantos e orações. A mãe do Ir. Marcondes Bachmann depositou um vaso de crisântemos amarelos aos pés da sepultura.

Destaque-se que o Ir. José F. Ruver foi uma pessoa sempre atenta a cada um de seus parentes e que estes, por sua vez, nunca deixaram de visita-lo nos últimos anos de sua vida.

Todos os que puderam, fizeram-se presentes nas exéquias do Irmão, o que foi muito edificante. Vários familiares, durante a missa, deram depoimentos nesse sentido.

“

Tive meu primeiro contato com ele, quando ele era Provincial, em 1969, no Juvenato de São Bento do Sul. Num domingo à tarde, vindo de Jaraguá do Sul com o Ir. Bonfílio Cassol, encontrou-nos no pátio do Colégio São Bento. Aproximou-se, cumprimentou-nos e nos perguntou: o que estão fazendo? Alguns responderam: “apanhando sol”, pois estava um pouco frio. Aí ele nos convidou para que fôssemos até a sala de estudos e seguiu um bom tempo conversando conosco, passando algumas comunicações.

Mais tarde, em dezembro de 1973, houve outro encontro no Noviciado e no Escolasticado (1974 e 1975).

Do período do Noviciado poderia escrever algumas páginas, mas quero limitar-me a alguns aspectos.

O Ir. José Ruver era extremamente prático; tinha uma verdadeira paixão pelo cultivo em geral. Uma parceria com os padres dos Sagrados Corações, que eram nossos capelães, permitiu que pudéssemos plantar mandioca no terreno deles. Uma parte do terreno foi destacado “no braço” pelos sete noviços que éramos.

Organizou diversas missões em parceria com os Franciscanos do bairro Trindade; estivemos em diversas comunidades e paróquias, desenvolvendo atividades de formação e espiritualidade para jovens, crianças e pais.

Por ocasião da grande enchente de Tubarão, em Santa Catarina, ele articulou uma ajuda por intermédio das Irmãs da Divina Providência do Hospital de lá. Distribuídos em duplas, recuperamos casas, retiramos lama da caixa de água (térrea), do poço do elevador do hospital, retiramos lama do primeiro piso, onde se encontravam a Emergência e os primeiros atendimentos. Saímos tão bem que fomos premiados (ainda naquele ano de Noviciado) com mais quinze dias de estágio, passando dois dias inteiros em todos os setores do hospital.



Ir. Hugo Depiné

”

“

Irmão piedoso, trabalhador, simples, prático, de fácil convivência. Apesar de poucos estudos, foi “pau para toda obra”, exerceu as mais diversas funções tais como: motorista, professor, diretor de Colégio e de Juvenato, Provincial, Ecônomo Provincial, Mestre de Noviços, Superior da residência dos Irmãos idosos ou enfermos etc. Foi meu diretor no Juvenato em São Bento do Sul onde, por eu ser um dos menores da turma, carinhosamente me chamava de “Pedruca, rodado baixo” e mais tarde meu Provincial. “Foi um verdadeiro Champagnat”.

”



Ir. Pedro João Wolter

“

Ainda revejo o juvenista José F. Ruver em Porto Alegre, no início da década de 1930, conduzindo uma carroça cheia de capim elefante, que era cortado perto da então Escola S. José, e levado para a estrebaria no lado oposto. No recreio, alguns peritos, entre eles José Ruver, se divertiam indo em cima de um barril fazendo-o rolar com os pés.

Era um grande auxiliar do Ir. Adalberto, encarregado dos trabalhos manuais. Recordo que falava bastante da viagem feita em vapor vindo de Lajeado a Porto Alegre.

Com ele, fui ajudar na missa pela primeira vez. Algo que não era dado a qualquer um. Ainda me admiro como podíamos recitar em latim todas aquelas fórmulas e realizar a contento todos os gestos então requeridos a um coroinha.

Com o Ir. José Ruver passei os seis anos de formação e o primeiro ano de atividades no colégio. Em 1938 estivemos juntos em Boa Vista do Erechim. Éramos oito Irmãos: cinco relativamente jovens e três mais experimentados. Desde esta data longínqua, até hoje, todos os componentes da referida comunidade perseveraram: alguns já na casa do Pai e outros a caminho. Apenas um se extraviou.

Na década de 1940 alguns Irmãos de nossa turma foram nomeados diretores em diversos colégios. Com certeza, a maior responsabilidade coube ao Ir. José Ruver, quando teve de assumir o Abrigo de Menores de Florianópolis. Deus foi muito bom com ele porque o Irmão se houve muito bem na direção do estabelecimento que exigia muito tino, discrição e competência para lidar com as autoridades, os funcionários e, de modo especial, com os abrigados que nem todos eram santinhos, mas alguns tinham enveredado por caminhos muito errados.

Com a criação da Província de Santa Catarina o peso da condução da nova fração do Instituto coube ao Ir. José Ruver. Digamos que, intelectualmente, não fosse o homem mais preparado para isso, mas por seu espírito de serviço, dedicação aos Irmãos e bastante tino administrativo, revelou-se bom Superior.

O Ir. José Ruver esteve à testa e também de tudo quanto fez para a construção e condução do Lar São José. Tenho imensa consideração pelos companheiros de Noviciado. A maioria, é verdade, já não estão mais neste mundo, outros não saberia explicar, apesar de bons religiosos, excelentes professores e diretores abandonaram-nos, mas se há dois que não posso esquecer foram os Provinciais Ir. José Ruver e Osvino Mombach.

Ir. Aristides Zanella

”

“

Só convivi com ele de passagem e em Florianópolis, pouco antes que morresse quando as consequências da idade se faziam sentir. Mas, nos contatos esporádicos, percebi nele um homem centrado em Deus, devoto de Nossa Senhora, dedicado à causa do Marista. Com esta base espiritual era natural nele o otimismo, o entusiasmo, o amor aos Irmãos, aos alunos e às pessoas em geral. Onde atuava havia alegria, virtude que se manifestou nele, mesmo no fim da vida.

É, nem preciso dizer que era homem de piedade profunda e sua presença nas orações comunitárias foi constante e pontual, toda a vida.

Autor não identificado

”



Dionísio Caresia

Ir. André Carlos

1925 – 2004

Valho-me de uma biografia encontrada na pasta digital do Ir. Dionísio, redigida pelo Ir. Carlos W.; outra pessoa a revisou, mas retirou o nome do autor original, também entregue a mim no formato digital.

Coube-me confrontar o material recebido com os documentos do arquivo e com a memória do Ir. Ilario Caresia, seu mano mais novo.

FAMÍLIA

Nascido em Brusque, Santa Catarina, na localidade Ribeirão do Ouro, hoje município de Botuverá, em 11 de março de 1925. Brusque, na época, era uma cidadezinha de interior, no vale do Itajaí. No tempo da criança de Dionísio, Brusque não tinha o desenvolvimento que conhece hoje.

A família mudou-se para o Pic (= pico), assim chamado popularmente, mas o nome verdadeiro é Diamantina, uma linha ou tifa, situada na montanha, região elevada próxima a Rodeio, que por sua vez está na planície. No auge, o Pic teve 80 famílias. A maior altitude em relação à cidade de Rodeio é 450 metros. As residências ficavam numa cota menor, 280 metros acima da cidade.

Quando os filhos cresceram e os pais ficaram sós, o marido da Palmira comprou o terreno do sogro e estes foram morar em Azambuja. Mais tarde foram morar com a filha Frida, em Blumenau, e lá faleceram. O Ir. Ilario diz que alguns sobrinhos ainda moram lá.

Duas das irmãs do Ir. Dionísio tornaram-se religiosas, das Irmãs Catequistas (Maria e Otília). O Ir. Ilario usou verbo no passado, ao referir-se a elas. Isso significa que saíram da vida religiosa.



2019 – Pic, na montanha, e Rodeio, na planície, a esquerda da foto

A família Caresia era grande. Eis a relação dos seus membros: Pais: Manoel Caresia († 23/10/1989); Mãe: Maria Raimundi († 06/12/1979); Palmira (1921 – 16/01/1987); Angela (28/06/1922 – 1922); **Vicente** (04/01/1924 – 26/12/2017) – Irmão Marista; **Dionísio** (11/03/1925 – 18/11/2005) – Irmão Marista; Ida (26/06/1926); Amábile (06/10/1927); Luiza (11/12/1928); Santo (24/08/1931); Maria (08/12/1932), por um tempo, foi Irmã Catequista; Otília (18/01/1934), por um tempo, foi Irmã Catequista; Lucínio (14/04/1935); Anna (21/07/1936); Anselma (01/09/1937); Frida (26/05/1939) **Ilario** (29/07/1940) – Irmão Marista; Esperança (30/11/1941); Valentino (01/02/1946).

Rodeio era espiritualmente orientada pelos Padres franciscanos, muitos dos quais de origem alemã, e não se davam muito bem com a população predominantemente de descendência italiana. Dizia-se então, ser Rodeio, tanto católica quanto anticlerical. Os Franciscanos têm, em Rodeio, a casa do Noviciado.



Fotografia feita em Curitiba, provavelmente depois de 1958. Os Irmãos ainda usaram rabat por dois ou três anos, depois de ter sido substituído pelo Capítulo Geral de 1958, depois dos primeiros votos do Ir. Ilario que foram em 22/12/1958.

Dos franciscanos da época, dois se tornaram famosos: Frei Bruno e Frei Policarpo. O primeiro pela santidade e bondade; está sepultado em Joaçaba, onde foi para ser capelão do juvenato. O segundo por ter sido assassinado por ladrões, enquanto procurava salvar o Santíssimo Sacramento. Frei Policarpo foi quem ajudou a fundar a Congregação das Irmãs Catequistas.

A aversão do povo pelos franciscanos de origem alemã se desfez com o tempo, quando os primeiros frades nascidos no Brasil, começaram a trabalhar com o povo. Muitos deles, de origem italiana, sentiam-se muito à vontade entre as famílias que visitavam, acompanhando um pouco os colonos em suas atividades agrícolas: ordenhar as vacas, alimentar as galinhas, cuidar dos bezerros etc. Depois vinha o encontro com a família para uma pequena palestra e troca de ideias, uma merenda... e lá ia o frade para outra família. Essas visitas familiares, uma vez por ano, eram acompanhadas da bênção da casa e eram muito apreciadas pelos fiéis do lugar.

Dionísio frequentou a escola primária mantida pelas Irmãs Catequistas, congregação dedicada à educação, fundada em Rodeio, por Frei Bruno. Essas Irmãs eram tão solícitas e conquistaram tanto os colonos italianos, que estes, em todos os povoados, pediam sua presença. No Pic, as Irmãs davam aulas aos pequenos, na igreja, como se fazia em muitos lugares, enquanto não fosse possível construir a escola.

O governo não dava muita atenção à escola, talvez, por ver que o povo se aranjava. Era o povo que providenciava o prédio, que geralmente servia, ao mesmo tempo, de igreja, como acabamos de afirmar. Era a população que pagava o professor que, de costume, era tão pobre quanto o povo. Era o povo que adquiria o pouco material didático: cartilha, cadernos, lousa de ardósia, o famoso penal e algo mais. Numa sacola de pano ia o material escolar a tiracolo. Nada a ver com as pesadas malas dos alunos de hoje. O governo apenas colhia os louros de ter um dos estados com maior índice de alfabetização.

No Pic, residiam então muitas famílias e as crianças eram numerosas. Da família do Ir. Dionísio três se fizeram Maristas: Vicente, Dionísio e Ilario e duas se tornaram Irmãs Catequistas.

Saliente-se que ainda em nossos dias a língua e as tradições italianas são conservadas, nas regiões ocupadas por ítalo-brasileiros, em Rodeio e arredores. O povo desta localidade é cantante e chegou a ter uma fábrica de sanfonas.

VOCAÇÃO

Dionísio foi para Curitiba, ainda bem pequeno, levado pelo bondoso Ir. Exuperância, em 1937, numa de suas incursões por Rodeio, em Santa Catarina.

Completo o curso fundamental no Juvenato Marcelino Champagnat, cuja construção foi feita em 1926 e depois sucessivamente ampliada em 1942, e totalmente completada por volta de 1944, 45.

Por razões econômicas e outras provocadas pela evolução das famílias e do tempo, esta casa e a propriedade circundante que eram ainda bastante grandes, foram vendidas ao Sr. Formighieri que depois as alugou à Universidade Tuiuti.

Depois que esta Universidade se transferiu para o lugar onde hoje se encontra, esse prédio colossal, com uma capela que bem poderia servir ao pessoal da redondeza, simplesmente passou, primeiro pelo fogo e, depois, definitivamente zerado, por tratores e caminhões, na semana de carnaval de 2012, transformando a propriedade em verdadeiro campo de batalha. Isso foi dito por vizinhos do local que observavam com olhos arregalados o que estava sendo feito.

FORMAÇÃO

Em Curitiba, o Dionísio completou o curso primário. Coursou o Ginásio em São José das Paineiras, em Mendes, no Estado do Rio de Janeiro. O Postulado foi feito no último ano do Ginásio.

Como estudante era de conduta exemplar, muito jeitoso no manejo das coisas, muito atento em aprender. Criativo, já no juvenato inventava coisas, visto ser o encarregado da iluminação do altar do oratório. Era muito dedicado aos estudos, conquistando os primeiros lugares, nos diversos exames pelos quais passou. No Postulado, estudou as matérias oficiais e, ao mesmo tempo, algumas disciplinas de preparação para a vida religiosa à qual se destinava.

Conta-se que, por ter sido acostumado ao trabalho, desde pequeno, era dos que se entendiam bem com qualquer ferramenta própria da agricultura familiar: enxada, picareta, ancinho, foice, machado etc.¹ Em Mendes, naquela fazendona, não faltava espaço para desenvolver a criatividade, aprendendo a enxertar, a tratar dos caquizeiros

¹ Nas famílias dos colonos, toda criança fazia questão de acompanhar os pais no trabalho agrícola, com uma enxadinha do tamanho dela. Nessas famílias, os pais assumiam as tarefas mais penosas e as crianças, na medida de suas forças e idade, faziam as pequenas tarefas: alimentar as galinhas, os porcos, as vacas e outros animais domésticos. Estes pequenos serviços não impediam que as crianças tivessem muito tempo para brincar, com o que a propriedade fornecia: muitas árvores para pendurar balanços, declives no terreno, para permitir aos pequenos de descerem embarcados numa folha seca de coqueiro ou num carrinho de madeira. A bola também tinha seu espaço. A pesca era diversão de todos, pois os regatos eram abundantes.

ros e outras árvores frutíferas: damasco, lichia, mamão, caqui, em quantidade².

Ressalte-se de passagem que o grande mérito desta quantidade de frutas se devia, em grande parte, ao Ir. Marcos Severino, que foi mestre de noviços por mais de 30 anos, e era entendido na enxertia de fruteiras. Com ele, o noviço aprendeu sobretudo o amor ao trabalho, à limpeza, à ordem e o carinho no trato da natureza.

Terminado o Noviciado, com a emissão dos votos temporários, deslocou-se, com seus companheiros, para Curitiba, onde fez o Ensino Médio, no Colégio Marcelino Champagnat, no bairro Mercês, hoje Champagnat.

A criatividade do Dionísio, que então usava o nome de Ir. André Carlos, recebido na tomada de hábito, no final do Postulado, tomou novo impulso.

Eu entrei no primeiro ano do que chamávamos Escolasticado, em termos de formação do Irmão Marista, quando ele iniciava o terceiro e último ano desta etapa. Assim, depois de tê-lo conhecido em 1943, tomei novo contato com ele, nas casas de formação, em 1967.

Notei então, os progressos realizados por ele, em termos de iniciativas e, haja criatividade! Não sei o que produziu nos dois primeiros anos, mas sei que deu grande colaboração na preparação da exposição que foi organizada em 1947, sob a orientação do Ir. Constante Slivinski (Ir. Delfim Elias), para celebrar o cinquentenário da então Província do Brasil Central.

Do que presenciei no meu primeiro ano, estando ele no terceiro, é digno de consideração: havia, debaixo da escada que dava acesso ao primeiro andar do prédio, um quartinho que tínhamos apelidado de “a cafua do Ir. André”. Era um quartinho apertado, no qual a atividade era grande como grande era também o número de interessados em trabalhar ali, por ele ajudados.



Formatura em Química

² Havia um grupo encarregado da colheita dos caquis. Num determinado ano, o chefe do grupo resolveu anotar a quantidade de caquis que eram colhidos cada dia e no fim do ano contabilizou 62.000 frutas. A casa era então habitada por perto de trezentas pessoas e as frutas provinham todas da fazenda.

Na dita cafua se fazia de tudo, com restos de madeira compensada que nos chegavam, trazidos das serrarias que forneciam a serragem utilizada nas camas dos galinheiros³. Estes restos de compensados de diversos tamanhos eram transformados em pequenos altares decorados, violinos, violões, violoncelos, rabecões, cítaras, tambores, tamborins e outros.

Houve uma festa de fim de ano em que um grupo de uns mais de trinta instrumentos musicais de fabricação caseira, acompanhados por uns seis harmônios da fábrica Bohn, formaram uma orquestra de impressionar.

Orientador de toda esta indústria caseira, o Ir. André, dava um jeito em tudo: procurava o material necessário, orientava os menos hábeis, tudo isso com muita paciência e bonomia. Esta criatividade do Irmão produziu frutos no decorrer de toda a vida.

O Ir. Dionísio fez votos perpétuos em Mendes, no dia 20 de dezembro de 1949.

FORMAÇÃO PERMANENTE

No arquivo estão guardados os certificados dos cursos que o Ir. Dionísio fez como parte da sua formação permanente.

- 1947 Registro de professor primário, resultante dos estudos que fez no Escolasticado (1944 a 1947)
- 1952 Psicologia Geral – Universidade do Paraná
- 1954 Licenciatura em Química – Universidade do Paraná (pergaminho)
- 1958 Letargia – Federação dos Antigos Alunos Maristas, Rio de Janeiro
- 1962 Noções de Astronáutica, Universidade Volante, Londrina, PR
- 1963 Física Experimental, Museu de Ciência (Curitiba), curso de férias
- 1968 Técnico Industrial de Eletrônica (1.310 horas), Escola Salesiana São José, Campinas, SP
- 1974 Problemas Pedagógicos Religiosos, Pontifício Universidade Católica de Campinas, curso de extensão

³ Entenda-se: a camada de serragem que se colocava em todo o chão do galinheiro para que se misturasse com os dejetos das galinhas que eram depois transformados em adubo.

1975 Ciclo de estudos sobre Segurança Nacional e Desenvolvimento, Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro

1976 Curso de Atualização em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

VIDA MARISTA E TRABALHO APOSTÓLICO

Terminado o Ensino Médio, o Ir. Dionísio iniciou a vida de professor, em Jaraguá do Sul (1948 e 1949). Era o início do sonho de sua vida: estar entre as crianças e jovens, para realizar a missão para a qual Champagnat o tinha chamado: a educação cristã e humana.

Em Jaraguá, no colégio cuja construção estava em andamento, mostrou sua criatividade, montando, com a ajuda do Ir. Luiz Severino, uma exposição. Nesta, fazia bela figura uma maquete da cidade de Jaraguá, na qual funcionava até um trenzinho representando a linha férrea que passa pela cidade e o espaço reservado ao aeroporto, só construído nos primeiros anos de nosso século e hoje inexistente. Dois anos passou nesta cidade, educando a criança que gostava dele, um pouco mais alto que os alunos.



1950 a 1952

Passou a lecionar no Juvenato Marcelino Champagnat, em Curitiba. Na primeira formação de futuros maristas. Com os jovens candidatos à vocação Marista, também deu asas à criatividade, deixando a sala de aula mais confortável e agradável.

1953 a 1954

Lecionou no Colégio Dom Silvério, de Belo Horizonte. Deu-se bem com os mineirinhos.



Cambuci 1959

1ª fila – Celso Melo, Expedito Leão, Guilherme

2ª fila – Dionísio Caresia, Anibal Stiochet, Basílio Daniolo, Justino

3ª fila – Davide, Sabino, G. Gabriel, Luiz Trentini, C. Wielganczuck

1955 a 1956

Foi para o Colégio Nossa Senhora da Glória, em São Paulo, no bairro do Cambuci.

1957

Foi para a casa de formação de Mendes, RJ. Ali matou as saudades dos tempos de Noviciado.

1958 a 1961

Voltou ao Cambuci. Onde era o encarregado dos instrumentos de som que dominava perfeitamente.

1961 a 1964

Atuou no Marista de Londrina, como professor. Encontrando-se ali com seus dois manos, a “trindade Caresia” que assim se formou, deu largas à criatividade aproveitando também da presença dos juvenistas que adoravam trabalhar com esses Irmãos. Juntos, Irmãos e juvenistas, fizeram uma porção de lindos trabalhos com entalhes de madeira. Tinham à disposição toda uma parafernália de máquinas compradas e algumas montadas pelos Irmãos. Os lindos trabalhos assim realizados adornavam os diversos locais da casa. Por ocasião das visitas dos pais, os juvenistas mostravam, com orgulho, o trabalho por eles realizado.

Ali completou 40 anos de idade, o que lhe dava direito a um curso de reciclagem que fez em Saint-Paul-Trois-Châteaux, na França, país que sonhava conhecer.

1965

Nesta ocasião fez o 2º Noviciado de seis meses, no primeiro semestre de 1965. Voltou com muitas ideias novas para seu hobby.

1965 a 1969

De volta ao Brasil, de julho de 1965 a 1969 foi professor em Cascavel, PR – Colégio Marista.



O Ir. Afonso Heck recordou-me que, em 1968, o Ir. Dionísio, o Ir. Aloísio Müller e ele, fizeram um ano de estudos de eletrônica, em Campinas, aproveitando de um dispositivo do Ministério da Educação que incentivava cursos técnicos. O professor do curso era um padre Jesuíta que lecionava em salas alugadas nos Salesianos de Campinas. Diz ele que no final do curso, o Ir. Dionísio foi classificado como o melhor aluno do grupo e como recompensa, recebeu de presente, um gravador.

No ano seguinte, 1969, foi destinado a Cascavel. Na época, os Irmãos possuíam uma chácara, às margens do Rio Paraná, chácara que, como tantas outras, desapareceu com a criação da barragem de Itaipu. Nem pensar que ele não tenha inventado uma porção de truques para apanhar os grandes peixes que habitavam esse rio.

Terminado brilhantemente o curso, voltou a Cascavel. Apaixonou-se pela população da cidade, tornando-se Diretor do Colégio, no período de 1970 a 1975. Os alunos e professores se tornaram o centro de suas atenções.

Nesta época o Detran de Curitiba, em parceria com a PUCPR, estava montando um centro de exames para os candidatos a motorista e para a renovação das carteiras dos que já iam pelas estradas. Alguns dos instrumentos usados para os primeiros exames foram fabricados em Cascavel, pelos Irmãos do Colégio, orientados pelo Ir. Dionísio.

A partir de 1968, estavam sendo encerradas algumas obras maristas e o colégio de Cascavel funcionava num prédio de madeira, em condições tão precárias que, em dias de chuva, obrigava os alunos a se defenderem das goteiras, usando na sala o guarda-chuva. Por este motivo, o colégio estava na lista dos possíveis encerramentos.

Era urgente nova construção. O problema é que o terreno em que funcionava o colégio era grilado e não havia segurança em nele levantar nova estrutura. Por outra parte, era urgente fechar algumas obras e melhor repartir o contingente de Irmãos.

O Conselho Provincial de então, capitaneado pelo Provincial, em exercício, avisou a comunidade que a obra seria encerrada, por esse motivo.

A reação do Ir. Dionísio, Diretor da escola foi: “Este colégio não será fechado! Vamos fazer de tudo para que não seja fechado”. Os demais Irmãos da comunidade quase em coro, apoiaram a ideia do chefe. Foi-lhes então dito: “O terreno em que vocês estão é terreno grilado e não temos nenhuma segurança de dispormos dele no futuro”. Digamos, entre parêntesis, que Cascavel, naquele tempo, era terra de grilagem e corriam processos para resolver muitas situações nas quais os ocupantes tiveram que entregar as terras adquiridas de falsos proprietários.

Foram então feitas diversas considerações e entre outras coisas, os Irmãos disseram que iriam conversar com o prefeito, que conheciam muito bem e lhe pediriam para regularizar a situação do terreno.

Passaram-se uns dias e o Ir. Dionísio com ares de triunfo, transmitiu ao centro, a notícia de que a situação estava sanada e que ele estava com a escritura do terreno, em mãos.

Alguns dias depois, sobre a Rua Paraná, deu-se início à construção do novo prédio que, uma vez terminado, recebeu os alunos que antes se abrigavam em salas de madeira. Mas a coisa rara era que, depois da mudança de ambiente, os alunos diziam terem saudades do velho colégio em que precisavam se proteger das goteiras.

E assim, o Ir. Dionísio e a comunidade puderam agradecer a Deus, a continuidade do colégio que, aos poucos, contou com novas construções, até chegar à situação atual: um grande colégio com todas as comodidades e espaços disponíveis para as diversas atividades.

O Irmão permaneceu ali até 1976, quando foi solicitado pelo Colégio Arquidiocesano, onde teve a seu encargo, a conservação dos inúmeros aparelhos destinados ao ensino. Haja trabalho! Mais de 4.000 alunos estudavam então ali.

Tornou-se tão famoso pela habilidade em consertos de aparelhos que o professor Luiz Hermínio Marcarini, mestre de Física, afirmava a todos os que o queriam ouvir, que: “aparelho que o Ir. Dionísio não consegue consertar pode ser descartado porque ninguém mais dá jeito nele”.

Em 1976 até 1978, voltou a São Paulo, para o Colégio Arquidiocesano de São Paulo como professor.

Voltou a Cascavel e ali ficou de 1979 a 1985, na função de Diretor, cargo que já tinha exercido nessa cidade. Foi recebido com muita alegria por Irmãos, funcionários, professores, alunos e famílias, tal era a fama que conquistara, no primeiro período, como Diretor desse estabelecimento.

Nos anos 1986 esteve em São Paulo, SP, na Residência Provincial, como administrador da Casa Provincial, em São Paulo.

No ano seguinte, Curitiba o solicitou para a função de assessor de comunicação, na PUCPR e ficou até 1989 Curitiba, PR – Colégio Marista Santa Maria, assessor de comunicação.

Em 1989 foi para Roma, Itália, para o Curso de 3ª Idade. Depois, ficou lá para prestar serviços na Casa Generalícia, em várias funções.

Em 1989, foi-lhe proporcionado novo curso de formação permanente de cunho religioso, o Curso da Terceira Idade que fez em Roma, sendo ali requisitado, no fim dessa renovação, pelo então Superior Geral, Ir. Basílio Rueda Guzmán, para diversos serviços, sobretudo para se encarregar da impressão dos muitos documentos da Administração Geral e de encadernações que lhe eram solicitadas pelos habitantes da casa: Irmãos e estudantes do Colégio Internacional.

Seu local de trabalho se situava num dos muitos porões da Casa Geral que ficou sendo conhecido como “Catacumba de São Dionísio”. Ali se reuniam depois do jantar, os brasileiros da casa, para um momento de Brasil, conversando e trocando ideias e aproveitando alguma bebida que era fabricada por um Irmão gaúcho, muito hábil, no assunto. Aproveitando velharias abandonadas cá e lá, montou um alambi-que... que funcionava, sim senhores!

O Ir. Dionísio com toda a habilidade que tinha, montou muito bem sua sala com todos os instrumentos necessários. Aproveitou de algumas velharias descartadas, para dispor de uma geladeira, de um ventilador potente e de outros apetrechos: televisão, aparelho de som...

Quando ali chegou, os trabalhos de impressão eram feitos através de estêncil. Devido ao volume de trabalho que se tornava sempre maior, foi-lhe destinada uma impressora rotativa novinha em folha, cujo domínio logo conquistou, produzindo excelentes trabalhos de impressão de livros, revistas, libelos, circulares, etc.

Dizer o número de impressos de toda espécie e encadernações não seria trabalho fácil. Muito devem a ele, neste particular, os estudantes do Colégio Internacional que lhe pediam encadernasse as teses que deviam apresentar no final do curso.

Além desse trabalho, qualquer serviço que fosse necessário na parte elétrica da casa e nos instrumentos eletrônicos, lá estava o Ir. Dionísio sempre disposto.

Durante os Capítulos Gerais em que esteve presente, cuidava de toda a parte eletrônica e estava sempre a postos, para sanar os defeitos que se apresentassem. Isto, do ponto de vista econômico representava a substituição de técnicos italianos cuja hora de serviço custava uma soma nada desprezível.

Note-se que além desses serviços, o Ir. Dionísio era também fotógrafo, desde seu tempo de estudante e quantas fotografias clicou, só Deus sabe. Em Roma, era um entre os fotógrafos preferidos. Logo dominava qualquer máquina fotográfica que lhe apresentassem.

E quantas vezes, foi ao aeroporto de Fiumicino para servir os Irmãos que iam e vinham dos mais diversos setores do Instituto! Mas o que marcou os habitantes, frequentadores e visitantes da Casa Generalícia, nos oito anos que nela trabalhou, foram: a seriedade da vida religiosa, a piedade, o amor fraterno, a delicadeza, a disponibilidade do Ir. Dionísio.



Na Casa Generalícia ficaram famosas “le Catacombe di San Dionisio”, local onde ele exercitava sua criatividade em termo de trabalhos e de pequenas festas para os brasileiros que lá estudavam ou trabalhavam.

Terminado o estágio romano, veio para São Paulo, no início de 1997 e na Casa Provincial, foi durante quatro anos, Secretário da ABEC. De 1997 a 2001, esteve na função de Secretário na ABEC.

De 2002 a junho de 2004 esteve em Santo Antônio da Alegria, SP, na Comunidade da Fazenda Águas da Prata, como superior e administrador. Teve problemas de saúde que já o preocupavam. No mês de julho de 2004, veio se tratar na Residência São José, na cidade de São José dos Pinhais, onde veio a falecer no dia 18 de novembro de 2004, aos 70 anos, depois de longa permanência no Hospital Cajuru.

Com a presença de muitos Irmãos, foi sepultado no Cemitério Água Verde, no jazigo dos Irmãos Maristas, acompanhado pelas preces de seus confrades que como última homenagem entoaram o *Salve Regina*.

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

O Ir. Dionísio era um homem ativo, mas calmo, centrado, bom motorista, criativo, trabalhador prático. Dava-se muito bem com todas as atividades manuais.

Pelas correspondências guardadas podemos concluir que era uma Irmão muito benquisto na Província.

DEPOIMENTOS DE COIRMÃOS

“

Conheci um pouco o Ir. Dionísio, por ocasião do Capítulo Geral de 1993, em Roma. Ele fora encarregado de consertar a aparelhagem de tradução simultânea, em uso para os Capítulos Gerais, Assembleias e Encontros de Provinciais, em Roma. Ele era muito competente em eletrônica. Por mais de um mês repassou um por um os auriculares para mais de cem Irmãos. Tinha sua oficina num porão da Casa geral, por sinal, bem guarneçada de instrumentos e aparelhos. Durante o Capítulo, convidou os Irmãos brasileiros para uma convivência e para conhecer seu laboratório. Era um espaço bem aprazível e não deixou de brindar com os Irmãos um aperitivo do conhecido “Alpestre” que os Irmãos fabricavam, em Carmagnola, norte da Itália.

Além de sua competência, descobri-o muito atencioso e discreto. Era uma pessoa serviçal e disposta para o que fosse necessário. Durante os trabalhos capitulares dava assessoria, nos grupos linguísticos e nas sessões plenárias. Pequenos problemas de contato, bateria, mau uso dos instrumentos eram normais e os resolvia com prontidão e criatividade. Certamente não eram os aparelhos de hoje, bem mais aperfeiçoados; mesmo assim, possibilitaram a compreensão e os trabalhos capitulares.

Bom motorista, atendia também recados na cidade, a serviço do Conselho Geral ou dos Irmãos capitulares. Era um desses Irmãos intuitivos e práticos de grande valia na Casa geral que sabemos ser complexa e, mais ainda, durante as diversas sessões de trabalho. Tive a impressão de que era muito estimado e fazia por merecer essa estima. Não pude conviver, em comunidade com ele porque, na época, as duas Províncias de S. Catarina e S. Paulo ainda não estavam unificadas; isso ocorreu apenas em 2002. No entanto, sinto-me feliz em tê-lo conhecido porque me edificou pelo modo de ser e de atuar.



Ir. Aloísio Kuhn

”

“

Convivi com o Ir. Dionísio Caresia na Casa Provincial, em São Paulo, do final de 1997 a 2001, enquanto eu fazia a função de Secretário do SIMAR.

O Ir. Dionísio tinha seus compromissos profissionais na administração da ABEC. Na comunidade, fazíamos juntos as orações diárias e a missa, às quais ele era bem fiel. Gostava muito da fazenda Águas da Prata, em Santo Antônio da Alegria e ia para lá, com uma caminhonete, todos os sábados de manhã. Voltava no domingo de tarde trazendo frutas, café em pó e frangos já abatidos, para o consumo da comunidade.

Algumas vezes fui com ele e ajudei-o a colher frutas. Plantamos algumas mudas de bananeiras, trazidas de Jaraguá do Sul, e figueiras, recolhidas nos muros próximos à casa Provincial. Certa vez, junto com o Ir. Afonso Hech, recomeçamos as instalações do apiário, pois o que havia anteriormente fora negociado com um vizinho.

A comunidade dos Irmãos da Fazenda Águas da Prata era muito acolhedora com o Ir. Dionísio e com todos os que o acompanhavam.

O Ir. Dionísio era uma pessoa calma, amante de trabalho manual e técnico. Num galpão da fazenda tinha instalado seu cantinho, onde consertava aparelhos eletrônicos. Era muito bom companheiro, sobretudo quando se tratava de trabalhar juntos. Era uma pessoa que amava o trabalho.

Causou-me um pouco de espanto quando lhe apareceram problemas de saúde: ele não conseguia alimentar-se porque o estômago rejeitava tudo o que comia. Desistiu logo de lutar pela vida.

”



Ir. Roque Brugnara



Lino Conte

Ir. Sabino

1915 – 2005

FAMÍLIA

Na documentação guardada no arquivo, há poucos documentos pessoais e poucas fotografias, nenhuma de sua infância ou tempo de formação. Foram encontradas duas biografias, progressivamente citadas ao longo do texto que segue, ambas sem data. A primeira, elaborada pelo próprio Ir. Lino, escrita à máquina, pelas referências que faz, parece ter sido escrita entre os anos 1980 e 1995, em Cascavel; a outra, já em computador, sem autor e sem data, parece ter sido escrita por outra pessoa, como saudação, na comemoração dos seus 80 anos.

Ir. Sabino (Lino Conte) nasceu em Guaricanas (Ascurra), em 3 de abril de 1915, município de Indaial, interior de Santa Catarina, filho de Girolamo Conte e de Lúcia Feltrin Conte, naturais da Itália.

Na época, Guaricanas era uma linha ou tifa, próxima a Rodeio e Ascurra. Hoje só existe Guaricanas 2, em Ascurra.

“A mãe, mais do que o pai, proporcionou-lhe educação verdadeiramente cristã. No dizer do próprio Ir. Lino, era uma santa.”

Não temos informações sobre seus pais, quando vieram ao Brasil, de que cidade são originários nem notícias dos seus antepassados.

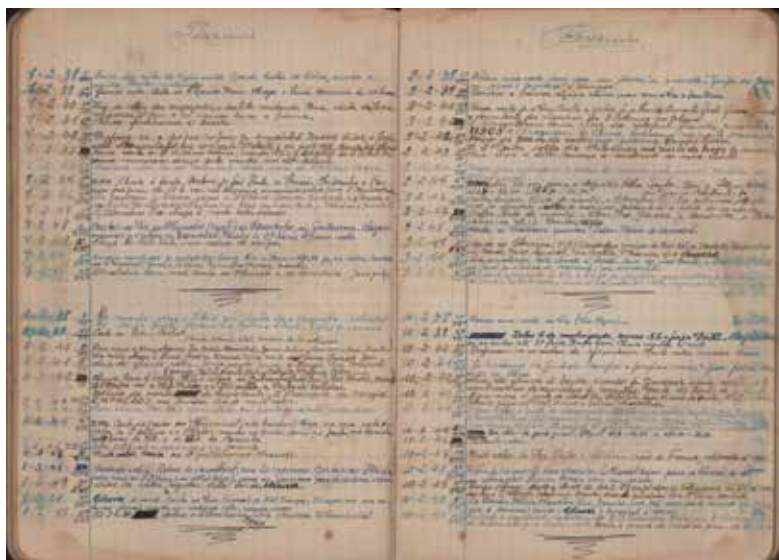
Num dos seus diários, há uma lista dos nomes, com data de nascimento e morte dos seus familiares, e idade da morte, quando era o caso. Ele é o último da família. Na parte superior dessa folha está escrito:

N.B.: Antonio e Maria Lanznaster teria sido o primeiro casal a instalar-se em Guaricanas, em 1876. Avós paternos: Bortolo e Maria Conte. Maternos: Agostino e Natalina Feltrin.

Seguem os nomes dos membros da família, como ele diz: 8 homens e 5 mulheres. Na autobiografia diz que, apenas a primeira casou. As outras entraram na vida religiosa.

Papai (Girolamo Conte)	28/09/1869	29/03/1947
Mamãe (Lúcia Feltrin)	28/01/1871	23/04/1952
Olivia	24/06/1889	31/06/1957
Eugênio	09/01/1889	12/09/1961
Guilherme	28/12/1892	18/01/1961
Ir. Aquilina	04/06/1895	19/04/1945
Agostinho	04/06/1897	15/04/1980
Maria	03/05/1899	31/05/1916
José	04/06/1901	28/10/1959
Ir. Celsa	01/07/1903	08/06/1995
Joaquim	09/09/1905	28/01/1971
Serafino	07/07/1908	14/10/1978
Francisca	02/10/1910	08/06/1954
Irmã Delfina	29/11/1912	
Ir. Sabino (Lino)	31/04/1915	

Na autobiografia faz referência ao pai como sendo fiel à reza do terço, em família, mas não ligava muito para as missas dominicais. Recebeu todos os sacramentos antes de morrer.



Diário – 1º caderno

A mãe manuseava diariamente a “Filoteia” (de S. Francisco de Sales) em italiano.

A família tinha boas condições, pois possuía uma área destinada ao arroz, e outras para outras plantações, além de cavalos, gado, moinho de arroz e de açúcar, carroça e um trole (carro de molas). O primeiro automóvel na região foi uma “baratinha” de dois lugares.

No terreno do pai estava a capela, que funcionava também como escola. Como professores, tínhamos as Irmãs Catequistas de Rodeio, fundadas pelo Frei Policarpo, franciscano alemão que possuía uma voz de trovão. As aulas eram dadas em Português, mas as comunicações eram em italiano e as missas em latim.

Entre os recursos usados pelas Irmãs, destacava-se a vara de marmelo.

Não longe da escola minha tia possuía tangerineiras tentadoras. De vez em quando, a turminha, enveredando cautelosamente pela plantação, conseguia galgar as árvores. O berro da tia não demorava, e nosso regresso era então precipitado, pela estrada.

“Família de boas condições econômicas. Lino desenvolveu suas atividades na alegria de um campesino feliz.”

Uma ficha de cadastro da antiga Província de São Paulo, mostra como residência dos seus pais, o município de Ascurra.

Uma lista com telefones de parentes revela que os sobrinhos estão espalhados por várias cidades de Santa Catarina e outros Estados: Nova Trento, Garuva, José Boiteux, Vitor Meireles, Pouso Redondo, Penha, Indaial, Ascurra, Cascavel, PR e Franca, SP.

VOCAÇÃO

Apesar da paróquia ser dirigida pelos Salesianos, eu era gamado pelos franciscanos de Rodeio, e sonhava fazer-me “frade”.

Lá por 1925, apareceu o Ir. Exuperância que cantou bonito e... me tapeou.

Em 26 de fevereiro de 1926, com 11 colegas, ingressei no Juvenato das Mercês.

Tanto me afeiçoei à nova vida que até certo ponto fui me esquecendo dos parentes.

Com minha primeira visita à família, em 1937, reviveu, e fortemente a afeição pelos pais e familiares. Não pude ocultar as lágrimas na despedida.

Além da certidão de nascimento, foi guardada a certidão de Batismo, realizado em 25 de abril de 1915, sendo pároco o Fr. Bruno Linden, OFM, na Paróquia São Francisco, de Rodeio.

FORMAÇÃO

Entrou no Juvenato Marcelino Champagnat, em Curitiba, PR, em 26 de dezembro de 1926, tendo 11 anos. Fez o postulado em Mendes, RJ, em 1930 (entrou em 26/12/1929). Fez o Noviciado em 1931. Sua primeira profissão religiosa foi em 23 de dezembro de 1931. Ainda em Mendes, RJ, fez o Escolasticado, durante o ano 1932. e a profissão perpétua em 15 de janeiro de 1937 em Mendes, RJ. Fez seu voto de estabilidade em São Paulo, SP em 21 de dezembro de 1961.



Em fins de 1929, acompanhei os da turma a Mendes.

Os candidatos de Mendes se impressionavam com nossas características de sulistas: gente mais clara, em geral mais reforçada, e de linguajar um tanto peculiar. Até de gracejos fomos alvo. Mas com o passar dos dias, a harmonia se estabeleceu.

Não consta que tenha feito algum curso de atualização. Encontramos apenas seu diploma de Normalista, expedido pela Escola Normal Secundária de Mendes no dia 20 de março de 1936, assinado pelos Irmãos Isidoro Dumont e Benigno. O curso foi nos anos 1930, 1931 e 1932.

Esse diploma lhe deu o direito de ensinar: História Geral, História do Brasil, Português, Geografia Geral, Geografia do Brasil e Desenho, como constam nos seus registros. Disso concluímos que o Ir. Sabino (Lino Conte) foi mais autodidata do que estudante de outras instituições.

Em seus documentos pessoais consta também um testamento, redigido em 2 de março de 1958, firmado por Domiciano Cosio Miguel, Adriano Cuthma, Joaquim Panini, Bernardino Pedrotti e Marcos Moreno Lopez. Esse documento segue os padrões de outros da mesma época.

VIDA MARISTA E TRABALHO APOSTÓLICO

Exerceu sua ação apostólica como professor praticamente a vida toda em diversos Colégios. Era um religioso muito fiel na vida comunitária e de oração. Ele foi promotor vocacional durante os anos de 1953 a 1960 em que percorreu, com seu jipe, o interior do Paraná e de Santa Catarina. Foi com esse jipe que teve grave acidente que deixou marcas sérias dos ferimentos em vários Irmãos, inclusive o Ir. Sabino (Lino Conte). O Ir. Delfim esteve presente e se feriu gravemente e o Irmão

Ecônomo da Província, Ernesto Panini, guardou marcas definitivas no nariz até o fim da vida. Esse Irmão depois deixou a Congregação.

Fora do país, Ir. Sabino (Lino Conte) fez o 2º Noviciado em Grugliasco, na Itália durante 6 meses de fins de agosto de 1952 a janeiro 1953. Trabalhou muito na área musical compondo, até mesmo belas músicas para o seu coral e que tiveram também boa repercussão na Província. Gostava de passar seu tempo no piano onde lhe vinha a inspiração para compor suas músicas. Foi responsável pelo coral Marista em Cascavel, e também pelo coral paroquial Santa Rita de Cássia, na cidade de Franca.

02/01/1933 a 31/12/1933

Internato São José, RJ, professor

Coube-me como primeiro “poste” a Tijuca.

Acostumado ao ambiente familiar e alegre do escolasticado, vi-me isolado numa comunidade em que cada qual se preocupava com as próprias atribuições. Cheguei a pedir ao Irmão Provincial o regresso a Mendes, no que não fui atendido.

Os únicos colegas que se dispunham uma ou outra vez a me levar a um passeio eram o Ir. Paulo Basileu e o Ir. Francisco Maria.

Dos demais era como se me dissessem: “Débrouillez-vous!” Afinal, apesar da minha estatura, eu não passava de um blambec, em condição de incorrer na ameaça: “Le Frère Provincial en saura”.

O boníssimo Ir. Wilbert confiou-me o 1º primário, com 17 alunos (17 pirralhos cariocas que me fizeram sofrer).

25/01/1934 a 31/12/1936

Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, professor

A experiência, porém, valeu. No ano imediato, passei ao Velho

Arquidiocesano, onde consegui impor-me a uma turma de 33 alunos.

Na transferência para a Vila Mariana, fui o primeiro habitante a ocupar o novo Arqui, pois tive a incumbência de preparar a missa da inauguração.

A missa de inauguração, em 25 de janeiro de 1935, foi presidida pelo arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva.

“Et ainsi de suite! Franca, Uberaba, Ribeirão, Externato do Rio, Carmo, Juvenato de Curitiba (recrutamento), Glória, Cascavel, onde estou desde 1976”.

02/01/1937 a 31/12/1939

Colégio Champagnat, de Franca, professor

02/01/1940 a 31/12/1944

Colégio Diocesano (Uberaba), fundado em 1902, professor

“Aí soube exercitar a paciência do pacato Ir. Vital a quem pregava peças, como o escurecimento dos óculos, enquanto, no estudo religioso, o Vitalino dormia a sono solto. Que susto ao acordar... Estou cego!”

02/01/1945 a 31/12/1948

Colégio Nossa Senhora Aparecida, de Ribeirão Preto, fundado em 1938, professor

02/01/1949 a 15/08/1952

Externato São José, RJ, professor

16/08/1952 a 31/01/1953

2º Noviciado, na antiga Casa Generalícia, em Grugliasco (Itália). Ali funcionava também o Juvenato São Francisco Xavier, destinado a formar Irmãos Missionários para diversos países, além da Europa.

02/02/1953 a 15/08/1960

De volta ao Brasil, foi para o Juvenato Marcelino Champagnat, no Bigorriho, Curitiba), como promotor Vocacional. Com a divisão da Província do Brasil Central, em 1958, a Província de São Paulo, procurava aumentar o efetivo e abriu a comunidade de Ponta Grossa, junto ao Colégio Pio XII. Os Irmãos Ernesto Panini e Delfin Elias (Constante Slivinski) junto com o Ir. Sabino (Lino Conte), na altura de Campo Largo, andando com um Jeep, bateram de frente com um ônibus. Os três acidentados foram levados para a Santa Casa de Misericórdia, em Curitiba. “Lá, os três acidentados, na mesma enfermaria: o Ir. Delfin Elias (Constante Slivinski), parecendo um marciano, com a cara toda quebrada e amarrada, mas impassível, sem soltar uma queixa sequer. Ernesto Panini, lamentando a perna quebrada e o nariz cortado, dizendo jaculatórias não indulgenciadas. O Ir. Sabino (Lino Conte), soltando piadas, para desespero dos dois outros.”

02/01/1961 a 31/12/1961

Colégio Nossa Senhora do Carmo, professor

02/01/1962 a 31/12/1962

Colégio Nossa Senhora da Glória, professor

02/01/1963 a 31/12/1967

Colégio Champagnat, de Franca, professor. Nessa época fundou o Coral Santa Rita.

02/01/1968 a 31/12/1969

Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, professor

02/01/1970 a 31/12/1971

Colégio Champagnat de Franca, professor

02/01/1972 a 31/12/1975

Colégio Marista N. S. da Glória, professor. Dava aulas, mas também fundou um coral. Uma carta ao Provincial, redigida em Belo Horizonte, em 13 de setembro de 1974, mostra que estava trabalhando, junto com os Irmãos Justino e Chopard, na preparação das lâminas de projeção do resultado das “encuestas” feitas pelo Superior Geral Basílio Rueda para o retiro dos Irmãos.

02/01/1976 a 20/02/2000

Voltou para o Colégio Marista, de Cascavel onde exerceu diversas atividades e organizou o coral Stella Maris. Sobre sua estada no Colégio, assim escreve o Ir. Estêvão Muller:

Em Cascavel, nos seus tempos livres, se entretinha com suas obras de arte. Para isso tinha sua oficina que ficava no fundo da biblioteca do Colégio de Cascavel. Seus trabalhos eram miniaturas de cálices de vários tamanhos feitos em madeiras de lei, de que sempre dispunha em sua oficina. Com isso fez muitos amigos dentro e fora do colégio que se beneficiam de suas obras.



No hospital, depois do acidente.



Preparando as lâminas com o resultado das “encuestas”.

Multiplicou às centenas esses trabalhos e, graças aos cuidados de quem aqui escreve, conseguimos uma coleção dessas miniaturas que se encontram expostas na casa dos Irmãos idosos em São José dos Pinhais.

Mas com a surdez teve de abandonar o coral.

Dedicou-se então à

confeção de bibelôs de madeira para todos os gostos. Foi seu “hobby” e divertimento.



1978 – CAMAR I

22/02/2000 a 10/03/2005

Residência São José (São José dos Pinhais), repouso. Ir. Sabino (Lino Conte), como era chamado, faleceu em 10 de março de 2005, após alguns anos tratando-se nessa mesma residência. Ele atingiu a idade de 90 anos, sendo 70 de vida religiosa consagrada. Foi sepultado no Jazigo Marista do Cemitério Água Verde.

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

Em uma das biografias encontradas, se diz:

“A velha estirpe não tolera muito os ares de novidade que aparecem”. De estrita observância, cumpre seu dever com alegria e fidelidade a toda a prova.

Nos estudos, nunca procurei me exceder. Disponho de magros registros de 1º e 2º graus. Neste último, nunca cheguei a lecionar.

Gosto de esportes, embora com poucas condições de praticá-los. Cheguei a jogar satisfatoriamente bolinha de gude.

Cacei bastante nos bons tempos de Uberaba e Franca, quando os Irmãos tinham liberdade para percorrer fazendas, matas e cerrados.

Pesca? É o que mais me toma o tempo nas visitas aos familiares, apesar de que os peixes se encontrarem um tanto em recesso. A sensação de um barranco de traíra vale mais do que seu sabor.

De que tipo de música gosto? As centenas de composições que fiz, os orfeões e corais que fundei e dirigi, ou ainda dirijo, respondem por mim.

Centro de interesse? Auxiliar a comunidade em que me encontro, com as forças e conhecimentos que possuo. Curso de leitura expressiva, trabalhos manuais, direção de coral, cantos de Igreja, manutenção do Colégio.

Colecionador?

Sou, pois tenho, manuscritos, quase 20.000 pensamentos sobre variedade de assuntos, mas particularmente sobre religião. A coleção completa, com mais uma pilha de encadernados, com assuntos de religião, foi doada ao Ir. Ruperto, para a biblioteca da então Faculdade de Ciências e Letras. Ignoro hoje onde foram parar todos esses escritos.

No meu livro “Cintilações” os Irmãos encontrarão 1.500 pensamentos selecionados.

Em matéria de humorismo, disponho de farto material, transcrito ou registrado na cuca.



Coleção de cartum publicados em jornais.

“Publicou um livro: *Cintilações* com 1.500 pensamentos colecionados e selecionados.

Ir. Sabino (Lino Conte) era uma pessoa divertida, com humor bastante crítico e que tinha um repertório invejável de piadas e escritos divertidos e originais em

revistas de sua autoria, com desenhos bem apropriados, de humor crítico do jeito e modo de ser e comportar-se de algumas pessoas, reconhecíveis, para olhos atentos, mas sem, no entanto, citar nomes. Era um bom desenhista, humorista. Seus desenhos eram feitos à mão, contendo piadas enviadas a alguns Irmãos da província algumas ainda estão conservadas, acredito, na Casa Provincial.

No arquivo foi guardada uma pasta organizada, com recortes de jornais, de desenhos humorísticos.

Nas cartas, não deixava de fazer alguma referência ao “Palmeiras”, clube de futebol do qual parece ter sido um torcedor.

CORRESPONDÊNCIA

Além das cartas recebidas do Ir. Exuperância, foram preservadas cartas suas ao Provincial e uma ao Ir. Dario (sem data), escrita em francês.

Pelas observações que fez às orações da casa, em Belo Horizonte, parece ter sido um Irmão piedoso, e fiel observador das normas do seu estado de vida.

Outras cartas ao Provincial são de 1975, enquanto trabalhava na elaboração dos gráficos das “encuestas”, de 1995; esta de Madrid e a de 1997, da residência da PUCPR, onde estava tratando da saúde.

DEPOIMENTOS DE COIRMÃOS

O Ir. Lino Conte terminou sua autobiografia com as seguintes frases.

Se tivesse algo a transmitir, sobretudo aos Irmãos mais jovens e formandos, seria o conselho de se afeiçoarem ao que é da Congregação, de intensificarem o espírito de família.

O que a Província possui procede de décadas de devotamento, trabalho e suores de numerosos Irmãos, que já partiram para a eternidade, e de muitos ainda vivos.

A esses vanguardeiros a Província deve um patrimônio inestimável que necessita ser preservado e honrado. A gratidão deve particularmente estar presente nos que nos vêm sucedendo.

Acrescentamos a isso os depoimentos dos confrades.

“

Sempre o conheci como exímio contador de histórias e chistes os mais variados, por longo período, alegrando os ouvintes com muito gosto. Ele conhecia seu elenco até por ordem numérica.

Sempre gostou de trabalhar com torno e produzia verdadeiras obras de arte de variados tamanhos.

Ir. Zeferino Zandonadi

”

“

Eu conheci o Ir. Lino Conte em Franca onde ele fundou o coral na paróquia de Santa Rita de Cássia. Quando o Ir. foi trocado de Colégio eu dei continuidade ao seu trabalho. Também o conheci o Ir. Sabino (Lino Conte) em Cascavel como membro da comunidade quando eu era Diretor desse Colégio. Em Cascavel ele tinha seus amigos fiéis e era fiel seguidor das regras da vida religiosa e comunitária. Esteve presente, quando da troca de residência antiga dos Irmãos para o apartamento novo que ocupam até nossos dias. Embora não desse mais aula tinha ocupação útil de seu tempo com seus trabalhos artísticos e sua presença com os alunos nos recreios.

Ir. Estevão Müller

”

“

No livro por ele escrito, por mim reorganizado, não publicado até hoje, há muitos dados que podem servir para a sua biografia. Parece que a maior parte da vida, passou-a em Franca, onde teve muita projeção, dentro e fora do colégio. Ali organizou um coral e era quem se ocupava com a fanfarra do colégio, promovendo concursos municipais, estaduais e nacionais. Era músico, não dos melhores, mas sim, dos mais ativos e realizadores. Levou esses dotes para sua missão de recrutador vocacional e para outros lugares por onde passou depois de deixar este serviço. Em Cascavel, último colégio em que*

esteve, fundou com alunos, pais de alunos e voluntários um colosso de coral que muito animou a cidade.

No tempo em que trabalhava no recrutamento vocacional, uma vez ou duas por ano, vinha ao salão de estudos onde se reuniam as três turmas de Escolásticos, uns 60, e contava toda uma ladainha de anedotas, começando sempre com as referentes aos portugueses. Não trago aqui nenhuma delas pois estão no livro por ele escrito com o título: “O lado sério da vida”, inédito como acima disse. Os escolásticos se torciam de tanto rir.

Era um artista no trabalho de tornear madeira. Famosas as coleções de miniaturas que fez nos últimos anos, junto com um funcionário da casa, Sérgio. Fez, em madeira de lei cálices muito bonitos, completados com o interior coberto por um recipiente metálico dourado onde se colocava o vinho, serviam para a celebração missa.

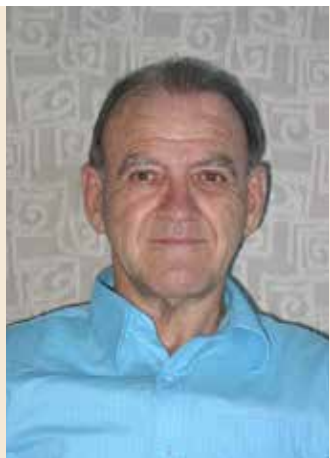
No fim da vida se emocionava muito facilmente e teve uma fase de escrúpulos que não sei se chegou a superar. Achava que todo o grande trabalho que tinha realizado, o fizera apenas dominado pelo orgulho. É difícil consolar e orientar uma pessoa de muitos anos que tem desses escrúpulos. Quando, procurava consola-lo, dizendo-lhe que era uma trapaça do demônio e que devia considerar que sempre oferecia tudo a Deus, por Maria, com boa vontade, não era orgulho e sim amor a Deus. Concordava no momento, mas no encontro seguinte, voltava ao assunto.

Era uma pena! Pessoa tão boa, passar por esta provação!

É provável que este seja do **Ir. Cláudio Girardi**

**Esse livro se encontra da pasta. Ali está a referência ao Ir. Cláudio feita pelo próprio Ir. Sabino.*

”



Rudi João Neis

Ir. Inácio Azevedo

1931 – 2006

FAMÍLIA

Ir. Aloísio Kuhn

O Ir. Rudi João Neis nasceu no município de S. Luiz Gonzaga, no RS.

Vejamos, sinteticamente, como surgiu esta cidade. Fundada como redução dos índios Guaranis, em 1687, pelo Pe. Miguel Fernandes, SJ, integrava os Sete Povos das Missões, no noroeste rio-grandense. Esses territórios sobreviveram até 1756, quando guaranis e jesuítas foram expulsos ou mortos por tropas portuguesas e espanholas, em consequência da nova divisão do território, entre as duas nações, pelo Tratado de Madri de 1750. A emancipação política chegou apenas em 1880.

Em 1940, a família mudou-se para São Paulo das Missões, distante 8 km do local em que nasceu, porque era difícil conseguir um terreno para construir uma casa em “Butiá Inferior” e, também, porque São Paulo das Missões, naquela época conhecida por Linha São Paulo, apresentava indícios de que seria um local de mais futuro, segundo um depoimento de seu irmão, José Olavo Neis.

Seus bisavôs vieram de Theley, Alemanha, em outubro de 1852, via Porto Alegre. Estabeleceram-se em Feliz e em S. Vendelino, na proximidade de Bom Princípio que, em 1900, acolheria os primeiros Irmãos Maristas do Brasil meridional.

O casal Nicolau Neis (1817–1888) e Maria Lermen (1818–1865) geraram onze descendentes: 7 filhos e 4 filhas. A bisavó faleceu com 47 anos, deixando o bisavô com 11 filhos todos menores de 24 anos; este não mais se casou. Ambos foram sepultados em Bom Princípio, RS.

O avô paterno do Ir. Rudi, João Neis (1860–1935) casou-se com Leopoldina Allgayer (1870–1952) e viveram em Vigia (S. Sebastião do Caí) e em Bom Princípio. Entre seus filhos, está Frederico Ervino Neis, pai do biografado. A esposa Leopoldina foi tia-avó de Dom Urbano Allgayer, bispo de Passo Fundo, falecido em maio de 2019. Entre os parentes Neis, houve várias vocações sacerdotais e religiosas.

O pai do Ir. Rudi, Frederico Ervino Neis (09/04/1904 – 10/07/1988) nasceu em São Sebastião do Caí, RS, e constituiu família com Ana Amélia Schneider (11/04/1908 – 19/05/1964), mãe do Ir. Rudi, nascida na localidade de São João (Cerro Azul). Casados, viveram em Butiá Inferior, então pertencente ao município de São Luiz Gonzaga, até 1940, quando se mudaram para São Paulo das Missões com os seis primeiros filhos. A certidão de óbito dele e a certidão de nascimento de Rudi dizem que sua profissão era dentista.

O casal gerou 12 filhos: 7 meninos e 5 meninas. Lúcio, o nono filho nascido (11/11/1943) faleceu com menos de três meses (05/02/1944). Elmi, a última nascida (29/09/1950), adoeceu e faleceu com treze anos e meio (03/03/1964). Os demais cresceram, estudaram e se afirmaram na vida.

Em 1990, faleceu o 11º da lista, o Danilo, em Cuiabá, MT, em consequência de um acidente ocorrido em Sinope; deixou sua esposa Lourdes e 3 filhos. Em 2014, faleceu em S. Maria, RS, o décimo da lista, Nolar Neis (28/7/1945 – 6/5/2014), deixando a esposa Eliza Hammelschlager, uma filha e um filho.



Família de Frederico Ervino Neis (após a Profissão perpétua do Ir. Rudi)



Comunidade de Butiá Inferior, num casamento (Rudi na esquerda)

FORMAÇÃO

Rudi foi batizado em 25 de abril de 1932, na capela de Butiá, pelo Pe. Luiz Müller. Foi crismado no dia 15 de abril de 1937 por Dom Hermes José Pinheiro, bispo de Uruguaiana, na capela de Butiá-Inferior, paróquia de Cerro Largo, RS.

Entrou no juvenato em Bom Princípio, RS, em 1944 e no postulado em 1949 em Veranópolis, RS, e o Noviciado em 1950. Durante os anos de 1951 e 1953 fez o escolasticado em Porto Alegre. Sua primeira profissão religiosa foi em 02 de janeiro de 1951, e a profissão perpétua em 11 de janeiro de 1956 em Curitiba, PR.

Graduação: Licenciatura em Letras Anglo-Germânicas, 29/02/1960, Santa Maria, RS, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Imaculada Conceição (FIC).



1940 – Primeira comunhão

O Ir. Rudi fez muitos outros pequenos cursos que nem chegou a registrar no cadastro da Província, vários deles na área da música.

Além disso fez os seguintes cursos:

- **1957** Curso de Formação de Ação Católica – Porto Alegre
- **1958** Psicologia da Escrita – Santa Maria
- **1958** Missão Pedagógica – Santa Maria
- **1958** Noções de Serviço Social e de Psicologia – Delegacia Municipal de Santa Maria, RS
- **1959** Canto Orfeônico – Rio de Janeiro
- **1962** Física pela Experiência – Curitiba
- **1963** Física Experimental – Curitiba
- **1967** Licenciatura em Ensino Religioso – Instituto de Catequese do Paraná.
- **1968** Música Sacra – Porto Alegre
- **1969** Dinâmica de Grupo – CELAN, Colômbia
- **1969** Encontro de Pastoral Catequética – Curitiba, PR
- **1970** VI Curso Internacinal de Música do Paraná – Curitiba
- **1972** Treinamento de Criatividade Comunitária
- **1974** Curso de Parapsicologia e Psicologia Dinâmica
- **1976** III Jornadas Educativas, Porto Alegre, PUCRS
- **1977** Curso de Difusão Universitária, Joinville
- **1978** Técnica Vocal e de Regência – Florianópolis
- **1978** Personalidade “A” e Personalidade “B” – Criciúma
- **1978** Curso de Atualização em Educação, Porto Alegre, PUCRS
- **1980** II Jornadas Educativas, Florianópolis, UCE

- 
- 1981** XVIII Congresso Nacional dos Estabelecimentos Particulares de Ensino, Curitiba
 - 1983** Curso de Atualização em Educação, Porto Alegre, PUCRS
 - 1983** XIV Semana de Canto Pastoral – Porto Alegre
 - 1984** XV Semana de Canto Pastoral – Porto Alegre
 - 1985** Teologia Espiritual, São Leopoldo, UNISINOS
 - 1987** Curso de atualização em Orientação Vocacional, PUCPR, Curitiba
 - 1988** 41º Seminário de aperfeiçoamento para professores de Inglês, Porto Alegre
 - 1989** Curso de Animação Catequética, PUCPR, Curitiba
 - 1992** CELMU – 1ª etapa (Curso Ecumênico de Formação e Atualização Litúrgica-Musical – São Bernardo do Campo, SP)
 - 1993** CELMU – 2ª etapa
 - 1994** CELMU – 3ª etapa
 - 1956/57/58.83/84/85/86/87/88/89**
Seminário de aperfeiçoamento de professores de Inglês – Curitiba (40 horas cada)
 - 1972** Treinamento de Criatividade Comunitária
 - 1974** Parapsicologia e Psicologia Dinâmica – Criciúma, SC
 - 1977** Parapsicologia (Pe. Quevedo) – Joinville
 - 1978** Personalidade A – Curitiba
 - 1978** Personalidade B – Curitiba



1950 – Novícios

VIDA MARISTA E TRABALHO APOSTÓLICO

Depois do período de formação, trabalhou nos seguintes locais:

01/01/1954 a 31/12/1955

Colégio Conceição, Passo Fundo, professor

01/01/1956 a 31/12/1958

Colégio Santa Maria (Santa Maria), professor e estudante

01/01/1959 a 31/12/1959

Colégio Roque Gonçalves, Cachoeira do Sul, professor

01/01/1960 a 31/12/1960

Colégio São Francisco (Chapecó), professor

01/01/1961 a 31/12/1963

Ginásio Santa Cruz, Canoinhas, professor

01/01/1964 a 31/12/1966

Colégio Frei Rogério, Joaçaba, professor

01/01/1967 a 30/09/1970

Colégio Paranaense, Curitiba, professor

No passaporte consta que em novembro de 1970, entrada da Espanha pelo porto de Barcelona. Em 5 de abril de 1971, teve visto para permanecer na Espanha por 3 meses. Saiu da Espanha em 21 de agosto de 1971. Significa que nesse tempo fez o 2º Noviciado em El Escorial. Há um requerimento de compra de bilhetes (em francês, língua usada na Casa Generalícia), para Paris, Münchein, Reklinhau-sen, Zurich, Veneze e Roma, com data de 22 de junho de 1971. Provavelmente viajou um pouco pela Europa.



1958 – Alunos em Santa Maria, RS



1956 – Profissão Perpétua

01/08/1971 a 31/12/1971

Colégio São Francisco, Chapecó, professor (estava nomeado, embora estivesse na Espanha)

01/01/1972 a 31/12/1972

Colégio Frei Rogério, Joaçaba, professor

01/01/1973 a 31/07/1976

Colégio Marista, Criciúma, professor

01/08/1976 a 31/12/1979

Residência Marista, Joinville, SC

01/01/1980 a 31/12/1983

Colégio São Bento, São Bento do Sul, professor

01/01/1984 a 31/12/1985

Colégio Marista, Criciúma, professor

01/01/1986 a 31/12/1989

Colégio Aurora, Caçador, professor e pastoral vocacional

01/01/1990 a 28/02/2004

Centro Marista de Formação, Pouso Redondo, pastoral vocacional. Neste período fez o curso de Terceira Idade, em Manizana. O passaporte tem a data de entrada na Itália (21/10/2000) e saída (30/12/2000), pelo aeroporto de Milão. Neste período em que estava fora, aconteceu uma enchente em Pouso Redondo, durante a noite. Os Irmãos acordaram com água dentro do quarto. Num dos lados da BR470, toda a cidade ficou alagada, inclusive a Igreja, pois as madeiras trazidas pela água trancaram na ponte da BR e dificultaram a passagem da água.

01/03/2004 a 31/12/2004

CESMAR, Itapejara D'Oeste, PR, pastoral vocacional

01/03/2005 a 13/02/2006

Centro de Formação Marcelino Champagnat (Postulado), Londrina
Várias atividades, onde veio a falecer em 13 de fevereiro de 2006. A certidão de óbito coloca como “desconhecida” a causa da morte.

O Ir. Rudi foi sepultado no jazigo marista, no Cemitério Água Verde, Curitiba, PR.



Em Roma, depois do 2º Noviciado na Espanha



1960 – Formatura em Letras

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

O Ir. Rudi, por ser músico e poeta, em geral, nunca teve boa organização pessoal. Anotava o que precisava lembrar em cadernetas e em papéis avulsos, de forma um tanto desordenada. Mas guardou consigo algumas preciosas recordações do tempo de formação (6 cadernos) e dos seus trabalhos nos diversos colégios (lista dos alunos):

- O primeiro caderno de caligrafia, quando estava aprendendo a escrever.
- Um caderno de redação, de 1948 a 1953, além das redações, contêm anotações resumidas de aulas, com uma letra impecável. Nota-se que não foram anotações feitas durante as aulas, mas que foram passadas a limpo posteriormente. Outro caderno de redação (1951 - 1953) cujos professores foram, como está escrito na capa, o Irmão Estatueta... e Celso Luft (Ir. Arnulfo Maria). Neste caderno constata-se uma degradação progressiva da letra, no início bem desenhada e uniforme, no final, menor e mais espontânea, mesmo assim bem legível.
- Um caderno de Ensino Religioso, da 4ª série, de 1949, cujo professor foi o Ir. Pedro Finkler; com anotações de aulas e algumas composições.
- Um caderno de 1950, com anotações no Noviciado.
- Dois cadernos de “home work” com textos em Inglês, de 1951, com correções em tinta vermelha.
- Várias fotocópias avulsas dos livros de Registro do Instituto Sagrado Coração de Jesus, de Bom Princípio, com os nomes dos seus colegas de juvenato, das turmas de 1944 e 1945.



Com alunos na
Caverna do Diabo,
quando estava em
Curitiba

- Um caderno com listas de alunos (turmas de alunos), de 1954 (Passo Fundo) a 1965 (Joaçaba) e de alguns outros colégios onde trabalhou (mas não tem a lista dos alunos da minha turma, de Joaçaba, em 1965); outras turmas de alunos estavam em folhas avulsas. Na página onde constava uma turma de alunos de Joaçaba acrescentou também os nomes dos Irmãos da comunidade: Aloísio Kuhn (diretor), André Girardi Neto, Nilo Clemente Tonet, João José Sagin, Villario Zamboni (Ir. Dorval - prefeito dos juvenistas) e Nelson Girardi.
- Planos de passeios de bicicleta, com roteiro e nomes dos alunos que poderiam participar e turma a que pertenciam.
- Diversos cartões de felicitações, especialmente por ocasião do seu jubileu de ouro (50 anos de vida Religiosa) celebrado em maio de 2000, em Pouso Redondo, SC.
- Fotocópia de uma carta escrita em alemão, que poderia ser de sua mãe, porque tem como assinatura “Deine o mutter” (= sua mãe, mas no fronte, a lápis, está escrito “Romilda” que é sua mana mais velha, mas a carta tem data de 16 de setembro de 1964, posterior à morte da mãe).
- Cartas diversas recebidas de pessoas que responderam a missivas suas, geralmente ex-alunos que ele procurava, além de cartões e convites.

A pessoa que trabalhou no arquivo da Casa Provincial organizou bem suas fotografias, de acordo com as técnicas de conservação, mas os dados como data, evento, pessoas sobre elas são raros. Também o mano Hélio enviou fotos da família, nas quais o Ir. Rudi estava presente.

O Ir. Rudi Neis foi um bom músico: é de sua autoria a música do hino de Herval D'Oeste, SC.



Em Caçador, SC

ESPIRITUALIDADE

Sobre a espiritualidade, nada de especial. Seguiu as orações da comunidade, mas gostava do canto e de coisas diferentes.

Uma fotocópia do livro dos anais da casa de Bom Princípio, por ele preservada, trouxe até nós um pouco das atividades religiosas e civis daquele tempo de juvenato, em 1944, do modo como viviam. A folha preservada começa com o final do mês de setembro:

Que Deus, Nosso Senhor, o Sagrado Coração e nossa Boa Mamãe, sejam benditos, louvados e agradecidos pelo estado realmente encantador e animador de toda vegetação, plantação. As árvores frutíferas parecem uma única flor, diversamente matizadas conforme as espécies. As duas hortas, um lençol verde; com alface de valor, tanto pela qualidade como pelo tamanho, as cabeças de repolho em abundância; os canteiros de cenouras pareciam um mato, mas não deixam de ter por baixo; cebola, alho, beterraba, feijão, tomate, radice, tudo provando que Deus se dignou de cumular-nos de suas bênçãos, demonstrando sua magnificência. A ele sejam dados honra, glória, louvor sempiterno.

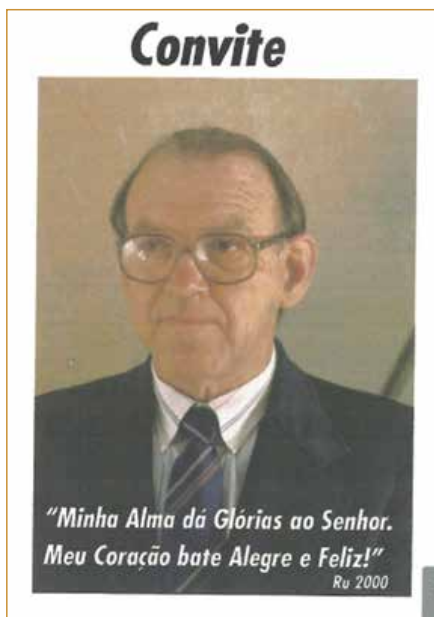
Outubro

Vamos sempre na última missa, porque durante ela se reza o terço e o padre, em lugar das orações do final da missa, reza a ladainha e a oração de S. José, quando o recitador não conseguiu recitá-las.

Depois da pequena elevação fazemos os atos preparatórios à santa comunhão, continuando em seguida o terço, mesmo durante a distribuição. Depois da distribuição, atos de ação de graça, ladainha.

De modo que em nossa capela só temos bênção nas 3^{as}, 5^{as} e sábados. Todos se esforçam para conseguir rezar o rosário todo os dias.

(2) Santos Anjos. Em lugar do catecismo, pequena sessão no pátio, diante da imagem do Anjo da Guarda. Can-



2000 – 50 anos de Vida Religiosa –
Pouso Redondo

to. Exortação, histórias, (faltou) poesia (faltou), canto, um manifesto de gratidão. Agradecemos todos os nossos bons anjos da guarda, pela manifesta proteção que constantemente nos dispensam. Pedimos-lhes que continuem nos guardar sob seu manto protetor.

CORRESPONDÊNCIA

O Ir. Rudi guardava toda a correspondência recebida.

- de ex-alunos, a quem escrevia e eles respondiam; algumas vezes já eram adultos, com famílias formadas, mas recordavam os tempos de estudantes.
- cartinhas que recebia de crianças e adolescentes, nos tempos dos que trabalhou na pastoral vocacional.
- convites diversos, cartões de felicitações etc.
- cartas ao Provincial. Se estivesse viajando ou fazendo um curso, escrevia relatando. Agradecia a oportunidade recebida. Outras cartas eram relatos de problemas na comunidade onde vivia, colocando-se mais ou menos como vítima. Acontece que ele era uma pessoa diferente, nem sempre era acolhido como esperava.

Numa das cartas, fez alguma resistência a uma possível transferência. Depois que surgiram alguns problemas, um Provincial escreveu-lhe colocando limitações em suas atividades.



2000 – 50 anos de Vida Religiosa – Pouso Redondo

Resido em Porto União, SC, mas por ocasião do falecimento do Ir. Rudi João Neis, em fevereiro de 2006, eu estava em Londrina, no Postulado Marista, onde o Ir. Darci L. Kroth era o Superior. Ele costumava me convidar no início de cada ano, para uma etapa de formação a cada novo grupo de postulantes, quando íamos à Chácara Marista de Maringá, que ficava no município de Doutor Camargo, para uma semana de integração e Retiro dos rapazes. Eu era convidada, cada vez, para ser cozinheira do grupo. Além do Ir. Darci L. Kroth, lembro de outros Irmãos que faziam parte da comunidade de Londrina: Ir. Cláudio Girardi, Ir. Antônio Quintiliano, Ir. Ivo A. Strobino, meu mano, e Ir. Rudi João Neis.

Meu mano, Ir. Ivo, tinha sido transferido naquele ano para Curitiba, onde iria fazer parte da comunidade da Casa Provincial. Para fazer a mudança dele, o Ir. Darci havia planejado descer a Guaratuba com os Irmãos Cláudio Girardi, Rudi Neis e Ivo, para quatro dias de descanso na praia. Na viagem de ida, deixariam a mudança do Ir. Ivo em Curitiba e somente depois da praia, no regresso, é que ele ficaria na Casa Provincial. Eu também tinha sido convidada para esse passeio, bem como dona Geralda, funcionária do Postulado, juntamente com seus dois filhos menores: Janaína e Jusleiferson.

Como gentileza, na descida da serra, o Ir. Darci escolheu fazer o percurso pela belíssima Estrada da Graciosa, onde tiramos fotos, talvez as últimas com a presença do Ir. Rudi. Nos quatro dias que ficamos na praia o Ir. Rudi mostrava-se normal, brincalhão, fazendo boas caminhadas em companhia do Ir. Cláudio Girardi.

Ele era um grande músico. Numa das noites, pegou o violino que havia levado junto e, sem parar, durante mais de uma hora, tocou umas vinte músicas, todas de



Dezembro de 2002 – Terceira Idade –
Manziana, Itália



Esse era o seu mundo: a música

cor. Parecia que estava querendo recordar os belos momentos da sua vida. Regressamos para Londrina no dia 10 de fevereiro, despedindo-nos do Ir. Ivo, que ficou em Curitiba, onde iria assumir o cargo de Secretário Provincial, a partir do dia 14 de fevereiro, segunda-feira.

Em Londrina, na volta, o Ir. Rudi disse não estar se sentindo bem. Foi levado para uma consulta médica e recebeu remédios para tomar. Parece que deveria voltar para outros exames na segunda-feira.

A professora Júlia, que dava aulas de Português para os formandos, muito amiga dos Irmãos, desde que soube da nossa volta da praia e que o Ir. Rudi não estava muito bem, veio visitá-lo todos os dias, sempre, trazendo-lhe alguma iguaria, mas ele não mostrava ânimo para comer.

No domingo, dia 13, eu e dona Geralda com seus filhos fomos à missa das 18 horas. O Ir. Rudi ficou acamado, mas sem grandes sintomas de mal-estar. Quando regressamos da missa, naquela tarde, encontramos em casa apenas o Ir. Cláudio Girardi e o Ir. Rudi. Os outros, Ir. Darci e Ir. Antônio Quintiliano, em companhia da professora Júlia, tinham saído para participar de uma apresentação musical.

Então, enquanto jantávamos algo simples preparado por dona Geralda, o Ir. Rudi desceu do seu quarto e veio até nós, segurando-se no corrimão. Comeu apenas um pedaço de fruta, isto é, uma fatia de pera. Na ocasião perguntou se não esquecêramos de tratar os peixinhos do aquário; depois voltou para o quarto. O Ir. Cláudio esteve com ele, ajudando-o a deitar-se.

Quando o Ir. Rudi vomitava, o que aconteceu várias vezes naqueles dias, eu limpava tudo com cuidado e ele agradecia comovido. Depois do jantar dona Geralda foi para sua casa, que ficava perto, na mesma rua do Postulado. Quando eu fui para o quarto, para preparar-me para dormir, logo o Ir. Cláudio bateu na minha porta e pediu que fosse ver o Ir. Rudi, porque ele estava passando mal.

Encontrei-o sentado na cama, tendo espasmos; sentei ao lado dele, tentando apoiá-lo. O Ir. Cláudio começou a abaná-lo e, ao mesmo tempo, iniciou umas orações em voz alta. Naquele momento o Ir. Rudi se recostou em meu ombro e faleceu ali, apoiado em mim.

Então, com a ajuda do Ir. Cláudio, o deitamos inerte na cama. Como os outros Irmãos ainda não tinham regressado, fomos chamar dona Geralda para nos ajudar e telefonarmos para a casa da professora Júlia, supondo que, talvez, os Irmãos estivessem lá. Não tínhamos como nos comunicar com eles. Eles acabaram voltando quase uma hora depois do desenlace do Irmão. Ficaram muito chocados com o ocorrido. Imediatamente tomaram as providências necessárias e telefonaram para os Superiores, em Curitiba.

O Ir. Ivo foi acordado de madrugada, no dia 14 de fevereiro, e teve como seu primeiro trabalho na Secretaria Provincial o encargo de noticiar a morte do Ir. Rudi que, até uma semana antes, tinha sido seu colega de comunidade. É isso que me lembro daquele domingo, lá em Londrina.

DEPOIMENTOS DE COIRMÃOS

“

No ano de 1997, quando cheguei a Pouso Redondo, transferido de Jaraguá do Sul, Ir. Rudi já estava naquela comunidade. Além dele, estavam os Irmãos Alberto e Carlos Rissi. Formávamos um bom quarteto, dentro dos limites apresentados por cada um de nós.

Ir. Rudi, dado seu jeito simplório e despreocupado, causava certas tensões, especialmente nos Irmãos Rissi. Ele, não ligava e levava a vida e o seu trabalho de animação vocacional adiante, com muita entrega. Pessoalmente me dava bem com ele. Sabia relevar seu jeito de ser e vivíamos em paz.

Ir. Rudi era muito dedicado a sua missão de animador vocacional, ainda que não obtivesse muitos resultados. Percorria todas as escolas do Alto Vale do Itajaí, de Rio do Oeste até Santa Terezinha, passando por Ponte Alta do Norte e Timbó Grande. Inseparável do seu teclado, falava de Deus e da vocação a milhares de alunos.

Durante algum tempo também levou seu violino, como meio de sucesso. Ele chegava nas escolas e todos os diretores abriam as portas para seu tra-



Encontro da Família no Farol Santa Marta, SC.

balho. Quando começamos com o Programa Vida Feliz, houve alguns estresseamentos visto que a metodologia era diferente e ele se sentia alijado do processo.

Ir. Rudi e eu formávamos uma boa dupla para os cantos na Igreja local. Ele gostava de tocar e eu me encarregava do canto. Bastava um olhar, um para o outro e os dois sabíamos o que deveria ser feito. Mais tempo de interlúdio, parar na segunda estrofes etc.

Quando havia festa do padroeiro em alguma capela menor desprovidas de pessoal, nos chamavam para ajudar na liturgia. Ele também favorecia que algum aluno da escola de violão pudesse participar. Assim, dizia ele, a música fica mais bonita e os jovens vão aprendendo. Diria que alguns talentos para a música foram descobertos assim por ele.

Morei oito anos com o Ir. Rudi na comunidade de Pouso Redondo. Sempre nos damos bem. Se por algum motivo tivesse que chamar a sua atenção, ele aceitava o aviso e dentro do seu possível, buscava fazer o combinado. Digamos que me aceitava bem como superior da comunidade. Sabia relevar seu jeito de ser e vivíamos em paz.

Depois que os Irmãos Rissi foram para outras comunidades e outros Irmãos vieram para Pouso Redondo, em muitas oportunidades ele e eu ficamos sozinhos na casa. Então aproveitávamos para cantar todos os salmos do ofício de laudes e de vésperas. Ele no teclado e cada um fazia um coro.

Apesar do Ir. Rudi ser uma pessoa um tanto polêmica, era gente boa. Sabia pedir desculpas sempre que necessário fosse. Mesmo depois de alguma rusga, ele estava disposto a uma boa conversa. Uma das suas características era a de buscar a solução dos problemas por um caminho não lógico. Não se contentava em fazer as coisas do jeito normal. Isso trazia algum aborrecimento comunitário e mesmo na sua missão. Ele também havia optado pelo simples, pelo pobre, pelo antigo e desprezado. Entre um instrumento novo e um antigo ele preferia o antigo. Ajeitava o que necessitava, colando ou simplesmente juntando as peças com fita adesiva. Muitas vezes, na hora “H”, o aparelho falhava por ter sido mal arrumado. Quase tudo o que fazia ficava incompleto.

Na cidade, Ir. Rudi era conhecido de todos pelos seus dotes musicais e pelo ronco do fusca. As más línguas diziam que quando ouviam o fusca do Rudi roncar, estacionavam seu carro, ou abriam caminho para ele passar vis-



Encontro da família em Vale Vêneto, RS

to que não respeitava as ruas preferenciais. Ele gostava mesmo era de viajar por estradas de barro. Quanto mais buracos, mas rápido andava. Teve centenas de pequenos acidentes, mas nenhum espetacular.

Certa vez fomos ele e eu a um jantar de aniversário na casa da minha sobrinha em Taió. Estavam presentes umas 8 ou 10 crianças beirando os 4 a 10 anos de idade. Depois da sobremesa, ficamos jogando conversa fora na sala. Bem mais adiante alguém deu o alarme:

Cadê as crianças que não fazem mais barulho? Olhamos para o jardim, e lá estavam elas deitadas no gramado e o Ir. Rudi, de pé, com uma varinha na mão, explicando sobre as estrelas e os planetas. Nós os adultos acabamos ficando ali alguns minutos ouvindo a explicação e admirando o silêncio da petizada.

Assim era o Ir. Rudi: gente boa, dedicado à sua missão, criativo, com espiritualidade própria, amante do que era simples e antigo, de bom coração com as pessoas simples e pobres. Diria que era do “método confuso” ao explicar as coisas. Deixou marcas por onde passou. Algumas boas e outras, nem tanto. Por seu sorriso franco, seu jeito simplório e suas posições firmes, chegando à teimosia em alguns momentos, ele será lembrado por muitos e por longos anos. Um marista de Champagnat diferente!

”



Ir. Joaquim Sperandio



Conheci do Ir. Rudi J. Neis no juvenato de Joaçaba, em 1965, quando foi meu professor de Inglês. Na época, tentou inovar usando o Método Mágico in English, baseado em gravação de áudio e texto. Penso que não deu muito certo: aprendi pouco e formei tal aversão a essa língua que nunca consegui aprendê-la satisfatoriamente, mesmo porque tinha minhas dificuldades com as línguas. Eu me dava melhor com Matemática, Ciências e Desenho Geométrico.

Às vezes consigo entender alguma coisa simples, escrita. Hoje, ao ouvir o Inglês da TV a cabo, só consigo identificar palavras em meio a uma fala, mas não consigo entender o assunto que está sendo tratado. Infelizmente, outros professores, nos anos seguintes, reforçaram a minha primeira percepção de forma que criei uma resistência considerável ao Inglês. Mais tarde, mesmo tentando com outros métodos, nem cheguei ao básico. Com algum esforço sempre consegui as notas necessárias, até para assar sem exames finais, como se dizia na época, mas foi só. Na prática, fui reprovado.

Certo dia, ao voltar de Roma para o Brasil, para férias, devia fazer uma escala em Londres, mas o avião saiu com atraso de Roma, o que me fez perder a conexão.

No aeroporto de Londres, uma funcionária que falava um pouco de espanhol salvou a situação. Mandaram-me para um hotel ao lado do aeroporto. Nem consegui dormir aquela noite. Levantei cedo e tive a sorte de encontrar, trabalhando na recepção do hotel, uma garota italiana. Fiz o que precisava fazer ali e fui para o aeroporto, para tomar outro avião para Madrid mas também queria carregar o telefone celular, pois as tomadas do hotel eram diferentes. Tudo ainda estava fechado e sem indicações abertas, comecei a fazer perguntas aos funcionários que já tinham chegado, com as poucas palavras que eu sabia. Mas não consegui entender as respostas, que vinham com um vocabulário que me era desconhecido. Aí senti o dano provocado pelos meus professores de Inglês e por mim mesmo, por não ter me esforçado mais para aprender.

Já naquele tempo se percebia que o nosso biografado não era uma pessoa organizada. Gostava de música, ensinava-a para alguns juvenistas menores, por causa da sua tendência pessoal, com certa contestação dos maiores.

Fazia alguns experimentos com reações químicas para gerar eletricidade, numa oficina, onde se faziam os cabos para as enxadas, com misturas ácidas, inclusive com casca de arroz em decomposição, e inseria nelas eletrodos

de metais diferentes (cobre e zinco) para obter eletricidade. Parece que era apenas curiosidade.

Dava aulas também para o curso de Contabilidade, de noite, onde minha mana mais velha estudava. Lá ganhou o apelido de “guspão” porque se atrapalhava ao falar. Certo dia, em nossa turma, um colega que sentava no primeiro banco, perto do professor, sem falar nada, protegeu-se com um livro aberto. Todos entenderam...

Não era raro que em algumas noites, tendo insônia, o Ir. Rudi, levantasse e se trancasse numa sala de aula para ensaiar com seu pistão. Aliás, era músico que tocava muitos instrumentos: teclados, acordeão, violino, pistão, gaita de boca etc. Nem é preciso dizer que o som escapava da sala e perturbava os que queriam dormir! Eu nunca me acordei por este motivo. Para mim ficou só o relato dos outros!

Depois, acompanhei-o de longe, pois nunca mais fiquei na mesma comunidade. Nos retiros e encontros da Província, sempre trazia dois miniteclados eletrônicos e um amplificador portátil, com os quais sustentava os cantos nas orações dos Irmãos. Constatando que ele tinha certa dificuldade em escrever as partituras, certa vez dei a ele um programa de música pirateado, o Cakewalk. Em meu computador eu tinha esse programa instalado, adquirido legalmente, mas não podia dispô-lo para outras pessoas.

Ele o usou algumas vezes e até fez com ele as partituras do Hino de Herval D'Oeste, do qual é autor. As partituras estão guardadas no arquivo. Percebi que estava mais interessado em descobrir como funcionava o programa do que em escrever partituras com ele. Ao morrer, deixou em seu computador algumas músicas feitas nesse programa, salvas na linguagem “mediaplayer”. Certamente ocupou-se com ele em bons momentos. Valeu minha boa intenção!

Uma história que me contaram:

Quando trabalhou na promoção vocacional (1990 a 2004) tendo por base a comunidade de Pouso Redondo, percorria a diocese de Rio do Sul com um automóvel Volkswagen bastante usado. Certa vez, numa estrada do interior, em dia de muita chuva, a água passava por sobre a ponte. Bem a seu feitio, ele arriscou passar assim mesmo. O carro começou a boiar e foi levado pela correnteza até parar numa pedra. Só com muito custo conseguiu sair do veículo. Um grupo de agricultores puxou o carro para a margem e colocou-o a salvo.

Ir. Roque Brugnara



“

Convivi com ele dois anos em Londrina, no postulado. Ocupava-se com a música e dava algumas aulas. O forte dele era a música. Gostava também do trabalho manual.

Era um grande colega. Sempre disposto para o que desse e viesse. Assisti aos últimos instantes dele. Os dois últimos dias de vida dele foram um sábado e um domingo.

Contava o Irmão Darci que era o Diretor e muitas vezes fazia trabalhos junto com ele, que o Irmão Rudi vivia se queixando de umas dores. No sábado que antecedeu seu falecimento, sentiu-se mais abatido e o Irmão Darci foi com ele à Santa Casa, para consultar um médico. Esperaram a manhã inteira e não foram atendidos. Voltaram então para casa. No domingo pela manhã, dizia sentir dores e passou o dia recolhido no quarto ou dando uns passos pelos corredores.

Às 22h, antes de deitar, passei pelo quarto dele e me disse que ia tomar banho, para se deitar. Esperei que voltasse do banho e que se deitasse. Disse-me que queria dormir. Então retirei-me. Acordei à meia noite e fui ao quarto dele, para verificar como estava. Encontrei-o sentado nos pés da cama, já praticamente agonizando. Chamei então a mana do Irmão Ivo que estava de visita em Londrina e com a ajuda dela, repusemos o Irmão na cama e fizemos o possível para reanimá-lo. Imediatamente, chamamos o pronto socorro que só se apresentou uma hora e meia depois, quando não havia mais o que fazer. Assim faleceu nosso caro Irmão Rudi.

O corpo foi trasladado para Curitiba e velado numa capela do Cemitério Água Verde. Depois da missa de corpo presente e da encomendação, foi depositado no Jazigo Marista daquele Cemitério, em Curitiba. Manos e manas dele estiveram nas exéquias e deram seu testemunho a respeito deste Irmão que muito estimavam.

Testemunho de autor não identificado. Pelo estilo e pelo que descreve, parece ser o **Ir. Cláudio Girardi**

”

“

Irmão um tanto diferente, sem muita organização e disciplina, excelente músico (organista), professor de Inglês e Música. Apreciava passeios de bicicleta com os alunos e ensaiar corais de crianças para cantar em Missas e outras apresentações. Convivi com ele no Colégio Marista de Criciúma.



Ir. Pedro João Wolter

”

“

Quando eu fui para Bom Princípio, já haviam ingressado nos Maristas o Rudi e Laudi. Do lado feminino, Romilda e Hildegardt tinham ingressado em conventos femininos. De modo que eu fui o quinto ingressar no juvenato. Eu parece que estava programado para ir estudar no Kapesberg, dos Padres Jesuítas, mas mudei poucas semanas antes de partir; acabei no mesmo lugar onde dois manos meus já haviam ido.

Havia um acordo tácito entre pai e filhos: todos deviam continuar os estudos. Os homens, nos Maristas., as mulheres, nas freiras. Casualmente o pai tinha algum dinheiro para bancar. Não podemos esquecer que o Ir. Fridolino tinha uma presença marcante em S. Paulo das Missões. Rivalizava com o vigário e foi uma das figuras mais marcantes que conheci. De uma família de doze, apenas a última – Elmi – não foi para um convento.

Dito isto, quero me eximir de fazer um comentário sobre a influência que teve a família na escolha que o Ir. Rudi fez para ingressar na vida Marista.

Olavo Neiss

”

“

Na nossa família, devido à constante existência de menores e “e mais menores”, a técnica que a mãe usava era a de que o mais velho, se quisesse sair, principalmente aos domingos, devia levar o imediatamente posterior a ele. Assim, meu destino era andar com o Rudi.

Certa época, nos idos de 1940, havia um “estado de guerra” entre os garotos que moravam à esquerda do Rio Dançarinos, que passava nos fundos de nossa terra e os que moravam do lado direito do mesmo. Assim, os Neis, Scher, Stein, Zwirtes etc eram contra os Werle, Khun... e outras famílias que moravam no outro lado.

Para certo domingo foi definido que iria sair a guerra. Foi uma conversa da semana inteira. Eu não entendia nada daquilo, mas estava com a turma. Quando chegou certa hora da tarde, ouviram-se gritos de ambos os lados. E também aos gritos, começaram a juntar pedras, para serem jogadas. De cada lado havia aproximadamente 10 a 15 pessoas. O Rudi me pegou, enfiou entre as raízes de uma árvore maior e disse: “Nós vamos fazer uma guerra. Não saia daí, de jeito nenhum! Não quero ter que explicar para a mãe que você levou uma pedrada durante a guerra. E não diga nada disso a nossos pais”.

Essa “guerra” durou umas duas horas. Quando perguntei ao Rudi qual era o motivo, ele não disse nada. Muitos anos depois perguntei de novo e ele simplesmente desconversou. Afinal a “guerra” era contra o atual provincial dele...

Laudelino Neis

”

“

Conheci o Ir. Rudi no Colégio Santa Maria, de Santa Maria, RS, a partir de 1956. Regente do Curso de Admissão, com muita criatividade celebrava com seus alunos os meses de maio e outubro, enfeitando de flores e luzes a sala de aula.

Era organista nas missas do internato, animadas por um Coral de Irmãos e de internos (soprano e tenor). Entre os Coirmãos tinha o apelido de “Beda, o venerável”. Contam que na alfândega da Espanha, ao funcionário que lhe pediu o “apelido” (o sobrenome), teria respondido: “Eu não tenho apelido, mas sou conhecido por ‘Beda, o venerável’”. De notável pendor musical, dominava muito bem o teclado e a gaita de boca.

*Participamos, em São Bernardo do Campo, SP, do I CELMU (Curso Ecu-
mênico de Formação Litúrgico-Musical), em que ele se notabilizou no uso de um tecladinho acoplado a pequenas caixas de som. Grande harmonizador de melodias, gravou vários cassetes.*

Amante da natureza, apreciava passeios e escaladas, como demonstrou no CEMAR, em Teresópolis, RJ, subindo ao pico Dedo de Deus, de 1.692m de altitude, no Parque da Serra dos Órgãos.

Ir. Salvador Durante

”